

VITOR APARECIDO SANTOS DE PAULA

**RELIGIÃO E POLÍTICA NO VALE DO PARANAPANEMA:
a Igreja do Evangelho Quadrangular em Assis-SP (1996-2008)**

ASSIS
2012

VITOR APARECIDO SANTOS DE PAULA

**RELIGIÃO E POLÍTICA NO VALE DO PARANAPANEMA:
a Igreja do Evangelho Quadrangular em Assis-SP (1996-2008)**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para obtenção do título de Mestre em História (Área de Conhecimento: História e Sociedade).

Orientador: Prof. Dr. Milton Carlos Costa

ASSIS

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

P324r Paula, Vitor Aparecido Santos de
Religião e política no Vale do Paranapanema: a Igreja do
Evangelho Quadrangular em Assis-SP (1996-2008) / Vitor
Aparecido Santos de Paula. Assis, 2012.
148 f. : il.

Dissertação de Mestrado - Faculdade de Ciências e Letras
de Assis- Universidade Estadual Paulista.
Orientador: Prof. Dr. Milton Carlos Costa

1. Pentecostalismo. 2. Igrejas pentecostais. 3. Religião e po-
lítica. 4. Assis (SP) – História. I. Título.

CDD 289.9
981.612

Aos meus pais, pelo amor, carinho e dedicação.

Às minhas irmãs, pelo companheirismo e amor.

À Vivian, minha esposa, por estar ao meu lado em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida;

Aos meus pais, Pedro e Fátima, por todo o amor e carinho. Às minhas irmãs, Priscila e Patrícia, pela alegria e o prazer da convivência;

À minha esposa Vivian, amada companheira presente em todos os momentos;

Aos meus professores e orientadores Sidinei Galli e Milton Carlos Costa, por terem acreditado na viabilidade da presente pesquisa. À professora Andréa Lúcia Dorini de Oliveira Carvalho Rossi, pelas sugestões ao projeto durante a disciplina de Seminários de Pesquisa. Aos professores Paulo Alves e Milton Carlos Costa, novamente, pela leitura cuidadosa do texto para o Exame de Qualificação;

Aos professores e funcionários da Unesp/Assis;

Aos pastores e membros da Igreja do Evangelho Quadrangular, que carinhosamente me receberam e aceitaram participar da pesquisa;

Aos amigos que me acompanham, compartilhando a aventura de viver;

Aos amigos (alunos, professores e funcionários), das escolas E.E. Profº Dr. Antonio de Benedictis, de Pedrinhas Paulista-SP, e E.E. Rafael de Oliveira, Jundiaí-SP;

O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.

PAULA, Vítor Aparecido Santos de. *Religião e política no Vale do Paranapanema: a Igreja do Evangelho Quadrangular em Assis-SP (1996-2008)*. 2012. 148 f. : II. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2012.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender e analisar historicamente a inserção das igrejas pentecostais no campo político brasileiro tomando como eixo de análise a Igreja do Evangelho Quadrangular, na cidade de Assis-SP, entre os anos de 1996 e 2008. No referido período, a Igreja do Evangelho Quadrangular conseguiu, com a mobilização de seus fieis, eleger representantes à Câmara Vereadores de Assis em três legislaturas consecutivas. Em uma cidade marcada historicamente pela proximidade entre o catolicismo e o campo político a entrada de evangélicos na política acabou por deslocar para o campo político disputas próprias do campo religioso. Durante o trabalho procurou-se contextualizar, política e teologicamente, a inserção pentecostal no campo religioso brasileiro, bem como, atentar para as características administrativas e teológicas da Igreja do Evangelho Quadrangular. Deu-se ênfase ao estudo do campo religioso assisense em sua relação com o campo político e ao estabelecimento da Igreja do Evangelho Quadrangular na cidade de Assis. Por fim, procurou-se delimitar as ações desenvolvidas por esta igreja no sentido de obter sucesso junto ao campo político e os perfis de seus representantes eleitos à Câmara de Vereadores local.

Palavras-chave: Pentecostalismo; Igreja do Evangelho Quadrangular; política; Assis.

PAULA, Vitor Aparecido Santos de. *Religion and politics in the Paranapanema Valley: the Church of the Foursquare Gospel in Assis-SP (1996-2008)*. 2012. 148 f. : II. Dissertation (History Master's degree) – Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2012.

ABSTRACT

The present study aims to understand and analyze historically the insertion of Pentecostal churches in the Brazilian political field as an analysis taking the Church of the Foursquare Gospel in the city of Assis, São Paulo, between 1996 and 2008. In that period, the Foursquare Gospel Church has potten, with the mobilization of its faithful, to elect representatives to the Board of Aldermen Assis in three consecutive legislatures. In a city historically marked by the proximity between Catholicism and the political the entry of evangelicals into politics eventually move to the political disputes of their own religious field. During the study sought to contextualize politically and theologically, the insertion Pentecostal Brazilian religious field, as well as pay attention to administrative and theological characteristics of the Foursquare Gospel Church. Emphasis was placed on the study of the field religious assisense in its relation to the political field and on the establishment of the Church of the Foursquare Gospel in the city of Assis. Finally, it is sought to define the actions developed by this church in order to succeed with the political field and the profiles of their elected representatives to the City Council site.

Keywords: Pentecostalism, Foursquare Gospel Church; policy; Assis.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Evidências dos milagres ocorridos em Assis	88
Imagem 2: Batismo realizado por Mario de Oliveira em Assis	88
Imagem 3: <i>Outdoor</i> produzido com base na Campanha da Fraternidade de 1996.....	95
Imagem 4: Fieis que acorrem à casa de Joana Pizelli para rezar aos pés da imagem de Nossa Senhora	100
Imagem 5: Fotografia da imagem de Nossa Senhora encontrada por Francisco Ovídio da Silva	103
Imagem 6: Fotografia do momento em que pétalas teriam se transformado em hóstia	104
Imagem 7: Prédio da Igreja do Evangelho Quadrangular – Sede – Assis (2012)	116

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Resumo Estatístico da Igreja Quadrangular no Brasil	55
Tabela 2 - Simbologia Quadrangular	58
Tabela 3 - Simbolismo na Bandeira Quadrangular	59
Tabela 4 - Símbolos utilizados pela IEQ	60
Tabela 5 - Organização dos grupos missionários por faixa etária	68
Tabela 6 - População do município de Assis (1950-1980)	90
Tabela 7 - Distribuição populacional por vínculo religioso em Assis-SP.....	113
Tabela 8 - Distribuição denominacional da população evangélica de Assis-SP.....	114
Tabela 9 - Votos recebidos pelos candidatos da IEQ em Assis (1996-2008)	131

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

CED – Conselho Estadual de Diretores

CND – Conselho Nacional de Diretores

EBQ – Escola Bíblica Quadrangular

IEQ – Igreja do Evangelho Quadrangular

IPTU – Imposto Predial e Territorial Urbano

ITQ – Instituto Teológico Quadrangular

PDL – Projeto de Decreto Legislativo

PFL – Partido da Frente Liberal

PL – Partido Liberal

PL – Projeto de Lei

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

PT – Partido dos Trabalhadores

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

SUMÁRIO

Introdução	12
1 Pentecostalismo, participação política e cidadania no Brasil	21
1.1 A inserção pentecostal no campo político brasileiro	21
1.2 Cidadania no Brasil: retrocessos e avanços	22
1.3 Pentecostalismo e participação política	34
1.4 Pentecostais na política: um contexto político e teológico	39
2 Pentecostalismo no Brasil: A igreja do Evangelho Quadrangular	49
2.1 O início	49
2.2 A Igreja do Evangelho Quadrangular no Brasil	51
2.3 As bases teológicas do “Evangelho Quadrangular”	55
2.4 Organização administrativa e eclesiástica	63
2.4.1 Os Grupos Missionários	67
2.4.2 Carreira pastoral: a entrada no ministério	69
2.5 A Secretaria Geral de Cidadania Quadrangular	70
2.5.1 Cidadania quadrangular	75
3 Religião e Política: A Igreja do Evangelho Quadrangular em Assis-SP	79
3.1 Os campos político e religioso assisenses	79
3.2 A Igreja do Evangelho Quadrangular na cidade de Assis-SP	86
3.3 Mudanças no campo religioso local: as décadas de 1970 a 1990	91
3.3.1 Um contexto de magia no campo local	97
3.4 A presença pentecostal no campo político assisense	107
3.4.1 Perfil: Dirlei Gonçalves	109
3.4.1.1 Campanha eleitoral.....	115
3.4.1.2 Atuação legislativa	118
3.4.2 Perfil: Cristiano Manfio	127
3.4.2.1 Ingresso na política e campanha eleitoral	128
3.4.2.2 Atuação legislativa	132
3.5 Bíblia e política	134
Considerações finais	137
Referências Bibliográficas	141

1 – Introdução

O presente trabalho tem como objetivo compreender e analisar historicamente a inserção de igrejas pentecostais no campo político brasileiro, tomando como eixo de análise a Igreja do Evangelho Quadrangular na cidade de Assis-SP, entre os anos de 1996 e 2008. No referido período, a Igreja do Evangelho Quadrangular conseguiu eleger representantes à Câmara de Vereadores em três legislaturas consecutivas, 1996-2000, 2001-2004 e 2005-2008.

Nas últimas décadas, observamos no Brasil o crescimento das manifestações religiosas. Cada vez mais, pessoas dos diferentes estratos sociais passaram a buscar na religião respostas às aflições e incertezas que marcam a vida humana. No bojo desse movimento as igrejas pentecostais tem se destacado, alcançando grande visibilidade social e expansão numérica, o que é demonstrado, por exemplo, pelos números divulgados pelo censo demográfico realizado pelo IBGE no ano de 2000. Segundo os dados divulgados, as igrejas evangélicas pentecostais contavam, naquele momento, com 17.617.307 fiéis, o que representava aproximadamente 10,3% da população estimada em um total de 169.872.856 habitantes.¹

Hoje, constata-se inequivocamente que as igrejas pentecostais ampliaram e diversificaram, sobretudo nas últimas três décadas, os seus campos de atuação. Espaços antes rejeitados pelos pentecostais, como a política e a mídia eletrônica, são cada vez mais visados por esses grupos. Conseqüentemente, nos últimos anos, tem aumentado o interesse acadêmico acerca do crescimento e da atuação das igrejas pentecostais junto às diversas esferas do social. Mas não é apenas do meio acadêmico que este movimento religioso desperta atenção, são

¹ IBGE - *Censo Demográfico 2000*. Disponível em http://www.mai.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=75&Itemid=69, consultado em 19/11/2011.

inúmeros os trabalhos jornalísticos, tanto na mídia escrita quanto na mídia eletrônica, em que os olhares se voltam para a atuação das igrejas pentecostais. Todo esse interesse tem sido nutrido em grande parte devido à atuação das igrejas evangélicas, pentecostais e neopentecostais, junto ao campo político. Já não se pode mais analisar o campo político brasileiro sem levar em consideração a participação das igrejas evangélicas.²

As relações entre a História e o estudo das religiões remontam a um passado distante, sendo que as atuais preocupações presentes nas relações entre historiografia e religião são herdeiras de discussões desenvolvidas no campo historiográfico ao longo dos dois últimos séculos.³ No Brasil, como ressaltou Albuquerque, nas últimas décadas, a perspectiva que tem encontrado mais eco entre os historiadores da religião é a da História Religiosa.⁴ Essa vertente historiográfica contrasta com a perspectiva da História das Religiões, que tem como elemento constitutivo e próprio a comparação entre as diferentes religiões por:

tratar especificamente de uma religião [...]. Ademais, pode se desenvolver aspectos históricos como as relações de uma ou várias religiões com a política, analisar a atuação de sujeitos históricos individuais [...] ou coletivos.⁵

No entanto, embora exista essa diferenciação teórico-metodológica:

Todo estudioso acadêmico da religião sabe que em vários momentos de sua pesquisa surgem questões que podem estar tanto em um como em outro campo, ou seja, podem ser da História das Religiões quanto da História Religiosa.⁶

Na perspectiva da História Religiosa, segundo Dominique Julia,⁷ o estudo da religião deixou de exigir a atribuição de um domínio próprio e específico para a sua abordagem, ao mesmo tempo em que “ganhou em complexidade, porque novas relações

² No decorrer do texto utilizamos a expressão “igrejas evangélicas” para nos referirmos às denominações religiosas pentecostais e neopentecostais.

³ ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. “Da História Religiosa à História Cultural do sagrado”. *História e Sociedade*. Vol. 5, n. 5, 2007, p. 37.

⁴ Idem, “Distinções no campo de estudos da religião e da história”. In: GUERRIERO, Silas (org.) *O estudos da religião: desafios contemporâneos*. São Paulo: Paulinas, 2003. P. 57-68.

⁵ *Ibidem*, p. 64.

⁶ *Ibidem*, p. 66.

⁷ JULIA, Dominique. “História religiosa”. In: LE GOFF, J; NORA, P. (Org.) *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 106-131.

históricas vieram à tona”.⁸ Nessa perspectiva, houve uma reaproximação dos historiadores para as relações estabelecidas entre religião e política, como aponta Aline Coutroul:

As ligações íntimas entre religião e política durante muito tempo foram desprezadas pela história do político [...]. Hoje [com o advento da história religiosa] as forças religiosas são levadas em consideração como fator de explicação política em numerosos domínios. Elas fazem parte do tecido político, relativizando a intransigência das explicações baseadas em fatores sócio-econômicos.⁹

No Brasil, durante muito tempo o estudo da temática “igrejas pentecostais e política” foi conduzida majoritariamente por cientistas sociais. Dentro desse quadro boa parte dos trabalhos realizados, na década de 1970, enxergou no pentecostalismo um fator de “alienação política”.¹⁰ Representativo dessa produção é a afirmação de Francisco Cartaxo Rolim de que:

Tal qual está sendo implantado entre nós, o pentecostalismo é um mundo sacral que oprime por que expropria. Não apenas oprime porque afoga seus adeptos no mar da sacralidade [...]. Expropria o pobre dos instrumentos da luta contra a sua pobreza. Desarma-o, embora o adestre moralmente para ser um bom e obediente servidor do patrão.¹¹

Nas últimas décadas, o envolvimento de igrejas evangélicas no campo político-partidário e sua forte presença junto aos meios de comunicação colocou em xeque as possibilidades desse modelo explicativo. O fiel pentecostal não é mais levado a colocar as suas esperanças num mundo porvir, antes, é convocado a viver e modificar o presente.

Situada no contexto acima apresentado a execução da presente pesquisa pautou-se, inicialmente, pelas orientações teórico-metodológicas levantadas pelo historiador Michel de Certeau¹² que ao voltar-se sobre a história religiosa da França do século XVII, defendeu o posicionamento segundo o qual o historiador deve fundamentar sua análise do

⁸ ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. “Historiografia e religião”. *Revista Eletrônica NURES – Núcleo de Estudos Religião e Sociedade*, São Paulo, ano 3, n. 3, p. 1-10, jan/abr. 2007.

⁹ COUTROUT, Aline. “Religião e política”. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

¹⁰ Cf. D’EPINAY, Christian L. *Refúgio das Massas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970; CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira. *Católicos, Protestantes e Espíritas*. Petrópolis: Vozes, 1973; ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostalismo: gênese, estrutura e funções*. São Paulo, USP, 1976. (Tese de Doutorado).

¹¹ ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostalismo: gênese, estrutura e funções*, p. 185

¹² CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

fenômeno religioso considerando-o a partir de sua lógica interna e, não somente, a partir de condicionamentos externos. Segundo Certeau, partindo dessa perspectiva a religião deixa de ser vista como um reflexo de outra coisa diferente de si ou como uma forma de instrumentalizar interesses alheios.¹³ Neste ponto, o estudo da teologia pentecostal e das transformações sofridas por esta, nas últimas décadas, mostrou-se de grande importância. Entendemos que é a partir da forma como enxerga e se relaciona com o sagrado que o homem religioso procura atuar no seu cotidiano.

Partindo desses pressupostos, ao analisar a configuração histórica da Igreja do Evangelho Quadrangular em sua relação com o campo político, os conceitos oferecidos pela sociologia de Pierre Bourdieu nos ofereceram a possibilidade de realizar uma pesquisa interdisciplinar alinhada à perspectiva sócio-histórica. O que foi positivo, por tornar mais ricas as possibilidades de análise do objeto em estudo, mas, por outro lado, requerendo o cuidado metodológico de historicizar os conceitos utilizados, pensando-os a partir das especificidades que o objeto histórico requer.

Assim, utilizamos os conceitos de “*habitus*”, “campo” e “capital simbólico”.

O *habitus*, segundo Pierre Bourdieu, configura-se como:

[...] um sistema de disposições duradouras adquirido pelo indivíduo durante o processo de socialização. As disposições são atitudes, inclinações para perceber, sentir, fazer e pensar, interiorizados pelos indivíduos em razão de suas condições objetivas de existência, e que funcionam então como princípios inconscientes de ação, percepção e reflexão.¹⁴

Buscamos por meio do conceito de *habitus* apreender os elementos que possibilitam ao fiel pentecostal construir um sentimento de pertencimento ao grupo, o que torna possível a manutenção da comunidade religiosa, assim como, os sentimentos e aspirações que permeiam as relações entre a instituição religiosa, pastores e fiéis. Por outro

¹³ Ibidem, p. 131.

¹⁴ BONNEWITZ, Patrice. *Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu*. Petrópolis: Vozes, 2003. p 77.

lado, a compreensão do *habitus* religioso foi elucidativa para a análise da atuação dos líderes religiosos junto ao campo político.

A compreensão do *habitus* religioso foi ampliada por meio do “Método da Observação Participante”¹⁵ e da coleta de depoimentos orais. A prática da “observação participante” pode ser conceituada como:

O processo no qual um investigador estabelece um relacionamento multilateral e de prazo relativamente longo com uma associação humana na sua situação natural com o propósito de desenvolver um entendimento científico daquele grupo.¹⁶

Para tanto, foram realizadas pesquisas de campo – observação participante -, nas igrejas do Evangelho Quadrangular, na cidade de Assis, no período de junho de 2009 a dezembro de 2010, com registro em diário de campo, catalogação e análise. Durante este período participamos dos cultos dominicais e das aulas bíblicas oferecidas pela igreja. Ao utilizar o método antropológico da Observação Participante pretendemos evitar o risco de incorrer em interpretações precipitadas ou superficiais, uma vez que ele nos possibilitou uma inserção mais densa nas práticas e representações vivenciadas pelos líderes e fiéis da Igreja do Evangelho Quadrangular, nos permitindo “efetuar interpretações com maior correspondência ao modo como os próprios integrantes vivenciam a sua crença”¹⁷.

Outro conceito chave para o desenvolvimento da presente pesquisa foi o conceito de “campo”. Em relação a este conceito, Bourdieu afirma que ele se revela como:

[...] um microcosmo no qual estão imersos os agentes sociais e as instituições produtoras, reprodutoras e transmissoras dos saberes, práticas e modos de pensar sujeitos a leis sociais próprias, possuindo relativa autonomia em relação ao macrocosmo, não obstante sofrerem as imposições deste.¹⁸

¹⁵ PROENÇA, Wander de Lara. “Contribuições do Método da Observação Participante para pesquisas no campo religioso brasileiro”. *Revista Antropos* – v. 2, Ano I, Maio de 2008. p. 8-33.

¹⁶ MAY, Tim. *Pesquisa social. Questões, métodos e processos*. Porto Alegre: Artmed, 2001. p.177.

¹⁷ PROENÇA, Wander de Lara. “Contribuições do Método da Observação Participante para pesquisas no campo religioso brasileiro”, p. 16.

¹⁸ SILVA, C. N. *As ações assistenciais promovidas pelas Igrejas Pentecostais no Município de Londrina (1970 – 1990)*. Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis. Universidade Estadual Paulista, 2008. (Tese de Doutorado). p. 16.

Para uma melhor compreensão do funcionamento dos diversos campos, o autor, sugere que seu funcionamento seja analisado de modo análogo ao do mercado de bens de consumo:

[...] um campo pode se concebido como um mercado, com produtores e consumidores de bens, os produtores, indivíduos dotados de capitais específicos, se enfrentam. A razão dessas lutas é a acumulação da forma de capital que garante a dominação do campo. O capital aparece então, ao mesmo tempo, como meio e como fim. A estrutura do campo, num dado momento da história, mostra a relação de força entre os agentes. Nesse sentido o campo é um espaço de forças opostas.¹⁹

Especificamente no caso do campo político, os diferentes agentes buscam acumular o que Bourdieu denominou de “capital político”. Segundo o autor, o capital político constitui uma forma de capital simbólico, um “crédito firmado na crença e no reconhecimento [...] pelos quais os agentes conferem a uma pessoa os próprios poderes que eles lhes reconhecem”.²⁰ Dessa forma, o sucesso alcançado pelo homem político se dá graças a autoridade que este possui no campo político, que é diretamente proporcional à força de mobilização que este tem junto às massas.

Bourdieu afirma também que grande parte desse capital político é fruto da reconversão de capital de outros campos para o campo político:

O capital de ‘notoriedade’ e de ‘popularidade’ [...] é freqüentemente produto da reconversão de um capital de notoriedade acumulado em outros domínios e, em particular, em profissões que, como as profissões liberais, permitem tempo livre e supõem um certo capital cultural ou, como no caso dos advogados, um domínio pessoal da eloquência.²¹

Assim, levantamos a hipótese de que o sucesso alcançado por pastores no campo político está, entre outros fatores, baseado diretamente na capacidade destes em reconverter o capital simbólico religioso para o campo político, mobilizando o apoio de seus fiéis a este empreendimento.

¹⁹ Apud. BONNEWITZ, Patrice. *Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu*. Petrópolis: Vozes, 2003. p 60-61.

²⁰ BOURDIEU, P. *O poder simbólico*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 189.

²¹ *Ibidem*, p. 191.

Da mesma forma, o posicionamento dos agentes sociais nos diferentes campos está diretamente ligado ao volume e a estrutura do capital de que dispõem, dessa forma compreender quais os elementos que contribuem para conformação do capital simbólico, religioso e político, assim como os meios que permitem aos agentes a reconversão de capital de um campo para outro se mostra essencial. Há uma diferenciação entre os capitais que são valorizados em cada campo. No caso específico da pesquisa realizada, em que nos deparamos diretamente com as relações estabelecidas entre os campos da religião e da política, identificar as estruturas específicas de cada um destes campos e o tipo de capital que neles são valorizados é essencial para entender os conflitos e ajustamentos a que tem se submetido os agentes envolvidos nessas relações.

Por fim, em relação à produção e utilização de fontes orais, utilizamos como referenciais teóricos e metodológicos os trabalhos de Paul Thompson²² e Verena Alberti²³. Com a utilização de fontes orais buscamos ampliar as possibilidades de abordagem e interpretação do nosso objeto de estudo, estabelecendo um contato mais profundo com as experiências e modos de vida do grupo pesquisado. Segundo Verena Alberti:

Uma das principais riquezas da História Oral está em permitir o estudo das formas como as pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências [...] entender como experimentaram o passado torna possível questionar interpretações generalizantes de determinados acontecimentos e conjunturas.²⁴

No entanto, é necessário frisar que, se por um lado, a História oral é positiva por ampliar o campo de estudo, ela também tem sido alvo de críticas. A principal se refere ao fato de a evidência oral carregar um alto grau de subjetividade, uma vez que o pesquisador registraria tão somente aquilo que é pertinente ao seu trabalho, ao passo que o entrevistado

²² THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História oral*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

²³ ALBERTI, Verena. "Fontes orais: histórias dentro da História", In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

²⁴ *Ibidem*, p. 165.

relataria apenas aquilo que acha pertinente. Todavia, é necessário ressaltar, como aponta Jacques Le Goff, que não existe documento livre de subjetividade:

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa.²⁵

Ao analisar os resultados obtidos por meio das entrevistas, tomamos o cuidado de enxergar as fontes orais como pertencentes a uma categoria particular de fontes, a dos “arquivos provocados”. As fontes orais, enquanto “arquivos provocados”, guardam o inconveniente de resgatar, em alguns casos, lembranças equivocadas, sobrepostas ou transformadas para a justificação de posições e atitudes posteriores.²⁶ Entretanto, é importante apontar para o fato de que a análise dessas lembranças equivocadas, ou se preferir das “distorções da memória”, também conduz o pesquisador a uma melhor compreensão dos valores coletivos e das próprias ações de um grupo uma vez que “é de acordo com o que se pensa que ocorreu no passado que se tomarão determinadas ações no presente”.²⁷

Dados sobre o desenvolvimento histórico da Igreja do Evangelho Quadrangular e das ações desenvolvidas por ela na cidade de Assis foram obtidos junto aos arquivos da mesma, onde tivemos acesso a documentos administrativos – Atas de reuniões de pastores e assembléia de membros, diários de culto, etc –, além de periódicos produzidos pela própria instituição e jornais de circulação local, que publicaram notícias referentes à igreja, estes últimos disponíveis para consulta no Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP) da Faculdade de Ciências Letras, Unesp, campus de Assis. Em relação à atuação da Igreja do Evangelho Quadrangular em Assis junto ao campo político, a análise dos projetos de

²⁵ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*, Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p. 535.

²⁶ BECKER, J. “O handicap do a posteriori”. In: AMADO, J. e FERREIRA, M. (orgs) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

²⁷ ALBERTI, V. Op. cit., p. 167.

leis municipais referentes às igrejas locais apresentados na Câmara Municipal de Assis, no período de 1996 a 2008, também forneceram subsídios para uma análise histórica do assunto.

Com o objetivo de apresentar os resultados obtidos a presente dissertação foi organizada em três capítulos. O primeiro possui um caráter mais abrangente, onde procuramos contextualizar a inserção pentecostal no campo religioso brasileiro bem como historicizar os conceitos de cidadania e de participação política, buscando identificar nesses conceitos as particularidades que marcaram seu desenvolvimento no Brasil. Por fim, procurou-se delimitar os contextos, políticos e teológicos, que possibilitaram aos grupos pentecostais ingressarem no campo político-partidário.

O segundo capítulo teve como objetivo caracterizar historicamente o desenvolvimento da Igreja do Evangelho Quadrangular no Brasil. Procurou-se atentar para suas características teológicas, administrativas e ministeriais a fim de situar a posição ocupada por ela no campo religioso brasileiro. Neste capítulo também abordamos o contexto de inserção da igreja no campo político e os princípios que a tem norteado em seu “projeto de cidadania”.

O terceiro e último capítulo, estuda a IEQ na cidade de Assis e a conjuntura que a permitiu eleger dois representantes ao legislativo municipal. Deu-se ênfase ao estudo das características principais que marcaram a conformação do campo religioso local e o relacionamento deste com o campo político. O esforço por parte do catolicismo em estabelecer seu domínio sobre o campo religioso local fez com que este estabelecesse uma relação de proximidade com o campo político no que seria seguido, décadas mais tarde, pelas igrejas evangélicas. Por fim, procurou-se delimitar as ações desenvolvidas pela IEQ e seus candidatos no sentido de obterem sucesso junto ao campo político e os perfis de seus representantes eleitos à câmara de vereadores local.

1 - Pentecostalismo, participação política e cidadania no Brasil

1.1 - A inserção pentecostal no campo político brasileiro

A presença do protestantismo junto ao campo político brasileiro se iniciou ainda durante os anos 1930, principalmente, por meio da eleição de protestantes históricos²⁸ para o congresso nacional. Durante um longo período, os políticos protestantes ocuparam um pequeno e discreto espaço no campo político brasileiro e embora alguns destes políticos tivessem um eleitorado basicamente protestante, nenhum deles contou com o aval oficial das denominações a que pertenciam. A filiação partidária dos políticos protestantes também ocorria de maneira esparsa, cobrindo um leque que se estendia desde a esquerda não marxista até a defesa apaixonada do regime autoritário.²⁹ Desde o período pós-1985, com o processo de redemocratização, que a presença protestante, por meio principalmente das igrejas pentecostais e neopentecostais,³⁰ vêm sendo cada vez mais sentida junto ao campo político brasileiro, despertando o interesse de diferentes grupos sociais.

Já no início da década de 1990, Paul Freston ao analisar a atuação protestante no campo político realizou uma análise que ainda hoje reflete bem o espaço ocupado pelos protestantes no campo político brasileiro:

Falar de protestantes e política hoje é falar de quase todos os temas centrais da história brasileira recente: a restauração do Estado de direito; a Constituinte; a eleição presidencial de 1989; a corrupção; o poder da mídia;

²⁸ No Brasil se tem denominado de “protestantismo histórico” o segmento cristão representado por diferentes denominações religiosas que surgiram a partir da Reforma Protestante, do século XVI, como por exemplo, a Igreja Luterana, Presbiteriana, Batista, Anglicana e Metodista.

²⁹ FRESTON, P. Protestantismo e democracia no Brasil, In: *Lusotopie 1999*, pp.329-340.

³⁰ Segundo Ricardo Mariano, esta vertente do pentecostalismo é caracterizada por três elementos principais, “ênfatizar a guerra espiritual contra o Diabo e seus representantes na terra, por pregar a Teologia da Prosperidade - difusora da crença de que o cristão deve ser próspero, saudável, feliz e vitorioso em seus empreendimentos terrenos -, e por rejeitar usos e costumes de santidade pentecostais, tradicionais símbolos de conversão e pertencimento ao pentecostalismo.” Aliado a essas características de cunho teológico, tem-se o forte investimento junto às mídias eletrônicas e o envolvimento político. Cf. MARIANO, Ricardo. “Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal”. *Revista Estudos Avançados*. São Paulo, 18, n.º 52, 2004.

a infiltração do narcotráfico; a censura; e temas comportamentais como aborto e homossexualismo.³¹

Abordar como objeto de pesquisa a atuação de uma igreja pentecostal, a Igreja do Evangelho Quadrangular na cidade de Assis-SP, junto ao campo político nos colocou diante de dois conceitos importantes para a compreensão do campo político brasileiro, são eles o conceito de “cidadania” e o conceito de “participação política”.

Quando os meios de comunicação, as igrejas ou o cidadão comum utilizam a palavra cidadania eles a estão utilizando em um sentido comum? Como podemos definir o conceito de cidadania e, indo adiante, qual seria o percurso histórico da cidadania no Brasil? Em relação ao segundo conceito, de “participação política”, o que podemos entender como participação política? Por quais canais ela pode se realizar? É a estes dois pontos que nos deteremos a seguir.

1.2 - Cidadania no Brasil: retrocessos e avanços

Entre os trabalhos que se dedicaram ao estudo do tema da cidadania no Brasil, tem grande destaque o livro “Cidadania no Brasil: o longo caminho”, de José Murilo de Carvalho.³² Neste livro, o autor realiza uma análise do “longo caminho” percorrido pela cidadania no Brasil, delimitando suas particularidades. Segundo Carvalho, tornou-se comum desdobrar o conceito de cidadania em três classes de direitos: os direitos civis, os direitos políticos e os direitos sociais.

Os direitos civis seriam àqueles fundamentais ao ser humano, são eles: o direito à vida, à liberdade, à propriedade e a igualdade perante a lei. Eles teriam a função de garantir as relações civilizadas entre as pessoas e a própria existência da sociedade civil

³¹ FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment*. Campinas, Unicamp, 1993, p. 1. (Tese de Doutorado)

³² CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

surgida com o desenvolvimento do capitalismo. Sua pedra de toque é a liberdade individual. Os direitos políticos se referem à possibilidade de o indivíduo poder participar no governo da sociedade. Seu exercício se baseia na capacidade de fazer demonstrações políticas, na organização de partidos, no exercício do voto e de ser votado. Por último, mas não menos importantes, estariam os direitos sociais. Estes se referem ao acesso à educação, ao trabalho, ao salário justo, à saúde e a aposentadoria.

Segundo Carvalho, em tese, os direitos sociais podem existir sem os direitos sociais e políticos. Em alguns contextos, os direitos sociais foram até mesmo utilizados como substitutivos aos direitos civis e políticos. Isso ocorreu, por exemplo, durante o período do regime militar no Brasil, iniciado em 1964, quando ao mesmo tempo em que se reforçou a repressão aos direitos civis e políticos, foram aprovadas medidas que possibilitaram a uma grande parcela da classe trabalhadora ser incluída no sistema previdenciário.³³

Ainda sobre a importância do acesso aos direitos sociais o autor afirma:

Os direitos sociais permitem às sociedades politicamente organizadas reduzir os excessos de desigualdade produzidos pelo capitalismo e garantir um mínimo de bem-estar para todos. A ideia central em que se baseiam é a da justiça social.³⁴

Dentro dessa concepção de cidadania, o cidadão pleno é aquele que pode usufruir das três classes de direitos acima elencadas, enquanto que o cidadão incompleto seria aquele que tem acesso parcial e o não-cidadão, aquele que se encontra privado de qualquer uma das três classes de direitos.

Uma cidadania plena, que combine liberdade, participação e igualdade para todos, é um ideal desenvolvido no Ocidente e talvez inatingível. Mas ele tem servido de parâmetro para o julgamento da qualidade da cidadania em cada país e em cada momento histórico.³⁵

³³ Ibidem, p. 172.

³⁴ Ibidem, p. 10.

³⁵ Ibidem, p. 9.

Tendo como base o desenvolvimento histórico inglês, T. S. Marshall, afirma haver uma sequência cronológica e lógica no desenvolvimento da cidadania. Primeiro, segundo o autor, vieram os direitos civis, no século XVIII, depois, no século XIX, surgiram os direitos políticos, seguidos pelos direitos sociais no século XX.

Foi com base no exercício dos direitos civis, nas liberdades civis, que os ingleses reivindicaram o direito de votar, de participar do governo de seu país. A participação permitiu a eleição de operários e a criação do Partido Trabalhista, que foram os responsáveis pela introdução dos direitos sociais.³⁶

Para Marshall, esse desenvolvimento sequencial dos direitos civis, políticos e sociais seriam modelares para o entendimento do fenômeno da cidadania em outros países. Carvalho discorda apontando que o modelo inglês não pode ser utilizado como um modelo explicativo para outros contextos. Ele afirma:

O ponto de chegada, o ideal da cidadania plena, pode ser semelhante, pelo menos na tradição ocidental dentro da qual nos movemos. Mas os caminhos são distintos e nem sempre seguem linha reta. Pode haver também desvios e retrocessos, não previstos por Marshall. O percurso inglês foi apenas um entre outros. A França, a Alemanha, os Estados Unidos, cada país seguiu seu próprio caminho. O Brasil não é exceção. Aqui não se aplica o modelo inglês. Ele nos serve apenas para comparar por contraste.³⁷

Nesse sentido, por possuir um desenvolvimento histórico próprio a cidadania no Brasil tem percorrido um caminho peculiar. O modelo colonizador português aqui empregado deixou marcas profundas que muito distanciam e diferenciam o caminho percorrido pela cidadania no Brasil do percorrido em outros países. De forma geral, o sistema aqui adotado para a colonização, fundamentado no latifúndio, monocultor, escravista, com a produção voltada para o mercado externo, gerou uma divisão de classes muito hierarquizada. No topo da pirâmide estavam os grandes proprietários rurais e os grandes comerciantes das cidades do litoral. No meio, localizavam-se os pequenos proprietários rurais e urbanos, os pequenos mineradores e comerciantes, além dos funcionários públicos. Na base da pirâmide,

³⁶ CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*, p. 11.

³⁷ *Ibidem*, p. 11.

se encontravam os escravos. Em uma sociedade escravista as relações sociais se baseavam em uma combinação de violência e paternalismo. A violência predominava na relação entre senhores e escravos e o paternalismo na relação entre ricos e pobres.

Segundo Carvalho, este panorama econômico-social só veio a sofrer alterações importantes com o desenvolvimento da cultura do café que, todavia, não mudou o padrão sócio-econômico anterior, baseado no modelo agroexportador escravista, que sobreviveu ainda por cem anos, só começando a ser desmontado após 1930. As consequências da hegemonia do café, a partir de meados do século XIX, foram principalmente políticas. Carvalho afirma que “o fato de se ter ela [a cultura do café] estabelecido a partir do Rio de Janeiro ajudou a consolidar o novo governo do país sediado nessa província.”³⁸

No campo religioso, o Catolicismo, religião dos conquistadores, foi implantado no Brasil desde o início da colonização, se constituindo em uma das bases de sustentação ideológica do projeto colonizador português. Assumindo o modelo medieval da Cristandade e através da instituição do Padroado, a Igreja Católica fora indissociável da vida pública, estando imbricada com a própria estrutura do poder.³⁹

Havia uma espécie de monopólio religioso, onde o Tribunal do Santo Ofício, por meio das “visitações”, atuava com rigor no sentido de extirpar qualquer prática religiosa que fosse considerada herética. Segundo Gilberto Freire, naquela época, “todo navio que entrava num porto brasileiro recebia a bordo um frade capaz de examinar a consciência, a fé e a religião de um recém-chegado. O que barrava um imigrante naqueles dias era [...] a possibilidade de ser herético”.⁴⁰

³⁸ CARVALHO, José Murilo. “Fundamentos da política e da sociedade brasileiras”. In: CINTRA, Antonio Octávio (org). *Sistema político brasileiro: uma introdução*. RJ: Konrad-Adenauer-Stiftung, SP: Unesp, 2004.

³⁹ MONTES, Maria Lucia. “As figuras do sagrado: entre o público e o privado”, In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Cia das Letras, 1994, vol. 4, p. 69.

⁴⁰ FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. Rio de Janeiro: Maria Schmidt, 1933, p. 237. Apud. PROENÇA, Wander de Lara. *Sindicato de mágicos: uma história cultural da Igreja Universal do Reino de Deus (1977-2006)*. Tese de doutorado em História. FCL/Assis, 2006.

Embora houvesse toda uma preocupação por parte da Igreja em barrar a entrada de “heresias” na colônia, vários fatores se apresentavam como entraves ao desenvolvimento de um catolicismo nos moldes do que existia na metrópole. Aqui, o número de templos, padres e festividades sacras era muito menor.

Muitos e muitos dos moradores passavam anos sem ver um sacerdote, sem participar de rituais nos templos ou freqüentar os sacramentos. Tal carência estrutural levou de um lado à maior indiferença e apatia de nossos antepassados ante as práticas religiosas comunitárias, do outro, ao incremento da vida religiosa privada, que na falta do controle dos párocos, abria maior espaço para desvios e heterodoxias.⁴¹

A vida cotidiana era marcada pelo contato com o sagrado, “seguindo o costume português, desde o despertar o cristão se via rodeado de lembranças do Reino dos Céus”.⁴²

Essa presença constante do sagrado, inextricavelmente imbricada com as mezinhas mazelas cotidianas da vida humana, mostra o quanto o catolicismo colonial brasileiro é, antes de tudo, impregnado de magia, uma religião íntima e próxima que tem, nos santos, benévolos intercessores dos homens junto à divindade. E que dos santos se possa esperar com confiante e inocente certeza o milagre sempre possível, numa infinita variedade de situações do dia-a-dia [...].⁴³

Essas características sociais, econômicas, políticas e religiosas do período colonial e imperial brasileiro são importantes na medida em que deixaram marcas profundas nos períodos posteriores.

Em relação à conformação do campo político brasileiro, José Murilo de Carvalho aponta para o “patrimonialismo”, ou seja, a relação umbilical entre o poder estatal e o poder privado, com sendo um dos seus elementos centrais:

⁴¹ MOTT, Luiz. “Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu”. In: SOUZA, Laura de Mello e (Org.) *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa*, São Paulo: Companhia das Letras, 1997, vol. 1, p. 163.

⁴² *Ibidem*, p. 164.

⁴³ MONTES, Maria Lucia. As figuras do sagrado: entre o público e o privado. In: SCHWARCZ, L. M. (Org.). *Op. Cit.*, p. 103.

Essa mistura [entre o público e o privado] leva o nome de patrimonialismo, pois significa que o Estado distribui seu patrimônio – terras, empregos, títulos de nobreza e honoríficos – a particulares em troca de cooperação e lealdade. Em um sistema patrimonial não há cidadãos. Há súditos envolvidos num sistema e trocas com o Estado, regido pelo favorecimento pessoal do governante, de um lado, e pela lealdade pessoal do súdito, de outro. O clientelismo é um resíduo do patrimonialismo.⁴⁴

Ainda segundo o autor, o “coronelismo” foi um dos melhores exemplos de como se mesclaram no campo político brasileiro, durante o período monárquico e posteriormente, durante o período republicano, o poder do Estado e dos particulares. Os coronéis eram os comandantes máximos da Guarda Nacional, criada em 1831. Em geral, proprietários rurais e comerciantes ricos, acabaram se transformando em chefes políticos locais.⁴⁵

Formou-se uma pirâmide de poder: o coronel apoiava o governador, que apoiava o presidente da República, que apoiava o governador, que apoiava o coronel. No melhor estilo patrimonialista, o poder do Estado se aliava ao poder privado dos proprietários, sustentando-se os dois mutuamente, em detrimento da massa dos cidadãos do campo e das cidades que ficava à margem da política.⁴⁶

Mesmo com o advento da República, em 1889, essa situação não sofreu alterações. A realidade da vida política estava muito distante do que regia a lei. O controle dos coronéis no interior e a pressão das autoridades falseavam as eleições. “Não se podia falar na existência de democracia representativa no Brasil.”⁴⁷ No mundo rural, a grande propriedade resumia as relações entre as classes. Nela predominava incontestemente o proprietário, a cuja dominação todos se submetiam, “a ação do governo se detinha na porteira das fazendas.”⁴⁸

Foi nesse contexto, que as primeiras igrejas pentecostais chegaram ao Brasil, dando início ao que tem sido comumente denominado de “pentecostalismo clássico”.⁴⁹ Foram

⁴⁴ CARVALHO, “Fundamentos da política e da sociedade brasileiras”, p. 27.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 26.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 27.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 27.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 24.

⁴⁹ Para uma discussão acerca das diversas tipologias formuladas em relação ao movimento pentecostal brasileiro Cf. SIEPIERSKI, Paulo D. “Contribuições para uma tipologia do pentecostalismo brasileiro”. In: GUERRIERO, Silas (org.) *O estudos da religião: desafios contemporâneos*. São Paulo: Paulinas, 2003.

elas a Congregação Cristã, fundada em 1910, na cidade de São Paulo, pelo missionário italiano Luigi Francescon, e a Igreja Evangélica Assembléia de Deus, fundada na cidade de Belém do Pará, no ano de 1911, pelos missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg.

É interessante notar que durante os primeiros trinta anos da República, o parque industrial de São Paulo experimentou rápido crescimento, o que exigiu uma expressiva quantidade de mão-de-obra fornecida pelo aumento da imigração para o Brasil, principalmente de italianos que se instalaram no bairro do Brás onde surgiu, não por acaso, a primeira Congregação Cristã.⁵⁰

Também provenientes do pentecostalismo norte-americano, como Francescon, os fundadores da Assembleia de Deus, Vingren e Berg, ao chegarem à cidade de Belém do Pará passaram a congregar em uma Igreja Batista local, onde incentivavam a realização de vigílias de oração e cultos. No entanto, não demorou a que surgissem reações contrárias à liturgia pentecostal por eles empregada. Como consequência, mais de uma dezena de membros foram expulsos da congregação batista dando início a uma nova obra que, posteriormente, veio a denominar-se Assembléia de Deus.

Segundo Freston, a presença e a influência dos missionários suecos, bem como a mentalidade patriarcal e pré-industrial do Norte/Nordeste deixaram marcas profundas no *ethos* da Assembléia de Deus⁵¹. Foram, portanto, essas duas denominações as precursoras do pentecostalismo brasileiro. Inicialmente, essas igrejas possuíam como características distintivas a rejeição aos elementos culturais e religiosos que remetessem ao catolicismo, o radical sectarismo e o ascetismo de rejeição ao “mundo”, que os colocava também em uma atitude de rejeição ao envolvimento político.⁵²

⁵⁰ SILVA, Cláudia Neves. *As ações assistenciais promovidas pelas igrejas pentecostais no município de Londrina* (1970-1990). Assis: Unesp, 2008. (Tese de doutorado), p. 41.

⁵¹ FRESTON, P. Op. cit. p. 73.

⁵² MARIANO, R. “Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal”. *Revista Estudos Avançados*. São Paulo, 18, n.º 52, 2004.

Do ponto de vista social e político os anos 1930, com o rompimento da hegemonia paulista e mineira no controle do governo brasileiro e ascensão de Getúlio Vargas ao poder representaram um divisor de águas na história do Brasil. A partir desse momento as mudanças sociais e políticas passaram a ocorrer de forma mais acelerada. Uma das primeiras medidas adotadas pelo governo de Vargas, se deu no campo dos direitos sociais com a criação de um Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, acompanhado em seguida de uma vasta legislação trabalhista e previdenciária que foi completada com a Consolidação das Leis do Trabalho em 1943.

Entre os fatores que mais contribuíram para que as transformações ocorressem de forma mais acelerada durante este período estão, no contexto externo, a eclosão da Primeira Guerra Mundial, de 1914 a 1918, que provocou carestia, greves e início de substituição de importações. Seguida pela Revolução Comunista de 1917, e depois pela implantação do fascismo na Itália e, já na década de 1930, a tomada do poder pelos nazistas na Alemanha. Mas o fator que mais influenciou foi a grande crise de 1929, “que teve impacto imediato na exportação de café, atingindo o coração da economia nacional.”⁵³ No plano interno, as lideranças nacionais, representadas principalmente por paulistas e mineiros, já não conseguiam manter o controle sobre as oligarquias e os setores emergentes das cidades ao mesmo tempo em que havia também, agitação entre os militares e nos movimentos culturais.

A crise de 1929 e a posterior eclosão da Segunda Guerra Mundial aceleraram o processo de substituição de importações iniciado durante a Primeira Guerra. O país teve que produzir os bens industrializados que antes sempre importara. Durante as décadas seguintes esse processo não se interrompeu, ganhando força na década de 1950 com a implantação da indústria automobilística e, na década de 1970, com a produção de máquinas e equipamentos.

⁵³ CARVALHO, *Fundamentos da política e da sociedade brasileiras*, p. 29.

Paralelamente ao processo de industrialização e, mais rapidamente do que ele, verificou-se uma transformação radical na localização e ocupação do território pela população. Houve um deslocamento maciço de pessoas do campo para a cidade.⁵⁴

Foi durante os anos 1950 que chegou ao Brasil, com a implantação da Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ), em 1951, um novo tipo de pentecostalismo, denominado de pentecostalismo “neoclássico”.⁵⁵ Segundo Mariano, a inovação trazida pelas igrejas dessa vertente pentecostal está na ênfase teológica dada à cura divina, no uso intenso do rádio e na estratégia proselitista da pregação itinerante com o uso de tendas de lona.⁵⁶

As décadas de 1950 e 1960 foram marcadas por um intenso processo de industrialização e urbanização. A política desenvolvimentista adotada pelos governos Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek trouxe mudanças para a classe trabalhadora nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, onde se concentrou o esforço de industrialização. O Nordeste, região mais pobre do Brasil, continuou à margem do desenvolvimento nacional. Milhares de migrantes rumaram para as regiões Sul e Sudeste, principalmente a São Paulo, em busca de trabalho.

Essa nova realidade econômica, social e política também provocou a formação de uma sociedade de massas, carente de novos valores morais e espirituais, e de igrejas que atendessem aos anseios de uma nova leva de imigrantes e trabalhadores que se instalavam nas cidades, possibilitando assim o crescimento pentecostal.⁵⁷

A grande inovação trazida pelo pentecostalismo neoclássico se deu principalmente no campo teológico, ao pregar uma mensagem centrada na “cura divina, para doenças do corpo, da mente e da alma”.⁵⁸ Segundo Maria Lucia Montes, em um contexto de

⁵⁴ Em 1920, cerca de 20% da população morava nas cidades, em 1960 já eram 45%; em 1980, 68% e, em 2000, mais de 80%. CARVALHO, *Fundamentos da política e da sociedade brasileiras*, p. 30.

⁵⁵ MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

⁵⁶ Idem, “Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal”. *Revista Estudos Avançados*. São Paulo, 18, n.º 52, 2004, p. 123.

⁵⁷ SILVA, Cláudia. Neves. Op. cit. p. 43.

⁵⁸ MONTES, Op. cit., p. 83.

forte migração do campo para a cidade, a rápida expansão desta nova mensagem pentecostal se deu em grande parte por que

a emergência dessas igrejas viria ao encontro dos valores tradicionais da cultura desses migrantes (provenientes do êxodo rural), em especial aqueles ligados a uma terapêutica mágica de benzimentos e simpatias ou à medicina tradicional de ervas e plantas curativas sobejamente conhecidas no meio rural de onde provinham. Para estes, a promessa da cura divina não seria algo estranho.⁵⁹

Em relação à visibilidade pública, este novo pentecostalismo trouxe poucas mudanças em relação ao pentecostalismo clássico. Apesar de alcançar um extraordinário crescimento, nessa época, sua presença pública era menos notória.

Individualmente [o pentecostalismo] encerra os fieis no âmbito da comunidade que partilha as mesmas crenças e as mesmas esperanças, longe da agitação da vida social mais ampla, ensinando a não ambicionar outra projeção senão aquela que conquista no interior da própria Igreja. [...] por quase três décadas a partir de então, até praticamente os anos 80, os evangélicos multiplicarão sua visibilidade social apenas em razão do crescimento vegetativo de suas igrejas.⁶⁰

Como já assinalado anteriormente, do ponto de vista da cidadania, o período em que perdurou o Regime Militar no Brasil, de 1964 a 1985, foi marcado por uma forte contradição. Ao mesmo tempo em que foram cerceados os direitos civis e políticos, foram outorgadas uma série de medidas no campo dos direitos sociais, com destaque para a expansão do sistema previdenciário.

É nesse sentido que Carvalho afirma que:

A avaliação dos governos militares, sob o ponto de vista da cidadania, tem, assim, que levar em conta a manutenção do direito do voto combinada com o esvaziamento de seu sentido e expansão dos direitos sociais em momentos de restrição de direitos.⁶¹

⁵⁹ Ibidem, p. 84.

⁶⁰ Ibidem, p. 85.

⁶¹ CARVALHO, J. M. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*, p. 173.

Somente em meados da década de 1970, a partir da eleição do general Ernesto Geisel em 1974, que os rumos da política nacional começaram a caminhar em direção a um lento retorno ao regime democrático. Entre os motivos que deram início ao processo de abertura política são elencados tanto fatores internos quanto externos à organização militar. O importante para nós é que paulatinamente ao processo de abertura política e o consequente fortalecimento dos canais tradicionais de participação política – partidos políticos, eleições, etc. –, houve um renascimento da vida pública brasileira com a entrada de novos atores no cenário político e um alargamento dos canais de participação política, como veremos mais adiante.

Foi nesse contexto, que um novo tipo de pentecostalismo passou a se expandir rapidamente pelo campo protestante brasileiro, o “neopentecostalismo”.⁶² Esta vertente do pentecostalismo é caracterizada por três elementos principais. Em primeiro lugar, por enfatizar a guerra espiritual contra o Diabo e seus representantes na terra. Em segundo lugar, por pregar a Teologia da Prosperidade, difusora da crença de que o cristão deve ser próspero, saudável, feliz e vitorioso em seus empreendimentos terrenos. E, em terceiro lugar, por rejeitar usos e costumes de santidade pentecostais, tradicionais símbolos de conversão e pertencimento ao pentecostalismo.⁶³

Aliado a essas características de cunho teológico, as igrejas neopentecostais têm amplamente investido nos meios de comunicação de massa e se aproximado do campo político. Essas igrejas contrastam, portanto, com o “apolitismo”, até então majoritário entre os pentecostais. Como veremos adiante, a disseminação da teologia e do *ethos* neopentecostal pelo campo protestante brasileiro, influenciando, em maior ou menor grau, as demais igrejas do campo foi de grande importância para que estas pudessem abandonar o discurso apolítico.

⁶² Cf. Mariano, R. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*, São Paulo: Loyola, 1999.

⁶³ Idem, “Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal”. *Revista Estudos Avançados*. São Paulo, 18, n.º 52, 2004, p. 124.

As principais igrejas representantes do neopentecostalismo são a Igreja Universal do Reino de Deus, fundada por Edir Macedo em 1977, e a Igreja Internacional da Graça de Deus, fundada por R. R. Soares em 1980. Essa tem sido a vertente pentecostal que mais tem crescido nas últimas décadas. Suas práticas e discursos têm influenciado muitas igrejas pentecostais dos chamados pentecostalismo clássico ou neoclássico, como é o caso da Igreja do Evangelho Quadrangular.

Foi também nesse período que os políticos pentecostais apareceram como grandes novidades nas eleições para a Assembleia Constituinte de 1986. O ineditismo estava no fato de as igrejas pentecostais lançarem “candidatos oficiais”, mobilizando seus fieis para que neles votassem, surgiam então os “políticos de Cristo”.

Desde então, a cada eleição, o acompanhamento dos apoios, adesões, divergências e alianças de candidatos evangélicos, e das próprias igrejas com relação a outros candidatos, se tornaria uma tarefa obrigatória dos analistas da religião e da política no Brasil.⁶⁴

O pentecostalismo brasileiro chegou ao século XXI, como um campo marcado pela heterogeneidade doutrinária e institucional, onde suas igrejas passam, cada vez mais, a procurar outros campos de atuação, outros espaços e instrumentos, pelos quais possam propagar sua mensagem e estender sua influência à sociedade.

Em relação à temática da cidadania no Brasil, Carvalho afirma que desde ano de 1985, “há um esforço de reconstrução, melhor dito, de construção da democracia no Brasil.”⁶⁵ Ocorreram avanços importantes na esfera dos direitos políticos, mas este desenvolvimento não foi acompanhado em outras áreas. Embora houvesse a esperança de que a democratização política poria fim aos problemas nacionais, isto não aconteceu. Os grandes

⁶⁴ MONTES, Maria Lucia. As figuras do sagrado: entre o público e o privado. In: NOVAIS, Fernando e SCHWARCZ, Lilia. **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, v. 4, p. 88.

⁶⁵ CARVALHO, *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. p. 7.

problemas decorrentes da grande desigualdade social e econômica que marcam o nosso país ainda continuam, em grande parte, sem solução.

1.3 - Pentecostalismo e participação política

O segundo conceito que julgamos essencial para estudar o envolvimento de igrejas pentecostais junto ao campo político é o de “participação política”. Lúcia Avelar compreende a “participação política” a partir do seguinte viés:

O ideal democrático supõe o envolvimento dos cidadãos em diferentes atividades da vida política [...] sob a expressão ‘participação política’, vão desde as mais simples, como as conversas com amigos e familiares sobre os acontecimentos políticos locais, nacionais e internacionais, até as mais complexas, como fazer parte de governos, [...] associar-se em grupos e movimentos para reivindicar direitos [...].⁶⁶

A ideia de participação política emergiu, no plano europeu, junto com o Estado de soberania popular à época dos movimentos revolucionários dos séculos XVIII e XIX. No contexto das revoluções, industrial e burguesa, foi um fenômeno que rompeu com a regra secular da correspondência entre posição social e política dos indivíduos. No Brasil, por sua vez, a emergência da participação deu-se muito mais tarde, em meados do século XX, foi nesta época que as organizações sindicais ganharam densidade política. Portanto, “se comparada ao ocorrido na maioria dos países da social-democracia europeia, a conquista do instrumento associativo como meio de democratização viria, entre nós, mais de um século depois.”⁶⁷

⁶⁶ AVELAR, Lúcia. “Participação política”. In: CINTRA, Antonio Octávio (org.). *Sistema político brasileiro: uma introdução*. Rio de Janeiro: Konrad-Adenauer-Stiftung, São Paulo: Unesp, 2004, p. 223.

⁶⁷ *Ibidem*, p. 225.

Ainda segundo a autora, a participação política seria a “ação de indivíduos e grupos com o objetivo de influenciar o processo político”.⁶⁸ Nesse sentido, a análise da participação política extrapola os limites da esfera política tradicional, entendida no espaço restrito da participação no Estado e no direito de votar e ser votado. O canal eleitoral é um dos meios pelos quais a sociedade participa da política, mas não é o único, existem também os canais corporativos, que são as instâncias intermediárias de organização de categorias e associações de classe com o objetivo de defender seus interesses no âmbito dos governos e do sistema estatal, e o canal organizacional, que consiste nas formas não-institucionalizadas de organização coletiva como os movimentos sociais e as sub-culturas políticas.

Nas últimas décadas, o canal organizacional tem alcançado maior legitimidade enquanto espaço de participação política. É nele que os movimentos sociais têm se articulado para objetivos de longo e médio prazo.

Os movimentos sociais envolvem um número significativo de pessoas, pretendem chamar a atenção da sociedade, dos políticos e eleitores, para os temas que fundamentam a organização política. Embora ocorram fora dos canais institucionalizados da política, eles vêm sendo considerados como parte do processo político normal.⁶⁹

No Brasil, os movimentos sociais emergiram em meados do século XX, mas refluíram com a ditadura militar do período de 1964 a 1985. Durante a década de 1970, quando a censura do regime autoritário impedia a plena vida política, diversas parcelas da sociedade passaram a buscar em outros canais, meios pelos quais pudessem demonstrar seus desejos de participar politicamente. Movimentos de mulheres, de negros, donas de casas, ecológicos, sindicais, de moradia e sem-terra, além dos fóruns para a alfabetização e educação, são exemplos de alguns dos movimentos que passaram a lutar por espaço nos campos social e político nacionais. Desde então, “os movimentos sociais foram essenciais

⁶⁸ Ibidem, p. 225.

⁶⁹ Ibidem, p. 227.

para a expansão da consciência política do brasileiro que passou a reivindicar mudanças substantivas, no campo da justiça redistributiva.”⁷⁰

Foi inserido nesse contexto, que algumas igrejas pentecostais, abandonando o discurso apolítico, entraram no campo político-partidário, por meio da indicação de pessoas pertencentes aos seus quadros institucionais para concorrerem a cargos políticos. Mas quais seriam as razões para essa mudança de postura por parte dos pentecostais em relação à participação política?

O apolitismo pentecostal esteve embasado em um *ethos* marcado pela rejeição a todos os elementos culturais e religiosos que pudessem ser remetidos ao catolicismo, em conjunto à adoção de um radical sectarismo e o ascetismo de rejeição ao “mundo”. Caberia ao fiel pentecostal não atentar para as “coisas deste mundo”, mas, antes, colocar toda a sua esperança no porvir.

Paul Freston, em sua tese de doutorado confirma este princípio de que o apolitismo pentecostal estava embasado em uma visão teológica que via o mundo como uma realidade transitória e condenada. Todavia, segundo este autor, o abandono do discurso apolítico não fora acompanhado por mudanças teológicas. A explicação para essa mudança de postura estaria exclusivamente nas tensões que permeiam as relações entre as igrejas e o meio social.⁷¹

As causas básicas de sua politização tem a ver com a evolução do campo religioso e com a defesa do ambiente sectário. Sugerimos três razões conexas. Em primeiro lugar, os principais beneficiários desta politização são os próprios líderes eclesiásticos. O interesse dos “sacerdotes” no campo religioso é chave para entender a lógica da presença política. [...] O pastor pentecostal sofre de um *status* contraditório, tanto dentro da sua comunidade como entre esta e a sociedade ambiente. Lançar-se na política, ou lançar um familiar ou protegido, é maneira de atenuar as tensões e profissionalizar seu campo. A conexão pública ajuda a estruturação internamente, a força política se traduzindo em fortalecimento de suas posições e organizações. [...] Em segundo lugar, a irrupção pentecostal na política reflete a concorrência

⁷⁰ Ibidem, p. 227.

⁷¹ FRESTON, P. *Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment*. Campinas:, Unicamp, 1993.(Tese de Doutorado)

religiosa. Com o lema de “liberdade religiosa ameaçada”, os líderes pentecostais deram início a uma concorrência com o catolicismo para espaço na religião civil. Tendo quase igualdade de praticantes, o pentecostalismo reivindica a igualdade de *status* na vida pública. [...] Em terceiro lugar, sob o lema de “ameaças à família”, os líderes pentecostais reagem a mudanças no ambiente social que ameaçam a socialização sectária.⁷²

Pela perspectiva adotada por Freston, subentende-se que o abandono do apolitismo pelas igrejas pentecostais visou responder somente aos anseios de suas lideranças, as quais fariam uso do discurso religioso para fortalecer e legitimar seu *status quo*.

As ligações íntimas entre os campos da religião e da política já foram apontados por diversos autores, inclusive na forma como estes desenvolvem uma relação de apoio mútuo, com o objetivo de manutenção do *status* social e político.

Segundo Pierre Bourdieu,

a religião está predisposta a assumir uma *função ideológica*, *função prática e política de absolutização do relativo e de legitimação do arbitrário*, que só poderá cumprir na medida em que possa suprir uma *função lógica e gnosiológica* consistente em reforçar a força material ou simbólica possível de ser mobilizada por um grupo ou uma classe, assegurando a legitimação de tudo que define socialmente este grupo ou esta classe. Em outros termos, a religião permite a legitimação de todas as propriedades características de um estilo de vida singular, propriedades *arbitrárias* que se encontram objetivamente associadas a este grupo ou classe *na medida em que ele ocupa uma posição determinada na estrutura social (efeito de consagração como sacralização pela “naturalização” e pela eternização)*.⁷³

Ao mesmo tempo, Bourdieu chama atenção para o fato de que a “função genérica de legitimação não pode se realizar sem que antes esteja especificada em função dos interesses religiosos ligados às diferentes posições na estrutura social”.⁷⁴ Os campos da religião e da política estão intimamente ligados, ambos contribuindo, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, para a conformação de uma determinada realidade social. Por isso, devemos ponderar o posicionamento adotado por Freston, onde o contexto histórico no

⁷² Ibidem, p. 181.

⁷³ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992, p. 46.

⁷⁴ Ibidem, p. 48.

qual o campo religioso está inserido perde importância frente à necessidade de dar respostas a anseios individuais.

Ao procurarmos entender a atuação das igrejas pentecostais e a sua mudança de postura em relação à participação política, devemos adotar um posicionamento que busque entender a religião como um campo que só pode ser compreendido a partir do momento em que é analisado em relação aos outros campos, como o campo político, econômico, etc., mas que ao mesmo tempo possui regras próprias.

Mais especificamente em relação às ligações entre o campo religioso e político, no Brasil contemporâneo, Regina Novaes faz a seguinte afirmação:

Não há como compreender as instituições religiosas hoje existentes sem localizá-las nas disputas históricas que conformaram o campo político. Contudo a religião não pode ser considerada apenas com uma “força política” entre outras. É preciso levar em conta o específico simbolismo verbal e ritual que ela encerra, justamente para compreender o peso e o lugar da religião na política. [...]. Ao mesmo tempo, as identidades e pertencimentos religiosos não são feitos apenas com argumentos de “foro íntimo”: a religião se inscreve na cultura e frequenta o espaço público, é *locus* de agregação social.⁷⁵

Segundo a autora, deve se buscar um posicionamento que equilibre o peso das influências internas e externas nas transformações que o campo religioso brasileiro tem vivenciado nas últimas décadas. No caso da participação política das igrejas pentecostais, foi uma conjugação de fatores internos e externos ao campo religioso que possibilitou a estas abandonarem o discurso apolítico. Entre os fatores internos, tem destaque o surgimento do neopentecostalismo e a disseminação no campo protestante brasileiro de duas correntes teológicas que colocaram os pentecostais em uma nova posição frente ao mundo social. Externamente ao campo religioso, o contexto social e político em que se deu a entrada de

⁷⁵ NOVAES, Regina Reyes. “Crenças religiosas e convicções políticas: fronteiras e passagens”. In: FRIDMAN, Luis Carlos (org.). *Política e cultura: século XXI*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: ALERJ, 2002, p. 63.

igrejas pentecostais na política, fora precedido pela entrada de toda uma variedade de novos atores que lutavam por mais espaço na vida pública e social.

1.4 - Pentecostais na política: um contexto político e teológico

A inserção das igrejas pentecostais na política partidária deve ser situada no contexto do processo de redemocratização, ou se preferir, como expressa Carvalho, de democratização pós-1985. Durante o período em que os militares estiveram no poder, à semelhança do que já havia acontecido durante o Estado Novo, houve um enfraquecimento dos direitos civis e políticos. Pode se argumentar que esse enfraquecimento das instituições políticas tenha desencorajado a participação de grupos religiosos junto às esferas do poder, além do que, no que tange às igrejas pentecostais, estes ainda não contavam com grupos numericamente expressivos.⁷⁶

No período pós-1985 houve um despertar de novos atores que passaram a lutar por espaço nas esferas do social e do político. Cita-se, por exemplo, a emergência ou fortalecimento de movimentos sociais e outras entidades representativas da sociedade civil ou de algum de seus segmentos, como é caso do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) e as organizações não-governamentais (ONGs). Foi também nesse período que surgiram grupos ligados a questões específicas: negros, mulheres, povos indígenas e homossexuais.

Houve um renascimento da vida pública, com a mobilização dos mais variados segmentos e instituições da sociedade civil que lutavam pelo direito de participação nas grandes questões nacionais, o que culminou em grandes manifestações em defesa da

⁷⁶ Segundo os Censos Demográficos realizados pelo IBGE, os evangélicos perfaziam apenas 2,6% da população brasileira na década de 1940. Avançaram para 3,4% em 1950, 4% em 1960, 5,2% em 1970, 6,6% em 1980, 9% em 1991 e 15,4% em 2000, ano em que somavam 26.184.941 de pessoas. Dados disponíveis em: <http://www.ibge.gov.br/home/>, consultado em: 10/04/2010.

realização de eleições diretas, “o período da ‘transição democrática’ reafirmou o direito do cidadão de participar de eleições livres e justas”.⁷⁷ Foi neste contexto que as igrejas pentecostais apareceram como novos atores no campo político.

Além dessas transformações ocorridas nos campos social e político, nos anos 1970 e 1980, como já afirmamos anteriormente, a emergência do neopentecostalismo trouxe importantes mudanças a base teológica pentecostal com a introdução de novas correntes teológicas provenientes dos Estados Unidos. São elas a Teologia da Prosperidade e a Teologia do Domínio. A influência de correntes teológicas norte-americanas sobre o pentecostalismo brasileiro não foi uma novidade deste período haja visto que os próprios missionários que trouxeram o movimento pentecostal para o Brasil, embora europeus, tenham se convertido a este movimento religioso nos Estados Unidos.

Ricardo Mariano chama atenção para isso:

[...] desde sua implantação no Brasil, o pentecostalismo, nascido nos EUA, sofreu forte influência estrangeira. O pentecostalismo clássico teve início com a chegada de dois batistas suecos e um presbiteriano italiano convertidos ao pentecostalismo nos EUA. Até o final da década de 1940, missionários pentecostais europeus exerceram grande influência na Assembleia de Deus, [...]. Já a partir dos anos 50, as principais inovações tecnológicas e institucionais passaram a vir, cada vez mais celeremente, dos EUA. O deuteropentecostalismo teve início com a vinda de dois missionários americanos da *International Church of The Foursquare Gospel*, igreja mãe da Evangelho Quadrangular brasileira. O neopentecostalismo não fugiu do script. Da Nova Vida – fundada por um missionário canadense com muitos contatos no exterior e até com o Vaticano, que pregou nos cinco continentes e pastoreou igrejas nos EUA – saíram Universal e Cristo Vive [...].” Além destas, várias denominações e entidades paraeclesiais neopentecostais tiveram origens associadas a instituições ou pastores estrangeiros. Na formação da Comunidade Evangélica, estavam a norte-americana Mocidade Para Cristo, ligada ao movimento Atletas de Cristo. A Adhonet (Associação dos Homens de Negócio do Evangelho Pleno) esteve ligada a *Full Gospel Business Men’s Fellowship International*.⁷⁸

⁷⁷ NAVES, Rubens. “Novas possibilidades para o exercício da cidadania”. In: PINSKY, Jaime & PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.) *História da cidadania*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 569.

⁷⁸ No Brasil, o primeiro núcleo da Adhonet foi fundado na cidade de Rio de Janeiro em 1975, todavia, sua expansão só veio a ocorrer a partir de sua reestruturação com a vinda de uma comissão norte-americana, no ano de 1982. De orientação pentecostal, possuía, segundo números de 1999, mais de quatro mil núcleos, reunindo milhares de membros em todos os Estados brasileiros. Sua principal estratégia proselitista se baseia na realização de jantares, almoços, cafés da manhã e banquetes para, por meio de testemunhos de bênçãos financeiras,

Essas novas linhas teológicas aceleraram o processo de transformações no padrão ascético pentecostal e, conseqüentemente, a forma como estes passaram a se relacionar com o político e o social, oferecendo substrato teológico para seu engajamento político-partidário.

A disseminação da chamada “Teologia da prosperidade” pelo campo protestante brasileiro, colocou os fieis pentecostais diante de uma nova postura frente ao mundo social. Antes detentores de um discurso de abandono “às coisas deste mundo”, os fieis pentecostais passaram a ser chamados a viver o “aqui e agora”. O até então predominante ascetismo pentecostal foi abandonado em prol da busca por uma vida marcada pelo sucesso financeiro, pela saúde perfeita e o triunfo nos empreendimentos terrenos, que passaram a ser vistos como evidências da benção divina.

Originário do metodismo e do movimento *Holiness* o movimento pentecostal encontrou guarida, sobretudo entre as camadas pobres e marginalizadas. Foi assim em sua expansão inicial nos Estados Unidos e posteriormente também no Brasil. Devido ao seu forte caráter sectário e ascético, os pentecostais defenderam uma forte desvalorização do mundo, deslocando suas promessas redentoras para o além, a exceção estava na cura física.

A Teologia da Prosperidade teve origem nos Estados Unidos onde, além desse nome, é também conhecida por *Health and Wealth Gospel*, *Faith Movement*, *Faith Prosperity Doctrines* e *Positive Confession*. Surgida na década de 1940, foi somente a partir da década de 1970 que ganhou maior repercussão junto aos grupos evangélicos carismáticos. Na base de suas crenças estão idéias provenientes da filosofia do “Novo Pensamento” e da teoria da “Confissão Positiva”.⁷⁹

conjugais e de cura, converter os convidados, em geral profissionais liberais, empresários, executivos e políticos. (Cf. MARIANO, *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*, 1999, p. 39)

⁷⁹ A filosofia do “Novo Pensamento” foi formulada originalmente por Phineas Quimby (1802-66). Quimby, que estudara espiritismo, ocultismo, hipnose e parapsicologia para produzir sua filosofia, inspirou e curou Mary

A “Confissão Positiva” refere-se à crença de que os cristãos detêm o poder de trazer à existência o que declaram, decretam ou determinam com a boca em voz alta. Em suma, as palavras ditas com fé compelem Deus a agir, seja para o bem ou para o mal. Um ponto que têm gerado controvérsias, no meio protestante, em relação à Confissão Positiva está no fato de que, para os seus defensores, confessar não tem nada a ver com pedir ou suplicar a Deus. “Os cristãos, em vez de implorar, devem decretar, determinar, exigir, [...], tomar posse das bênçãos a que têm direito.”⁸⁰

É neste sentido que o pastor e líder da denominação neopentecostal Igreja Internacional da Graça de Deus, R. R. Soares, afirma:

Aqui reside praticamente metade do segredo do sucesso na vida espiritual. Exigir a bênção que, segundo a Palavra, já é nossa, é simplesmente concordar com o Senhor e não deixar o diabo ficar com aquilo que nos pertence. Ao exigirmos o cumprimento de tudo o que legalmente nos pertence, estamos agindo estritamente dentro da vontade do Senhor, expressa nas Escrituras.⁸¹

Ainda segundo Soares, o fato de muitos cristão não terem tomado posse das bênçãos divinas à sua disposição ocorre, em primeiro lugar, devido a incompetência destes em confessá-las de forma adequada, na falta de fé, na existência de pecados ou, simplesmente, pelo fato de ignorarem que possuem “direitos” divinos a serem reclamados:

É exatamente isto que Ele está fazendo. O Senhor está lhe mostrando que, a partir de agora, tudo o que você determinar no nome dEle, Ele mesmo fará. Em outras palavras — você é quem determina o que terá ou não. Você é de Deus. Recriado em Cristo Jesus para o sucesso, para uma vida plena, para determinar o que quiser, e vencer. Se fracassarmos em receber qualquer bênção, é por nossa culpa. O que exigirmos, Ele o fará.⁸²

Baker Eddy, fundadora da Ciência Cristã” (p. 151). A qual teria fundado posteriormente a teoria da Confissão Positiva. ROMEIRO, Paulo. *Supercrentes: o evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os profetas da prosperidade*. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1993.

⁸⁰ MARIANO, R. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*, p. 154.

⁸¹ SOARES, R. R. *Como tomar posse da bênção*. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 1997, p. 10.

⁸² *Ibidem*, p. 33.

Nesse mesmo sentido, Jerônimo Onofre da Silveira, um dos principais pastores da Igreja do Evangelho Quadrangular no Brasil, afirma:

Dependendo do que você falar, você estará semeando a morte, ou seja, a morte ou a vida estão no poder das palavras que saem da sua boca. Jesus disse: dependendo do que você falar, você será justificado, vencedor, vitorioso, mas dependendo do que você falar, você será derrotado, condenado e destruído pela sua própria boca. As suas palavras têm poder de atrair bênçãos ou maldição. Você é quem vai decidir. Um homem que produz por mil homens é aquele que tem domínio, controle das palavras que saem da sua boca. [...] A nossa palavra é uma profecia, pois o que sai da boca acontece. Quando falamos, liberamos o poder de Deus ou o poder do diabo.⁸³

Embora a Igreja do Evangelho Quadrangular ainda venha sendo enquadrada pelos pesquisadores da religião como uma igreja do pentecostalismo neoclássico, conforme pudemos perceber durante nossa pesquisa de campo⁸⁴ essa igreja encerra uma grande variedade de práticas que ora se aproximam do pentecostalismo clássico, ora se aproximam da neopentecostalismo. Ademais, no movimento pentecostal brasileiro as fronteiras doutrinárias e teológicas são facilmente transgredidas.

Em relação ao espaço ocupado pela Teologia da Prosperidade no campo protestante, Mariano faz a seguinte colocação:

Hoje, porém, a Teologia da Prosperidade já deitou raízes muito além das fronteiras das neopentecostais e de certas paraeclesiásticas. Dinâmico e atraente, esse movimento teológico penetrou, ainda que parcialmente, nas protestantes renovadas, na Quadrangular, na Brasil Para Cristo, na Casa da Bênção e até na Assembléia de Deus. Em parte isso foi possibilitado e estimulado pela extensa literatura dedicada ao tema, pelo evangelismo eletrônico, pelas instituições interdenominacionais e pela alta rotatividade interdenominacional de fieis. Além de que a Teologia da Prosperidade, ao justificar o intenso pedido de ofertas, agrada aos pastores cujos projetos

⁸³ Jerônimo Onofre da Silveira é pastor titular do Templo dos Anjos – Comunidade Quadrangular em Belo Horizonte –MG, sua igreja conta atualmente com mais de seis mil membros. Além de Superintendente Regional da III Região Eclesiástica de Belo Horizonte é presidente da Associação de Homens e Mulheres de Negócios do Evangelho Quadrangular. Cf. SILVEIRA, Jerônimo Onofre da. *Produzindo por mil homens*. Belo Horizonte: Jerônimo Onofre Silveira, s/ data, p. 58-59.

⁸⁴ Foram realizadas pesquisa de campo – observação participante -, nas igrejas do Evangelho Quadrangular, na cidade de Assis, no período de junho de 2009 a dezembro de 2010, com registro em diário de campo, catalogação e análise.

evangelísticos são ambiciosos e de alto custo, enquanto que, ao prometer bênçãos materiais e uma vida vitoriosa, mostra-se irresistível aos fieis.⁸⁵

No Brasil, a Teologia da Prosperidade iniciou sua trajetória nos anos 1970, principalmente por meio das igrejas Universal do Reino de Deus e Internacional da Graça, mas não se restringindo a estas ela tem sido assimilada, em menor ou maior grau, por muitas igrejas e ministérios pentecostais. Para os pregadores da Teologia da Prosperidade a posse, a aquisição e a exibição de bens, a saúde em boas condições e a vida sem aflições são apresentados como provas da espiritualidade do fiel, enquanto que a doença e a pobreza são sinais de falta de fé. Há, portanto, um rompimento com o velho ascetismo pentecostal.

A Teologia do Domínio está inserida em um contexto maior marcado pela concepção de que os cristãos devem tomar partido em uma “Batalha Espiritual”. Desde o início o Diabo tem encontrado enorme destaque na doutrina cristã, isso se dá em grande parte devido à dificuldade de se conciliar a onipotência e suprema bondade divina do Deus cristão com a existência do mal e do sofrimento humano.

No entanto, desde o século XVII, a teologia liberal, católica e protestante, tem reduzido o papel ocupado pelo Diabo, tratando-o como metáfora, assim como esvaziando as possibilidades de intervenções sobrenaturais na vida cotidiana dos indivíduos. Todavia, a teologia liberal nunca foi majoritária no meio protestante. Suas interpretações da Bíblia causaram nos EUA do século XIX, horror em diversos grupos cristãos tradicionalistas e fundamentalistas, “todos profundos crentes no poder do Diabo.”⁸⁶ Foi dentre essa maioria, de crentes na ação do Diabo, que enxergam a ação divina ou demoníaca nos acontecimentos cotidianos mais insignificantes, que o pentecostalismo se estabeleceu.

No Brasil, o pentecostalismo não perdeu a noção de estar inserido em uma realidade sacral, influenciada pela ação demoníaca e divina, afinal de contas, é desde o

⁸⁵ MARIANO, R. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*, p.166.

⁸⁶ *Ibidem*, p. 110.

período colonial que o Diabo têm atormentado os devotos brasileiros.⁸⁷ Aqui, a presença do “inimigo de Deus” foi identificada, pelos pentecostais, principalmente na forte influência do catolicismo nas esferas social e religiosa e nas religiões de matriz africana, candomblé e umbanda, no que os pentecostais se somavam à hierarquia católica. Todavia foi somente a partir da década de 1980, que veio a se desencadear no Brasil, o que veio a ser intitulada por muitos de “guerra santa”.

Utilizando-se de uma pedagogia guerreira, os defensores da “guerra espiritual” procuram acentuar a dependência do fiel pentecostal em relação a soluções sacrais, ao mesmo tempo, em que procuram encorajá-los a tomar partido em uma luta contra o Diabo, “revertendo as consequências de seus atos, conquistando território e pessoas para Jesus”.⁸⁸

A concepção de “batalha espiritual”, ou guerra espiritual, ganhou força no Brasil principalmente no início da década de 1980. Nessa formulação teológica, baseada na Teologia do Domínio, a “guerra” deve ser travada contra demônios específicos, que são os “espíritos territoriais e de geração”.

Portanto, a Teologia do Domínio fundamenta-se na ideia de que existem demônios que dominam sobre áreas geográficas (bairros, cidades, países), instituições e grupos étnicos, tribais, culturais e religiosos, que necessitam ser libertos através da oração ou da guerra espiritual.

Para expulsá-los, os crentes fazem intercessões nos cultos e, de preferência, no próprio local ou território que desejam libertar, evangelizar e tomar posse para Deus. [...] a evangelização tem como pré-condição a guerra espiritual, cuja principal arma é a oração [...] Daí terem se tornado comuns as “caminhadas de oração” de fieis por seus bairros de moradia.⁸⁹

⁸⁷ Cf. MOTT, Luiz. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In: SOUZA, Laura de Mello e (Org.) *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa*, São Paulo: Companhia das Letras, 1997

⁸⁸ MARIANO, R. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*, p. 122.

⁸⁹ *Ibidem*, p. 138.

É nesta ideia de libertação por meio de atos e ações realizados em determinados locais que se encontra a base teológica para a realização das já conhecidas “Marchas para Jesus”, que hoje acontecem anualmente em diversas cidades brasileiras. Ao “marcharem” pelas ruas de uma determinada cidade declarando a soberania de Cristo sobre aquele lugar os fieis acreditam estar destruindo as influências malignas que impedem o sucesso da obra evangelizadora.

Por sua vez, os “espíritos de geração”, ou hereditários, são responsáveis pelas maldições de família. Segundo essa concepção, um indivíduo que possua um ancestral que pecara ou mantivera ligações com qualquer prática antibíblica, como o ocultismo e o demonismo, carrega consigo uma maldição provocada pelo demônio herdado. Para se libertar é necessário que este renuncie ao pecado e às ligações demoníacas de seus antepassados, para assim “quebrar” as maldições hereditárias.

Por meio da crença na maldição hereditária, seus defensores, procuram explicar a causa de doenças, violências, guerras, desigualdades sociais e toda sorte de problemas que não tenham uma causa aparente. Ainda segundo os defensores dessas duas linhas teológicas, todos os problemas da sociedade brasileira poderiam ser superados por meio da intercessão.

Mariano chama a atenção para a ligação entre a Teologia do Domínio e participação política de grupos pentecostais:

Prato cheio para os políticos evangélicos, a crença nos espíritos territoriais tem-se prestado ao uso eleitoreiro. Justificam seus defensores, candidatos e cabos eleitorais que a eleição de evangélicos para os altos postos políticos da nação trará bênçãos sem fim à sociedade. Além de desalojar parlamentares infiéis, idólatras, macumbeiros e adeptos de práticas pagãs, parcialmente culpados pelas terríveis maldições que recaem sobre o país, os políticos evangélicos, eleitos, teriam a privilegiada oportunidade de poder interceder, nos planos material e espiritual, diretamente no próprio local onde se alojam poderosos demônios territoriais que tanto oprimem os brasileiros.⁹⁰

⁹⁰ MARIANO, R. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*, p. 144.

Nesse sentido, é sintomática a afirmação da pastora Valnice Milhomens, líder do Ministério Palavra de Fé, quando da candidatura de Francisco Rossi (PDT/SP) ao governo paulista, em 1994.

É inevitável concluir que a raiz dos nossos problemas é de ordem espiritual [...] Diante do exposto, é de suprema importância elegermos governantes que reconheçam Deus com Supremo e de fato dependam dele e consultem sua palavra [...] Estamos não apenas apoiando a candidatura do Dr. Francisco Rossi, mas empenhando-nos em batalha espiritual, intercessão e apoio, para que este servo de Deus chegue ao governo do Estado e o nome no Altíssimo seja glorificado.⁹¹

Mas, se por um lado a disseminação dessas novas linhas teológicas no pentecostalismo brasileiro contribuiu para a mudança de postura de parte das igrejas pentecostais frente à política, discordamos do posicionamento adotado por Mariano, segundo o qual os agentes religiosos manipulariam o discurso teológico submetendo-o aos seus interesses. Antes, acreditamos que as mudanças ocorridas no posicionamento político dos fieis pentecostais, inclusive de seus líderes e pastores, são fruto de mudanças no seu posicionamento teológico e não o contrário. Compartilhamos com os argumentos de Aline Coutrot, segundo os quais existem relações estreitas entre prática religiosa e atitudes políticas. Ela afirma: “Podemos nos espantar que o simples praticante, que tem como único alimento o culto ou a missa semanal, seja modelado pelo ensinamento da Igreja a ponto de nele se inspirar em suas condutas sociais e políticas”.⁹²

Segundo a autora, ao serem socializados por práticas coletivas, os cristãos acabam adquirindo um sistema de valores que profundamente interiorizado subentende suas atitudes políticas. Dessa forma, o fato de existirem formas diferenciadas de posicionamento frente ao político está diretamente relacionado ao fato de que “sempre existiram muitas

⁹¹ *Revista Gospel News*, 5, outubro de 1994, p. 10. Apud MARIANO, R. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*.

⁹² COUTROUT, A. “Religião e política”. In: REMOND, Rene (org.). *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996, p. 336.

correntes teológicas, há muitas espiritualidades modelares de comportamentos profundamente dessemelhantes em relação ao mundo e à sociedade política.”⁹³

Ao abordarmos a religião em conexão com a política não podemos nos esquecer de que os fundamentos teológicos, nos quais os fieis assentam sua fé, são reveladores de atitudes e práticas que estes colocam em prática em seu dia-a-dia, assim:

Limitar-se como se faz às vezes, às posições políticas é deter o olhar na superfície das coisas. Elas são inseparáveis de uma concepção determinada da verdade, das relações entre o espiritual e o temporal, e inexplicáveis sem isso.⁹⁴

⁹³ Ibidem, p. 337

⁹⁴ Ibidem, p. 338.

2 - Pentecostalismo no Brasil: a Igreja do Evangelho Quadrangular

2.1 – O início

A chegada dos missionários da *International Church of the Foursquare Gospel* ao Brasil na década de 1950 e a posterior fundação da Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ) são apontados pelos pesquisadores do movimento pentecostal no Brasil como um marco importante no desenvolvimento deste movimento religioso.

Fundada na cidade norte-americana de Los Angeles, pela canadense Aimee Semple McPherson, a *International Church of the Foursquare Gospel* pregava desde o seu início um pentecostalismo revestido de uma roupagem nova. Nascida em um lar metodista, McPherson, desde criança esteve ligada às expressões artísticas, participando de peças teatrais na igreja que freqüentava. Já na sua adolescência, veio “a interessar-se mais por cinema, patinação no gelo, romances, bailes e festas”, afastando-se da igreja. McPherson converteu-se ao pentecostalismo aos dezessete anos, casando-se logo em seguida com o pregador da ocasião.⁹⁵

Essas características pessoais e da infância de Aimee Semple McPherson são importantes uma vez que vemos nelas as raízes de muitos elementos que seriam marcas da igreja por ela criada. A *International Church of the Foursquare Gospel* se estruturou em moldes muito próximos aos da Igreja Metodista, adotando semelhantemente a esta uma estrutura de governo episcopal, assim como a valorização do “estudo da palavra de Deus”, visto como essencial para o desenvolvimento da nova obra. No ano de 1926, foi fundado o “Life Bible College”, com o objetivo de formar novos missionários.⁹⁶ Uma inovação trazida por McPherson se deu na utilização do rádio como meio proselitista, em 1924 sua igreja já

⁹⁵ ROSA, Júlio O. *O Evangelho Quadrangular no Brasil: fundação e expansão da Cruzada Nacional de Evangelização*. Belo Horizonte: Editora Betânia, 1977, p. 272.

⁹⁶ No Brasil, o primeiro instituto bíblico da IEQ foi fundado em 1957, anterior ao primeiro seminário da Assembleia de Deus. Atualmente a igreja conta com 234 institutos teológicos no Brasil. FRESTON, P. *Protestantes e política no Brasil*, p. 88. RESUMO estatístico da Igreja do Evangelho Quadrangular no Brasil. disponível em www.quadrangularbrasil.com.br, consultado em 22/02/2009.

possuía sua própria estação de rádio, algo avançado para a época, pois “tratava-se da primeira emissora de propriedade de uma igreja nos Estados Unidos, e a terceira em Los Angeles.”⁹⁷

Após uma estada como missionária na China, onde perdeu seu marido, vítima da malária, ela retornou aos Estados Unidos dando início à carreira de pregadora itinerante. O nome “Evangelho Quadrangular” teria lhe sido “revelado” durante um culto realizado na cidade de Okland e se refere “ao quádruplo ministério do Senhor Cristo: O Salvador; O Batizador com o Espírito Santo; O Grande Médico e o Rei que há de voltar”⁹⁸.

A propagação da Igreja do Evangelho Quadrangular nos Estados Unidos, a semelhança do que viria a ocorrer no Brasil, se realizou, principalmente, por meio da realização de “Cruzadas” evangelísticas e o uso intenso do rádio. Nas “Cruzadas”, missionários percorriam o país pregando o “evangelho da cura divina”, utilizando para isso, locais pouco ortodoxos como ginásios, teatros e tendas de lona. Os cultos eram marcados por sessões de oração, onde se buscava a manifestação da “cura divina” e por uma prática litúrgica moderna, mais adequada às inovações culturais que perpassavam a sociedade americana, com uso de guitarras elétricas e instrumentos de percussão.

É interessante a descrição dos meios pouco comuns, à época, utilizados por McPherson para divulgar suas reuniões:

Sua primeira campanha foi na cidade de Mount Forest, em 1915. [...] Entretanto, na primeira noite da campanha, ficou decepcionada com o número reduzido de pessoas no salão de cultos. [fato que se repetiu na noite seguinte] Não agüentando mais, na terceira noite [...], pegou uma cadeira e foi para a esquina mais próxima do salão [...]. Subiu na cadeira, e estendendo os braços para os céus começou a orar em silêncio. Não demorou muito e a multidão estava reunida em volta daquela estranha mulher, para ver o que aconteceria. Abrindo os olhos, ela parou de orar, e pegando a cadeira saiu correndo e gritando: “Depressa, venham comigo!” todos correram atrás dela. Quando todos estavam dentro do salão ordenou ao porteiro que fechasse a porta e não deixasse ninguém sair.”⁹⁹

⁹⁷ FRESTON, P. *Protestantes e política no Brasil*, 282.

⁹⁸ IGREJA DO EVAGELHO QUADRANGULAR, *O Evangelho Quadrangular*. São Paulo: Editora Quadrangular, 1999. p. 10.

⁹⁹ *Ibidem*, p. 15.

Eventos esportivos também eram utilizados para a divulgação das reuniões: “Em outra ocasião, Aimee foi a um ginásio de esportes onde realizavam as lutas de boxe, e obteve licença para, no intervalo da luta, fazer o aviso de que iria iniciar campanha naquele local”.¹⁰⁰

O fato de a Quadrangular ter sido criada por uma mulher explica em grande parte sua flexibilização doutrinária, em relação aos “usos e costumes”, e de ser menos repressora no tocante à roupa e aparência femininas quando comparada as demais igrejas pentecostais brasileiras.

2.2 - A Igreja do Evangelho Quadrangular no Brasil

O primeiro missionário da International Church of the Foursquare Gospel, o norte-americano Harold Willians, chegou ao Brasil no ano de 1946, se estabelecendo na cidade mineira de Poços de Caldas, onde se dedicou ao estudo da língua portuguesa. No ano de 1951, transferiu-se para a cidade paulista de São João da Boa Vista, onde fundou a “Igreja Evangélica do Brasil” – que mais tarde teria sua denominação alterada para “Igreja do Evangelho Quadrangular”. Foi também neste período que Willians, contando com a ajuda de outro missionário norte-americano, Raymond Boatright, deu início às campanhas evangelísticas de cura divina.¹⁰¹ Com o sucesso alcançado por suas pregações, Willians logo mudou-se para a cidade de São Paulo, onde deu início em 1953 à “Cruzada Nacional de Evangelização”, que mais tarde seria incorporada a Igreja do Evangelho Quadrangular como o seu departamento de evangelismo.

É interessante notar, como afirmou o historiador da denominação, pastor Júlio Rosa, que entre os missionários da *International Church of the Foursquare Gospel*

¹⁰⁰ Ibidem, p.17.

¹⁰¹ A Igreja Evangélica do Brasil tem como marco de fundação a data de 15 de novembro de 1951. IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR, *Estatuto da Igreja do Evangelho Quadrangular*. São Paulo: Editora Quadrangular, 2000, p. 4.

(Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular) não havia o desejo inicial de fundar uma nova denominação pentecostal no Brasil:

O projeto inicial do *movimento da cura divina* não previa a organização de mais uma seita religiosa, nem instalação de novas igrejas. O objetivo específico era apenas evangelizar as massas, deixando às seitas já estabelecidas a assistência aos novos convertidos. Para atingir esse alvo, a evangelização as massas a curto prazo em todo território nacional, é que seriam utilizadas as tendas de lona. Cada tenda funcionária como uma espécie de capela ambulante, permanecendo perto de 30 a 60 dias em cada lugar anunciando o evangelho.¹⁰²

Dessa forma, os missionários norte-americanos buscaram, sem sucesso, se aproximar dos líderes das demais denominações religiosas paulistanas com o objetivo de que estas pudessem acolher, ao final das campanhas de cura divina, os novos conversos. A mensagem religiosa apresentada pelos missionários norte-americanos, centrada na cura divina, se distanciava dos modelos até então correntes no protestantismo e pentecostalismo clássico, “a apresentação visual dos pregadores era mais moderna e urbana”.¹⁰³ Esses fatores contribuíam para que as demais denominações religiosas conformassem um discurso segundo o qual “os missionários da cura divina não passavam de falsos profetas”.¹⁰⁴ Diante desses problemas os missionários norte-americanos logo perceberam que:

não seria possível prosseguir com as campanhas evangelísticas, sem a organização de igrejas da própria Cruzada [...]. E também tornara-se evidente que dificilmente os novos convertidos no movimento da Cruzada, se ajustariam ao sistema de cultos ou serviços religiosos de outras denominações, mesmo as pentecostais. [...] A consequência, logo que as tendas mudassem, seria inevitável a dispersão dos novos convertidos.¹⁰⁵

No ano de 1954, Williams fundou a Igreja da Cruzada, que logo passou a se denominar Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ).¹⁰⁶ Sua ligação com a igreja internacional

¹⁰² ROSA, Júlio O. *O Evangelho Quadrangular no Brasil: fundação e expansão da Cruzada Nacional de Evangelização*. Belo Horizonte: Editora Betânia, 1977, p. 40.

¹⁰³ FRESTON, P. *Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment*. Campinas: Unicamp, 1993. (Tese de Doutorado). p. 84.

¹⁰⁴ ROSA, Júlio. Op. cit., p. 41.

¹⁰⁵ Idem, p. 41.

¹⁰⁶ FRESTON, P. Op. cit., p. 83.

foi assegurada, ficando a esta a prerrogativa de indicar o presidente da Igreja do Evangelho Quadrangular no Brasil, situação essa que perdurou até meados da década de 1980.¹⁰⁷

O sucesso inicial alcançado pelas campanhas de “cura divina” não se reverteu, como se poderia esperar, em uma ampla expansão da IEQ pelo território brasileiro. Isso ocorreu em grande parte pela relutância dos missionários norte-americanos em fundar uma nova denominação pentecostal no Brasil. A ênfase dada aos movimentos itinerantes, que com tendas de lona percorriam as principais cidades do interior paulista pregando a cura divina, relegou a estruturação administrativa e ministerial da IEQ a um segundo plano. Sendo assim, nos anos 1960 se assistiu ao surgimento de novas denominações pentecostais que inspiradas na mensagem de “cura divina” alcançaram maior visibilidade social que a IEQ. Paul Freston confirma que esse processo foi facilitado:

em parte pela organização frouxa que incentivou um alto *turnover* da primeira geração de líderes, mas principalmente com a cisão nacionalista O Brasil para Cristo que roubou as multidões e as atenções da mídia. Por muitos anos, a importância da IEQ se restringiu ao papel que jogara nos anos 50, de importadora de técnicas religiosas mais adequadas à nova sociedade de massas.¹⁰⁸

Freston refere-se a Manoel de Mello, que após permanecer na IEQ por um breve período a deixou para fundar a Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo, em 1955. Adotando as mesmas técnicas de proselitismo empregadas pela IEQ, a denominação criada por Manoel de Mello se expandiu rapidamente ao longo das décadas de 1960 e 1970. Outras igrejas surgidas nesse contexto foram a Igreja Pentecostal Deus é Amor e a igreja Casa da Bênção.¹⁰⁹

Ao longo dos anos 1960 e 1970, ao passo que foi se organizando institucional e administrativamente, a IEQ conseguiu se fortalecer, passando a figurar entre as

¹⁰⁷ Oficialmente, a Igreja do Evangelho Quadrangular adota como data de fundação 15 de novembro de 1951.

¹⁰⁸ FRESTON, P. Op. cit., p. 83.

¹⁰⁹ No rastro das atividades de evangelização da Quadrangular também surgiram as igrejas pentecostais Deus é Amor (1962, SP) e Casa da Bênção (1964, MG). MARIANO, R. “Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal”. *Revista Estudos Avançados*. São Paulo, 18, n.º 52, 2004, p. 123.

maiores denominações pentecostais brasileiras. É interessante notar que embora uma das características principais do pentecostalismo brasileiro resida no seu alto poder de fragmentação denominacional ou de divisionismo organizacional,¹¹⁰ a Quadrangular aparece como uma das poucas grandes denominações pentecostais brasileiras a não terem sofrido com o divisionismo institucional. Acreditamos que essa unidade tem sido mantida em grande parte devido às características institucionais da Quadrangular que oferecem liberdade litúrgica e teológica aos seus pastores, coexistindo, por isso, sob o verniz de uma aparente unidade institucional, uma grande diversidade de práticas e crenças. Ao mesmo tempo, a adoção de uma estrutura administrativa e de governo institucional, baseadas em princípios democráticos, tem conseguido acomodar os diferentes grupos que anseiam pelo controle da instituição desestimulando a fragmentação institucional.

Atualmente a IEQ é a terceira maior denominação pentecostal brasileira, possuindo, segundo os dados divulgados pelo Censo Populacional de 2000, um total de 1.318.805 de fiéis.¹¹¹ Ela encontra-se presente em todos os estados brasileiros, mas sua presença é mais sentida principalmente nas regiões Sudeste e Sul. Abaixo segue o resumo estatístico divulgado pela instituição com dados referentes ao ano de 2001.

¹¹⁰ Id., *Ibid.*, p. 122.

¹¹¹ IBGE - *Censo Demográfico 2000*. Disponível em http://www.mai.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=75&Itemid=69, consultado em 19/11/2011.

Tabela 1 - Resumo Estatístico da Igreja Quadrangular no Brasil	
A Igreja	
Igrejas e Obras	6977
Congregações	3988
Programas de Rádio	554
Institutos Teológicos	234
Templos	4610
Tabernáculos e Salões	2243
O Ministério	
Total Geral	23461
Composição	
Ministros	3952
Aspirantes	2353
Obreiros Titulares	2374
Obreiros Credenciados	14782
Por Sexo	
Total de Homens	13553
Total de Mulheres	9908
Estado Civil	
Casados	18460
Solteiros	4197
Outros	804

Fonte: www.quadrangularbrasil.com, consultado em 14/05/2011

Nos tópicos a seguir buscamos destacar as particularidades da Igreja do Evangelho Quadrangular em relação às demais igrejas pentecostais presentes no campo religioso brasileiro. Em primeiro lugar, nos detemos sobre os elementos que dão conformação à “mensagem quadrangular”, explorando suas bases teológicas. Em seguida, traçamos um panorama do perfil organizacional e administrativo da Igreja.

2.3 - As bases teológicas do “Evangelho Quadrangular”

Tendo como lema denominacional o versículo bíblico “Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e eternamente”¹¹², a Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ) procura, em

¹¹² Hebreus 13,8. Todas as citações de textos bíblicos foram extraídos de: BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Ed. 2002. Santo André: Geográfica editora, 2002.

suas palavras, “apresentar o evangelho completo de Jesus Cristo”¹¹³. A manifestação da “cura divina” ganha um aspecto central, já que toda a base teológica da IEQ se assenta na crença sobre a atualidade dos milagres e maravilhas realizados por Jesus Cristo, conforme são descritos nos Evangelhos.

Freston ressalta que no contexto de inserção da IEQ no Brasil a manifestação da cura divina não era novidade nos meios pentecostais, o ineditismo estava na sua “massificação e prática em locais públicos”.¹¹⁴ Para a IEQ, as demais igrejas pentecostais falhavam ao relegarem a manifestação da cura divina para um plano secundário. Na teologia “quadrangular” o batismo com Espírito Santo, dava capacidade aos fiéis para realizarem obras maiores que as de Jesus.¹¹⁵

Em sua base teológica e doutrinária a IEQ não se distancia muito das igrejas pentecostais clássicas se diferenciando, sobretudo pela ênfase dada a manifestação da “cura divina”, elemento até então relegado a um segundo plano pelas igrejas pentecostais brasileiras. Para os pregadores e missionários da IEQ, a cura divina tem um aspecto central. É justamente por essa ênfase na cura divina e pelos métodos proselitistas diferenciados que os pesquisadores da religião no Brasil consideram a chegada da IEQ, nos 1950, como um marco na história do pentecostalismo brasileiro. Todavia, suas bases teológicas não se distanciaram muito do pentecostalismo clássico.

Segundo o sociólogo Lalive d’Epinay:

O pentecostalismo sintetiza o protestantismo (cristocentricidade, biblicismo, união da fé com a ética) com uma forma de espiritualidade que é característica das religiões “populares” (emoção, ritos de possessão, participação coletiva).¹¹⁶

¹¹³ ROSA, Júlio. *O Evangelho Quadrangular no Brasil*, p. 12.

¹¹⁴ FRESTON, Paul. Protestantismo e política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment. p. 84.

¹¹⁵ “Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em mim fará as obras que eu faço, e as fará maiores do que estas; porque eu vou para meu Pai.” (João 14:12)

¹¹⁶ D’EPINAY, C. L. Toward a typology of Latin American protestantism. *The Review of Religious Research*. 10. 4-10, 1968. p. 9. Apud. SIEPIERSKI, P. D. “Contribuições para uma tipologia do pentecostalismo brasileiro”. In: GUERRIERO, Silas (org.) *O estudos da religião: desafios contemporâneos*. São Paulo: Paulinas, 2003.

Siepierski chama atenção para o fato de a cristocentricidade não ter sido abandonada pelas denominações pentecostais que enfatizam a cura divina. “Neles a cura é sempre atribuída a Jesus. Frases como ‘Jesus me curou’ são muito mais comuns do que ‘O Espírito me curou’ ou mesmo ‘Deus me curou’.”¹¹⁷ No caso específico da IEQ, a cristocentricidade está expressa de forma clara em seus quatro princípios basilares onde Jesus aparece como a personagem principal, para a IEQ: “Jesus Cristo é o salvador, o batizador no Espírito Santo, o grande médico e o rei que há de vir”.¹¹⁸

Aliás, conforme citamos acima, a base teológica da IEQ se assenta em quatro princípios basilares, daí o nome Evangelho Quadrangular. Esses princípios teriam sido revelados à fundadora do movimento, Aimée Semple Mcpherson, durante uma campanha missionária realizada na cidade estadunidense de Oakland, no verão de 1922. Em uma das reuniões realizadas naquela cidade, em que o tema era “a visão de Ezequiel”, Aimée afirmou ter recebido a “visão quadrangular”. Assim o evento foi por ela descrito:

Minh'alma ficou aterrada! Meu coração sobressaltado! A ofuscante glória desta visão parecia não só encher o Tabernáculo, mas ainda toda a Terra. Nas nuvens do céu que se enovelavam e se envolviam numa glória de fogo, Ezequiel vira o ser cuja glória nenhum mortal pode descrever. A medida que ele contemplava aquela revelação maravilhosa do Ser Onipotente, podia distinguir quatro faces, ou rostos, nos quatro querubins: eram o rosto de um homem, de um leão, de um boi e de uma águia.

É um perfeito Evangelho! Um Evangelho completo para o corpo, alma, espírito e eternidade. [...] Levada sobre os ventos impetuosos de um reavivamento do Espírito Santo, a expressão EVANGELHO QUADRANGULAR que o Senhor me deu distingue vivida e apropriadamente a mensagem que me fora dada a pregar e tornara-se uma palavra conhecida em toda a Terra.¹¹⁹

A “visão de Ezequiel” à qual Aimée se referiu está registrada na Bíblia Sagrada no livro de Ezequiel, capítulo 1. Nele o profeta tem a visão de querubins:

Olhei, e eis que um vento tempestuoso vinha do norte, e uma grande nuvem, com um fogo a revolver-se; e um resplendor ao redor dela, e no meio uma cousa como de cor de âmbar, que saía dentre o fogo. E do meio dela saía a

¹¹⁷ SIEPIERSKI, op. cit., p. 72.

¹¹⁸ IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR, *O Evangelho Quadrangular*, p. 23.

¹¹⁹ Ibidem, p. 31-32.

semelhança de quatro animais; e esta era a sua aparência: tinham a semelhança de um homem. E cada um tinha quatro rostos, como também cada um deles quatro asas. [...] E semelhança dos seus rostos era como o rosto do homem; e a mão direita todos os quatro tinham rosto de leão, e a mão esquerda todos os quatro tinham rosto de boi; e também rosto de águia todos os quatro.¹²⁰

A visão de Ezequiel foi interpretada por Aimée a partir de um simbolismo que enxerga em cada uma das diferentes faces uma representação dos “quatro aspectos importantes do ministério de Jesus Cristo.”¹²¹ Esse simbolismo é complementado com a associação das qualidades principais de Cristo às mensagens centrais contidas nos Evangelhos.

Tabela 2 - Simbologia Quadrangular			
SÍMBOLO	COR NA BANDEIRA	SIGNIFICADO	EVANGELHO
O Rosto de Homem ou a Cruz	vermelho	A salvação	Lucas
O Rosto de Leão ou a Pomba	amarelo	Jesus, aquele que batiza com o Espírito Santo	João
O Rosto de boi ou o cálice	azul	Jesus, o que cura nossas enfermidades	Marcos
O Rosto de Águia ou a coroa	púrpura	O Rei que voltará	Mateus

Fonte: www.quadrangularbrasil.com consultado em: 16/09/2011.

No primeiro rosto visualizado pelo profeta, o rosto de homem, Jesus é enxergado como “o homem dos pesares, acostumado com a aflição, morrendo sobre o madeiro”. O segundo, o rosto de leão, faz referência ao “batizador poderoso com Espírito Santo e com fogo”. O terceiro, o rosto de boi, representa “o grande removedor de fardos e pecados – o mesmo que levou nossas enfermidades e nos afastou do pecado”. Por último, há o rosto de águia, que representa “a vinda do Rei, quando Ele vier buscar a noiva que o espera – Sua Igreja.”¹²² Estas são as chamadas “doutrinas cardinais” da IEQ.


Foi a partir dessa interpretação que surgiu o nome Evangelho Quadrangular:

¹²⁰ Ezequiel. 1,1-28.

¹²¹ IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR, O Evangelho Quadrangular, p. 30.

¹²² Ibidem, p. 31.

O nome "Quadrangular" tem a ver com a doutrina fundamental do Evangelho de Jesus Cristo, revelada aos homens através dos quatro evangelhos: Jesus Cristo é o Salvador do homem, é quem batiza com o Espírito Santo de Deus, é o Grande Médico e é o Rei cuja volta a igreja aguarda.¹²³

Tabela 3 - Simbolismo na Bandeira Quadrangular		
 <p>Bandeira Quadrangular</p>	Vermelho	A salvação pelo sangue de Cristo
	Amarelo	O Batismo com o Espírito Santo / Jesus é aquele que batiza
	Azul	A cura que vem do céu / Jesus Cristo o Grande Médico
	Púrpura	A cor da realeza / Jesus Cristo o Rei que Voltará
	O quadrado	A Bíblia aberta
	O quatro	O Evangelho Quadrangular
	A cruz	O sacrifício de Cristo
	As franjas amarelas	Missões / O evangelho Quadrangular envolvendo o Mundo

Fonte : www.quadrangularbrasil.com consultado em: 16/09/2011.

É interessante notar que há por parte da denominação a preocupação em frisar que “a mensagem quadrangular, [...], não foi criada por Aimée, [...] Na verdade ela remonta aos dias do Antigo Testamento,¹²⁴ estando, portanto, subentendida em toda a literatura do Velho Testamento.

Você pode hesitar em chamar Isaías de pregador quadrangular, mas o profeta era certamente um arauto do evangelho quadrangular! Isaías profetizou sobre Jesus Cristo como Salvador e Operador de Curas: “Mas, ele foi transpassado pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pela suas pisaduras somos sarados (Is 53.5).”¹²⁵



Essa preocupação em demonstrar a ligação umbilical entre a mensagem quadrangular e os textos bíblicos nos remete ao biblicismo, apontado por D’Epinay como

¹²³ JESUS, Marli de. *O Evangelho Quadrangular: o que é e como surgiu*. Disponível em: <http://www.quadrangularbrasil.com>, consultado em 15/05/2009.

¹²⁴ SCOTTI, Ignez Terezinha. *Evangelho Quadrangular: Teologia confessional*. Curitiba: Secretaria Geral de Educação e Cultura da Igreja do Evangelho Quadrangular - IEQ, 2010, p. 17.

¹²⁵ Id., Ibid., p. 17.

sendo uma das características principais do pentecostalismo clássico, conforme já mencionamos.

Tabela 4 - Símbolos utilizados pela IEQ	
 <p>Brasão Quadrangular</p>	 <p>Logotipo Quadrangular</p>

Fonte: www.quadrangularbrasil.com consultado em: 16/09/2011.

Na visão de seus fundadores a IEQ resgata aos cristãos uma “realidade mítica”, “original”, que se perdeu na medida em que a igreja cristã se desviou de seus “verdadeiros caminhos”. Por isso, a vinda da IEQ para o Brasil é interpretada como uma manifestação da “providência divina”, já que o campo religioso brasileiro necessitava de um “reavivamento espiritual”.

Em relação às igrejas pentecostais já estabelecidas no campo religioso brasileiro, para os missionários da IEQ, estas careciam de um “reavivamento”, uma vez que “limitavam-se a pregar dentro dos templos”. A chegada da mensagem quadrangular corresponderia a uma resposta divina a essa necessidade. A IEQ teria surgido como:

um movimento espontâneo do Espírito Santo, nascendo no coração de Deus. Inegavelmente, esse movimento abalou os meios evangélicos, e produziu direta ou indiretamente, o reavivamento tão esperado. [...] E como seu objetivo é a evangelização das massas, [...], fez nestes vinte e cinco anos, o que algumas grandes denominações não fizeram em cinquenta anos.¹²⁶

Na visão desses missionários, as igrejas pentecostais brasileiras falhavam ao relegar a cura divina para um segundo plano, ao mesmo tempo em que praticavam uma evangelização que acusava o próximo de pecador, que o ameaçava sistematicamente com o

¹²⁶ ROSA, Júlio. *O Evangelho Quadrangular no Brasil*, p. 270.

fogo do inferno e que já no primeiro encontro criticava os costumes e o vestuário. A IEQ se enxerga como uma igreja que não faz estas coisas, “onde o *pecado* e o *inferno* perdem a centralidade, em favor do apelo às necessidades sentidas de cura física e psicológica.”¹²⁷

Nesse sentido é interessante a declaração do Reverendo Manoel Maria, em entrevista concedida ao jornal Folha de São Paulo, quando da comemoração do oitavo aniversário da IEQ na cidade de São José dos Campos, no ano de 1974. Perguntado sobre o uso, ainda pouco convencional, de guitarras elétricas e instrumentos de percussão nas reuniões, Manoel Maria respondeu:

[Aqui] são aceitos todos os filhos de Deus e seus instrumentos, desde hippies a executivos. Os jovens freqüentam assiduamente a Igreja do Evangelho Quadrangular porque ela é livre: não criticamos quem usa cabelos compridos, nem proibimos as mulheres de acompanharem os sermões, vestindo calças compridas, [...]. Quando iniciou suas atividades nesta cidade, a Igreja contava apenas com 16 frequentadores, hoje, porém, passado oito anos, são mais de 800 fiéis que se comprimem todos os domingos no templo na rua Ana Bonário.¹²⁸

Outro ponto importante a ser observado na teologia quadrangular se refere à sua escatologia. Segundo Paulo Siepierski, a escatologia foi o elemento central em torno do qual se estruturou todo o sistema pentecostal em seu início nas primeiras décadas do século XX nos Estados Unidos. Até mesmo a manifestação da glossalalia deve ser vista em uma perspectiva escatológica:

Os pentecostais entenderam que o fenômeno que estava ocorrendo em seu meio era o mesmo que ocorrera com os discípulos em Jerusalém [...]. A interpretação escatológica dada pelo apóstolo São Pedro àquele evento, vendo nele prenúncio dos últimos tempos, foi assumida inteiramente pelos pentecostais. A nova visitação do Espírito Santo representava a consumação dessa era.¹²⁹

Para os pentecostais a segunda volta de Jesus Cristo terá como objetivo, após o “arrebatamento da Igreja”, a implantação de um período de mil anos de paz e

¹²⁷ FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment.*, p. 84.

¹²⁸ *Folha de São Paulo*, 31 dez. 1974, p. 14.

¹²⁹ SIERPIERSKI, Op. cit., p. 73.

prosperidade na Terra, ou seja, o milênio, onde os salvos governarão a Terra ao lado de Jesus. Todavia, esta interpretação não é unânime e, tampouco, constante entre as diversas vertentes cristãs. Para o protestantismo norte-americano do século XIX, por exemplo, o retorno de Cristo aconteceria somente ao final do milênio sendo, por isso, classificado como pós-milenarista.

A crença no pré-milenarismo por parte dos pentecostais, ou seja, que a segunda vinda de Cristo precederá seu reino milenar trouxe grandes implicações ao comportamento pentecostal. O posicionamento pré-milenarista é responsável pelo ascetismo característico dos pentecostais.

Podemos lembrar o afastamento das questões sociais, o desprezo pelos prazeres mundanos, o cultivo da sobriedade e da temperança, entre outras. A expectativa do iminente retorno de Cristo [...] também funcionava com instrumento regulador do comportamento, uma vez que quem fosse encontrado em pecado quando da vinda de Cristo não participaria em seu reino milenar.¹³⁰

Na IEQ, a ênfase dada à cura divina acabou por abrandar a expectativa escatológica que provocava a profunda desvalorização do mundo aliada ao forte sectarismo e o rigoroso ascetismo, entretanto, a crença no retorno iminente de Cristo em um futuro próximo continua sendo pregada. As diversas crises econômicas e sociais que marcaram o mundo, nas últimas décadas, são encaradas como evidências desse retorno.

No capítulo 24 de Mateus, Jesus apresentou vários sinais que antecederiam a sua vinda. O versículo 5 fala de falsos cristos, o 6 menciona guerras e rumores de guerra, no 7 encontramos nação contra nação, reino contra reino, fomes e terremotos em vários lugares. [...] Contudo, entre um sinal e outro Jesus estava sempre dizendo ... *mas ainda não é o fim ... porém, isto é o princípio das dores*. [...] É por isso que muitos desses sinais ocorrem há muitos séculos; todavia, a intensificação de alguns deles indicam que “o fim do fim” está chegando. No século XX já ocorreram quase 150 guerras, incluindo aí as duas guerras mundiais que ceifaram a vida de milhões de pessoas. Nunca houve tantos terremotos no mundo quanto agora, e a fome, pestes, doenças e outras calamidades nunca foram tão acentuadas como nos

¹³⁰ SIEPIERSKI, P. Op. cit., p. 72.

últimos tempos [...] Com certeza Jesus voltará, quando, não sabemos, mas os sinais estão aí nos dizendo: será em breve.”¹³¹ [grifo do autor]

Teologicamente não há diferenças significativas entre a IEQ e as igrejas do pentecostalismo clássico. A cristocentricidade, o biblicismo e a união da fé com a ética continuam nela presentes. Para a Quadrangular, o batismo com o Espírito Santo é um “revestimento de poder” que possibilitará “a rápida evangelização do mundo, apressando, portanto, a volta de Jesus.”¹³² No Brasil, o emprego de técnicas proselitistas mais modernas, como o uso do rádio e de espaços públicos para a realização de reuniões, e a ênfase dada à pregação da cura divina, trouxeram mudanças significativas ao campo religioso brasileiro, em especial ao subcampo pentecostal.¹³³ Sendo, por isso, a chegada da Quadrangular vista como o marco inicial de um novo momento na expansão pentecostal pelo Brasil, inaugurando o chamado pentecostalismo neoclássico.¹³⁴ Por fim, as denominações que surgiram no bojo do movimento de cura divina iniciado pela Quadrangular, rapidamente ganharam centenas de milhares de adeptos, sobretudo entre as camadas mais modestas da população. Foi a partir de então que o pentecostalismo começou a inquietar os demais agentes até então majoritários no campo religioso.

2.4 - Organização administrativa e eclesiástica

Conforme já mencionado anteriormente, quando da chegada dos primeiros missionários da Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular ao Brasil estes não almejavam dar início há um novo movimento religioso em terras brasileiras, antes, se enxergavam como portadores de um reavivamento espiritual. No entanto, na medida em que

¹³¹ MARQUES, Cairo. & PRESTES, Nelson O. *Doutrinas Bíblicas*. São Paulo: Editora Quadrangular, 1999, p. 60-61.

¹³² SIEPIERSKI, P. Op. cit., p. 76.

¹³³ MONTES, Maria Lucia. Op. cit.

¹³⁴ Além da IEQ são enquadradas como pertencentes ao pentecostalismo neoclássico a Igreja Pentecostal Deus é Amor e a Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo. (Cf. MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 24.

as campanhas de cura divina foram recebidas com grande sucesso no meio religioso e diante da dificuldade em conseguir o apoio das denominações já existentes tornou-se necessária a criação de uma nova instituição. Isso ocorreu ainda no ano de 1951 com a criação da Igreja Evangélica do Brasil, que após ligar-se oficialmente a Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular, sediada nos Estados Unidos, passou a se denominar oficialmente Igreja do Evangelho Quadrangular.

Ao se estruturar institucionalmente a IEQ procurou se espelhar nos moldes de sua igreja-mãe norte-americana se assemelhando, por isso, em muitos elementos às igrejas metodistas. A própria instituição reconhece essa proximidade entre a IEQ e o metodismo, ao relembrar a biografia de sua fundadora:

A Igreja do Evangelho Quadrangular é originalmente uma denominação que adotou como princípio e forma de governo, o episcopal. Certamente devemos isto ao fator histórico da vida da fundadora de nossa Igreja, missionária Aimée Semple McPherson, que desde sua infância viveu o rigor administrativo – eclesiástico, da Igreja Metodista americana.¹³⁵

Administrativamente a IEQ se organiza em três níveis hierárquicos: A administração Superior e Geral (de abrangência nacional), a Administração Intermediária (que atua em seus respectivos estados) e a Administração de Base (que se restringe ao espaço das igrejas locais). Em relação à distribuição do poder a igreja adota como princípio o modelo de governo episcopal, que está define como sendo a forma de governo em que:

descansa o poder nas mãos dos prelados ou bispos. As decisões são mais dinâmicas e proporcionam uma maior unidade e uniformidade nas práticas pastorais. Esta forma de governo é praticada pelas Igrejas Romana, Metodista, Episcopal, Anglicana e Quadrangular. É conhecida como o governo do bispo.¹³⁶

Na IEQ a instância superior de poder é ocupada, no nível da Administração Superior, pelo Conselho Nacional de Diretores (CND). A ele estão diretamente subordinadas

¹³⁵ IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR, *Estatuto da Igreja do Evangelho Quadrangular*. São Paulo: Editora Quadrangular, 1999, p. 7.

¹³⁶ Id., *Ibid.*, p. 7.

as Secretarias Gerais de Administração e Finanças, de Ação Social, de Educação e Cultura, de Missões, Comunicação, Disciplina Eclesiástica e as Coordenadorias Nacionais de Grupos missionários (de mulheres, homens, jovens e crianças) e a Secretaria Nacional de Cidadania. Os membros do Conselho Nacional de Diretores são eleitos pelos membros do ministério em Convenção Nacional, que “funciona como a Assembleia Geral da Corporação”.¹³⁷ As Convenções Nacionais são responsáveis por:

I – eleger os membros do Conselho Nacional de Diretores, por maioria Simples de voto [...]. II – apreciar e votar os relatórios do Presidente, do Tesoureiro do Conselho Nacional de Diretores; III – decidir em última instância sobre doutrina, ética cristã, práticas pastorais, liturgias, administração e disciplina; IV – aprovar o Regimento Interno [...]; V – prover os cargos do Conselho Nacional de Diretores; VI – apreciar as proposições remetidas pelas Convenções Estaduais.¹³⁸

O cargo de chefia da Igreja é ocupado pelo presidente do Conselho Nacional de Diretores que cumpre um mandato de quatro anos, ao final do qual tem a possibilidade de ser reeleito ou substituído. É responsabilidade do presidente do Conselho Nacional de Diretores escolher os presidentes das Coordenadorias e Secretarias nacionais.

Entre os anos de 1951 e 1987, a Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular deteve a prerrogativa de indicar o presidente do Conselho Nacional de Diretores, no Brasil. No entanto, devido à existência de leis que impediam entidades civis nacionais de manterem estrangeiros como seus dirigentes foi criado o cargo de Secretário Executivo, o que levou a IEQ a adotar durante este período uma “espécie de governo parlamentarista, onde o presidente era nomeado pela Igreja dos Estados Unidos mas quem governava era o Secretário Executivo”.¹³⁹

O crescimento da IEQ no Brasil trouxe mudanças às relações entre a igreja brasileira e a matriz norte-americana. No ano de 1987, durante a realização da XXXVI

¹³⁷ Ibidem, p. 75.

¹³⁸ Ibidem, p. 76-77.

¹³⁹ Ibidem, p. 78.

Convenção Nacional, foi votado e aprovado o fim da intervenção norte-americana na Igreja brasileira. A partir de então o presidente do Conselho Nacional de Diretores passou a ser eleito pela Convenção Nacional deixando, portanto, de ser indicado pela igreja norte-americana.¹⁴⁰ Embora oficialmente a IEQ defenda que a autonomia em relação à igreja norte-americana tenha ocorrido de forma “natural”, Freston afirma que o rompimento se deu em grande parte pelo envolvimento político de grande parte da cúpula da igreja brasileira ao longo dos anos 1980, algo condenado pelo presidente, ainda norte-americano, que afirmava ser a política “coisa do mundo”.¹⁴¹

No âmbito da Administração Intermediária a IEQ adota uma estrutura que se assemelha àquela do Conselho Nacional de Diretores. Nele o poder é exercido pelo Conselho Estadual de Diretores (CED), que cumpre funções semelhantes aquelas atribuídas ao CND, mas restritas ao âmbito dos estados. O presidente do Conselho Estadual também é eleito em convenção, cumprindo um mandato de quatro anos.

No âmbito de cada templo, a responsabilidade pela administração está nas mãos do pastor titular que é auxiliado pelo Conselho Diretor Local (CDL). O CDL tem como presidente o pastor titular da igreja, sendo composto também por um vice-presidente, secretário, tesoureiro, diretor de diáconos e diretor de patrimônio. Estes são escolhidos pelo pastor e tem a manutenção de seus cargos confirmada anualmente quando da realização das Assembléias Gerais, onde são lidos e aprovados os relatórios financeiros e administrativos do ano em vigência. Dela podem participar todos os membros da igreja.

Outro fator que aproxima o modelo administrativo adotado pela Quadrangular ao do metodismo está na divisão do espaço geográfico em regiões eclesiásticas e campos missionários. As regiões eclesiásticas são “jurisdições territoriais onde são

¹⁴⁰ Embora esvaziado da maior parte das suas atribuições de governo que passaram então para o presidente do Conselho Nacional de Diretores, o cargo de Secretário Executivo só veio a ser extinto no ano de 1999. JESUS, Marli. *Contando a História*. Disponível em:

http://www.quadrangularbrasil.com/dpth_pt/index.php?option=com_content&view=article&id=90&Itemid=15

¹⁴¹ FRESTON, P. Op. cit., p. 85.

designados os Superintendentes ou Diretores de Campo, os quais trabalham como representantes do CND na administração regional da Igreja.”¹⁴² Um Campo Missionário é basicamente uma região em formação, somente oficializado enquanto região eclesiástica quando houver nele um mínimo de sete igrejas estabelecidas. A indicação de superintendentes e pastores é restrita ao CND, não havendo possibilidade de os membros das igrejas locais influenciarem na escolha.

A título de conclusão, constatamos em nossa pesquisa que embora a IEQ adote um sistema de governo episcopal, este não tem tido como característica a formação de uma liderança central forte, que consiga impor sua vontade aos demais. Ao contrário do que tem sido comum entre as igrejas pentecostais que em muitos casos são controladas por “líderes carismáticos”, que acabam concentrando em si o controle de suas denominações, na Quadrangular a distribuição do poder acaba se diluindo e impedindo a concentração excessiva de poder nas mãos de um único líder.

O fato de os membros dos conselhos diretores da Igreja serem eleitos em convenções estaduais e nacionais abre espaço para que diferentes grupos, muitas vezes antagônicos, encontrem espaço na instituição. Existe sempre a possibilidade de que em uma próxima eleição o poder possa mudar de mãos e isso acaba por enfraquecer a possibilidade de fragmentação ou de divisionismo institucional.

2.4.1 – Os Grupos Missionários

Ao mesmo tempo em que há a organização administrativa, tratada no tópico anterior, responsável pelos trâmites burocráticos, existe uma segunda linha organizacional, que atua de forma mais efetiva no dia-a-dia dos templos e congregações espalhados pelo

¹⁴² MARQUES, Cairo. *Administração Eclesiástica*, São Paulo: Editora Quadrangular, 1999, p.35.

Brasil, são os “Grupos Missionários”. Uma vez participante das atividades da igreja o *neoconverso* passa a ser integrado aos diferentes grupos missionários:

A visão de aproveitamento dos talentos e capacidade espiritual de cada pessoa na Igreja, não importa sexo, idade, cultura ou nível social, levou a Administração da Igreja a criar os grupos missionários e diversos departamentos da igreja local, para que surjam oportunidades para todos os que amam o Evangelho e a Igreja poderem servir ao Senhor e crescer na graça e no conhecimento de Cristo.¹⁴³

Os grupos missionários funcionam como “departamentos” das igrejas locais. É principalmente por meio deles que os membros tomam parte nas atividades promovidas pela igreja. O envolvimento dos novos convertidos nos grupos missionários é essencial para que estes sejam integrados à instituição religiosa, às suas práticas, crenças e representações.

Na Quadrangular estes grupos têm servido também como um espaço de preparação de novos líderes para o ministério pastoral. É grande o número de pastores que começaram sua trajetória na igreja como líderes de grupos missionários.¹⁴⁴

Tabela 5 - Organização dos grupos missionários por faixa etária		
Grupo missionário	Sigla	Faixa etária
Grupo Missionário de Crianças	GMC	5 a 9 anos
Grupo Missionário de Juniores	GMJr	10 a 12 anos
Grupo Missionário de Adolescentes	GMA	13 a 16 anos
Grupo Missionário de Jovens	GMJ	17 a 25 anos
Grupo Missionário de Jovens Casados	GMJC	Até 35 anos
Grupo Missionário de Mulheres	GMM	de 35 anos em diante
Grupo Missionário de Homens	GMH	de 35 anos em diante
Grupo Missionário da Terceira Idade	GMTI	de 65 anos em diante

Fonte: IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR, *Regimento Interno*, São Paulo: Editora Quadrangular, 2005, p. 79-80.

¹⁴³ Ibidem, p. 39.

¹⁴⁴ Este fator foi confirmado nas entrevistas realizadas com pastores da denominação.

2.4.2 - Carreira pastoral: a entrada no ministério

Na Quadrangular, é grande a preocupação com a formação teológica e doutrinária de seus membros e integrantes do quadro ministerial. Durante os cultos os membros são constantemente incentivados a se tornarem freqüentadores assíduos da Escola Bíblica Quadrangular (EBQ), que tem como objetivo:

levar seus alunos ao conhecimento e aceitação pessoal de Jesus Cristo como salvador e ao seu pleno desenvolvimento na vida cristã e para conseguir este alvo oferece um programa de estudo sistemático da Palavra de Deus adaptado para todas as idades.¹⁴⁵

Também existe preocupação em relação à formação de pastores e obreiros. O primeiro instituto bíblico da IEQ, o “Life Bible College”, foi criado em 1926 nos Estados Unidos pela fundadora da Igreja, Aimée Semple Mcpherson. No Brasil, o desejo de criação do primeiro instituto bíblico da Quadrangular foi expresso já na Convenção Nacional de 1954. No ano de 1956 foi criado o Instituto Bíblico Foursquare, com o objetivo de dar formação aos novos pregadores da cura divina.¹⁴⁶ Posteriormente, este teve sua estrutura aumentada passando a se denominar Instituto Teológico Quadrangular (ITQ). Segundo Paul Freston a criação do instituto bíblico pela Quadrangular se deu antes mesmo da criação do primeiro seminário da igreja Assembleia de Deus, que embora já estivesse no Brasil desde 1911, ainda não contava nos anos 1960 com um instituto bíblico próprio.¹⁴⁷ Segundo dados do Departamento Histórico Quadrangular, o ITQ contava, no ano de 2001, com 234 institutos de nível básico e médio, 1.200 professores e 6.300 alunos, espalhados por todo o território nacional.¹⁴⁸

¹⁴⁵ MARQUES, Cairo. *Administração Eclesiástica*, p. 60.

¹⁴⁶ ROSA, Júlio. Op. cit., p. 129.

¹⁴⁷ FRESTON, Paul. Op. cit., p. 84.

¹⁴⁸ DEPARTAMENTO HISTÓRIO QUADRANGULAR, *Estatísticas - ITQ*, Extraído de: http://www.quadrangularbrasil.com/dpth_pt/index.php?option=com_content&view=article&id=74&Itemid=8, consultado em 15/06/2011.

Aos fiéis que desejem ingressar no quadro ministerial da IEQ é exigido que concluam um dos cursos teológicos oferecidos pelo ITQ.¹⁴⁹ Uma vez formado, o postulante à entrada no ministério recebe, desde que cumpra os requisitos pessoais básicos, a credencial de “Obreiro credenciado”. São pré-requisitos para o “Obreiro credenciado”: ter idade igual ou superior a dezoito anos; ser batizado com o Espírito Santo; acatar transferência de igreja e de região; e estar em envolvido nas atividades e departamentos da Igreja há pelo menos um ano, o que deverá ser comprovado por meio de relatório expedido pelo pastor titular do templo ao qual o obreiro ficará ligado.¹⁵⁰

O “Obreiro Credenciado” deve atuar como auxiliar do pastor. A partir desse momento o candidato passa a ser oficialmente membro do ministério da IEQ, podendo participar das Convenções Nacional e Estadual. Após cumprir um período mínimo de quatro anos na função, o obreiro credenciado poderá ser elevado à categoria de Aspirante e, após 2 anos, poderá ascender à categoria de Ministro, chegando ao final da carreira ministerial na IEQ.¹⁵¹

2.5 - A Secretaria Geral de Cidadania Quadrangular

Como já citamos anteriormente, a incursão de igrejas pentecostais junto ao campo político se deu concomitantemente ao processo de reabertura política nos anos 1980. Esse também foi um contexto de mudanças no panorama teológico pentecostal. Desde os anos 1970, o campo protestante brasileiro vinha sofrendo a influência crescente de novas linhas teológicas que conclamavam o cristão pentecostal a abandonar o discurso sectário, tomando

¹⁴⁹ O curso de Nível Básico em Teologia tem duração de apenas um ano, o de Nível Médio em Teologia possui duração de três anos. A Igreja do Evangelho Quadrangular ainda conta com a Escola por Correspondência Quadrangular destinada àqueles que morem em localidades onde inexistam ITQs.

¹⁵⁰ IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR, *Regimento Interno*, p. 24-25.

¹⁵¹ É necessário que o Aspirante, para ser elevado a Ministro, esteja atuando como Pastor Titular ou Pastor Auxiliar em tempo integral, nos dois últimos anos que antecedem a sua promoção. (IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR, *Regimento Interno*, p. 31)

uma nova postura frente ao mundo sócio-político. Diante das frágeis fronteiras doutrinárias e teológicas existentes no pentecostalismo brasileiro essas novas linhas teológicas acabaram por influenciar, em menor ou maior grau, uma parcela considerável das denominações pertencentes a esse subcampo do protestantismo.

A IEQ figura entre as primeiras igrejas pentecostais a conceder apoio a candidatos próprios, todavia, este envolvimento não ocorreu sem conflitos internos.¹⁵² A iniciativa do Conselho Nacional de Diretores de apoiar as candidaturas dos pastores Mário de Oliveira¹⁵³ e Jayme Paliarin, em 1986, à Assembléia Nacional Constituinte, foi realizado mesmo sob a desaprovação do presidente nacional da igreja, à época indicado pela igreja matriz norte-americana. Nos anos seguintes, o envolvimento político da cúpula da IEQ no Brasil e o seu crescimento institucional provocaram o rompimento entre a igreja brasileira e a sua matriz norte-americana.¹⁵⁴

Ainda recentemente, durante a realização da 48ª Convenção Nacional da Igreja do Evangelho Quadrangular, realizada no mês de junho de 1999, na cidade de Belo Horizonte, quando perguntado acerca do envolvimento do corpo ministerial da IEQ no Brasil com a política, o presidente da Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular, reverendo Paul Risser, afirmou:

Essa decisão é tomada por cada país. Nós sabemos certamente que é importante estar presente no mundo das leis. Há muitos pastores no Brasil envolvidos nos parlamentos e posso entender o tremendo sacrifício de tempo que isso representa.¹⁵⁵

O posicionamento “apolítico”, não era exclusividade das igrejas pentecostais no Brasil, no caso da IEQ. Ainda hoje sua igreja matriz, norte-americana,

¹⁵² Embora, o pastor Mário de Oliveira já houvesse sido eleito deputado estadual, em 1982, sua candidatura não passou de uma atitude isolada. Já nas eleições para a Assembléia Nacional Constituinte de 1986, os pastores Mário de Oliveira e Jayme Paliarin, contaram com o apoio institucional para se elegerem deputados federais.

¹⁵³ Após fundar a Igreja do Evangelho Quadrangular em Assis, Mário de Oliveira realizou campanhas evangelísticas pelo estado do Rio Grande do Sul. Posteriormente se estabeleceu na cidade mineira de Belo Horizonte, onde permanece atuando como pastor quadrangular até os dias atuais.

¹⁵⁴ FRESTON, Op. cit., p. 88.

¹⁵⁵ EXPRESSÃO de zelo pelo Senhor. *Voz Quadrangular: Jornal Ministerial de Informação e estratégia da Igreja do Evangelho Quadrangular*. Ano 11, nº 66, setembro de 1999, p. 4.

enxerga com reservas o envolvimento políticos de seus pastores. Paul Freston, afirma que nos anos 1990 a cúpula dirigente da IEQ foi:

mais diretamente envolvida na política que a de qualquer outra igreja. A eleição para o Conselho Nacional em 1992 teve políticos como candidatos a cada um dos postos principais: a presidente: deputado federal Mário de Oliveira; a primeiro vice: deputado estadual Daniel Marins; a secretário executivo: ex-constituente Jayme Paliarin; a tesoureiro: vereador Luiz Carlos Pinto.¹⁵⁶

Embora em um primeiro momento a IEQ, tenha conseguido êxito em eleger seus candidatos à Constituinte de 1986, nos anos seguintes ela passou a sofrer com a concorrência de outras denominações como a Igreja Universal do Reino Deus, que conseguiu se tornar majoritária entre as igrejas evangélicas brasileiras no que se refere à eleição de representantes à cargos públicos.¹⁵⁷ Com vistas a mudar essa situação, durante a década de 1990, a IEQ procurou se mobilizar de modo a ajustar sua estrutura eclesiástica aos seus novos projetos, em especial o de participação política.

A atuação político-partidária não deveria mais ficar restrita aos pastores pertencentes à cúpula dirigente, mas deveria ser disseminada por toda a estrutura institucional. Como consequência desse processo no ano de 1999 foram criados dois órgãos institucionais para serem responsáveis pela articulação política da igreja e o trabalho de conscientização junto aos fiéis. A Coordenação Nacional de Ação Política, que ficou responsável por traçar as estratégias políticas a serem implementadas pela igreja no sentido de permitir a esta lançar candidatos próprios nas eleições nos níveis municipal, estadual e federal¹⁵⁸ e a Secretaria Geral de Cidadania da Igreja do Evangelho Quadrangular, responsável por formular a “Doutrina Sócio-Política” da igreja e, nas palavras de seu secretário-geral Rev. Rui Barboza,

¹⁵⁶ Mário de Oliveira foi o fundador da Igreja do Evangelho Quadrangular em Assis e Luiz Carlos Pinto, foi também pastor da 1ª Igreja do Evangelho Quadrangular de Assis entre os anos de 1972 e 1974. FRESTON, *Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment*, p. 89.

¹⁵⁷ Cf. BAPTISTA, Saulo de Tarso Cerqueira. *Cultura política brasileira, práticas pentecostais e neopentecostais: a presença da Assembleia de Deus e da Igreja Universal do Reino de Deus no Congresso Nacional (1990-2006)*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007.

¹⁵⁸ CONSELHO NACIONAL DE DIRETORES, *Estatuto da Igreja do Evangelho Quadrangular*. São Paulo: Editora Quadrangular, 2000. p. 10

“conscientizar e mobilizar o povo Quadrangular sobre a importância da atuação da igreja no cenário político nacional, estadual e municipal.”¹⁵⁹

Desde então, a escolha dos representantes da IEQ a cargos públicos passou ser referendada pelos membros do ministério. São realizadas prévias internas para a escolha dos representantes da igreja nas eleições à semelhança do que ocorre nos partidos políticos, ou seja, a IEQ passou a adotar um procedimento democrático de escolha dos “candidatos oficiais”, seguindo o modelo já empregado internamente, em relação ao preenchimento dos seus quadros de liderança. É permitido aos fieis se candidatarem às prévias mas estes não possuem poder de voto que é restrito aos pastores e obreiros credenciados. Isso tem garantido um predomínio quase absoluto de pastores entre os “candidatos oficiais” da denominação.

Segundo o Estatuto Quadrangular, em seu Artigo 14:

Artigo 14 - Os candidatos a cargos político- partidários no âmbito federal e estadual são escolhidos pelas convenções estaduais e, no âmbito municipal, em uma prévia pelos pastores titulares da região ou campo missionário.

§1 - Nos municípios onde exista a criação de mais de uma região, os candidatos são escolhidos em reunião convocada pelo Conselho Estadual.

§2 - Os membros do Ministério devem manifestar seu apoio aos candidatos oficiais, demonstrando sua fidelidade à Igreja.¹⁶⁰

A prática política da IEQ guarda diferenças entre àquelas produzidas, por exemplo, pelas igrejas Universal do Reino de Deus e Assembléia de Deus. Diferentemente dessas denominações, a Quadrangular “privilegia um procedimento democrático de escolha de candidatos ‘oficiais’”.¹⁶¹ Se é grande a diversidade teológico-doutrinária no pentecostalismo brasileiro, também o são diversas as formas como essas igrejas tem se organizado a fim de participar do campo político. Isso nos leva a outro ponto importante, qual seria o perfil do político quadrangular?

¹⁵⁹ <http://www.ieqcedsp.com.br/portal/novidades/cidadania.asp> em 26/07/2010.

¹⁶⁰ IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR, *Estatuto da Igreja do Evangelho Quadrangular*. São Paulo: Editora Quadrangular, 2000, p. 4.

¹⁶¹ ORO, Ari Pedro. “A política da Igreja Universal e seus reflexos nos campos religioso e político brasileiros”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 18. N. 53, outubro/2003, , p. 60.

Segundo Paul Freston:

O político da IEQ é alguém que fez trabalho pioneiro como pregador e operador de milagres. Jayme Paliarin, deputado federal constituinte de São Paulo, por exemplo. Aos vinte e poucos anos, ele veio da Igreja Metodista para a incipiente IEQ e tornou-se pregador. [...] Em 1960, Paliarin ficou preso três dias em Araraquara por causa de suas reuniões. Dois anos depois, já se iniciava na carreira política como vereador em Bauru. Nos anos 70, chegou a secretário executivo da IEQ. Foi também evangelista oficial, cargo itinerante ideal para a construção de bases políticas. Outro constituinte, Mário de Oliveira, teve projeção meteórica como menino-pregador nos anos 60. Recebia “revelações sobre pessoas que iam se suicidar, outras desenganadas, endemoninhadas, etc. Nos anos 70, implantou a IEQ em Belo Horizonte, tornando-se verdadeiro cacique local. Em 1982, nem precisou da benção do presidente da igreja para se eleger deputado federal. Bastava sua projeção local em rádio e, depois, em televisão.¹⁶²

Segundo o autor, os políticos da IEQ se utilizam do sucesso alcançado enquanto pregadores e evangelistas para obter projeção social e sucesso em seus empreendimentos políticos. Há, portanto, uma “reconversão de capital”¹⁶³ do campo religioso para o campo político que tem possibilitado aos pastores, embora pouco experientes no campo político, lograr sucesso nos pleitos eleitorais.

Atualmente, no entanto, tem havido uma mudança no perfil do “político quadrangular”, o que tem colocado a igreja diante de novos desafios. Se, inicialmente, o processo de “reconversão de capital” era facilitado pelo fato dos “pastores políticos” fazerem parte da cúpula da igreja e gozarem, portanto, de maior visibilidade dentro da própria igreja e junto à sociedade, com a expansão do projeto de participação política, outros meios de acúmulo de capital religioso e de reconversão deste para o campo político precisaram ser criados. É, por isso, que com a criação da Secretaria Geral de Cidadania, o tema da participação política ganhou uma nova dimensão. Temas como “conscientização política” e “cidadania” passaram a ser trabalhados em toda a igreja. Pastores e fieis tornaram-se alvos das ações de conscientização política.

¹⁶² FRESTON, Op. cit., p. 89.

¹⁶³ BOURDIEU, P. *O poder simbólico*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 191.

2.5.1 - Cidadania quadrangular

A entrada de igrejas evangélicas no campo político tem desde o início levantado a bandeira da moralização da política brasileira. Para as igrejas envolvidas com a política partidária:

a corrupção é a antítese dos princípios cristãos de valorização da comunidade, do bem comum e da fraternidade, constituindo-se no inimigo do bem-estar dos cidadãos. A corrupção justifica e legitima o ingresso na política, uma vez que eles se consideram uma espécie de 'reserva moral' da sociedade.¹⁶⁴

Como já apontamos anteriormente, o fenômeno da cidadania possui uma historicidade, adquirindo características próprias nos diversos contextos histórico-geográficos em que se desenvolveu. Atualmente, o conceito de cidadania tem sido entendido como a conjunção dos direitos civis, políticos e sociais, sendo cidadãos plenos somente aqueles indivíduos que gozassem dessas três classes de direitos simultaneamente. Os direitos civis seriam aqueles fundamentais à vida, à liberdade, à propriedade e à igualdade perante lei. Os direitos políticos referem-se à participação do indivíduo no governo da sociedade em que está inserido. Por fim, os direitos sociais buscam assegurar a participação de todos na divisão das riquezas produzidas, dele fazem parte o acesso à educação, ao trabalho, à justa remuneração, à saúde e a aposentadoria.

No discurso de pastores da IEQ é comum o uso da palavra cidadania. Mas de que forma as igrejas pentecostais têm encarado o fenômeno da cidadania? Quando a IEQ convoca seus fieis a exercerem sua cidadania, a que tipo de cidadania se refere? Esses pontos são importantes de serem esclarecidos uma vez que, ao ser empregado no senso comum, muitas vezes não há clareza do sentido em que o conceito é empregado.

¹⁶⁴ ORO, Ari P. Op. cit., p. 57.

Uma análise da “Doutrina Sócio-Política” da IEQ é elucidativa no sentido de nos aproximar da forma como a Igreja tem formulado seu conceito de cidadania. Segundo o Reverendo Rui Barbosa, responsável pela Secretária Geral de Cidadania da IEQ, a “Doutrina Sócio-Política” deve servir como um marco para as ações que busquem “conscientizar e mobilizar o povo Quadrangular sobre a importância da atuação da igreja no cenário político nacional, estadual e municipal.”¹⁶⁵ É a partir destes pontos que se espera que os políticos e fieis da Igreja venham a se posicionar em relação às mais variadas situações inerentes à sociedade.

A “Doutrina Sócio-Política” traz como pontos a serem combatidos pela Igreja:

o divórcio sem fundamento, o casamento de pessoas do mesmo sexo e o homossexualismo, o aborto, a imposição do controle de natalidade e esterilização, a pena de morte, a exploração de crianças e adolescentes, a legalização da profissão de prostituta, a discriminação (raça, cor, credo), a corrupção e impunidade, a opressão ao menos favorecidos, os vícios em geral e o fechamento de igrejas e prisão de pastores.¹⁶⁶

Como pontos a serem defendidos ela traz:

o direito da cidadania (conscientização do povo), o direito à educação religiosa com plena liberdade de expressão, a assistência social, o direito da ocupação da mídia pela igreja (liberdade de imprensa), ética e decência nos meios de comunicação, a preservação ecológica, o amparo aos necessitados, da saúde e moradia com infra-estrutura e o trabalho justo e estável.¹⁶⁷

De certa forma, a IEQ também entende que a cidadania é composta pelo exercício dos direitos civis, sociais e políticos:

Todo homem é possuidor de diversos direitos existenciais, morais, culturais, religiosos políticos, econômicos e sociais. Temos, portanto, direito à vida, à integridade física, ao respeito, à segurança e aos meios necessários para uma vida digna. A participação na vida pública, justa distribuição dos salários, livre iniciativa, propriedade privada, liberdade de locomoção, expressão, fixação de residência, etc.¹⁶⁸

¹⁶⁵ SECRETARIA ESTADUAL DE CIDADANIA. *Cidadania Quadrangular*, disponível em <http://www.ieqcedsp.com.br/portal/novidades/cidadania.asp> em 26/07/2010.

¹⁶⁶ *DOCTRINA sócio-política da Igreja do Evangelho Quadrangular*, disponível em <http://www.cidadaniaquadrangular.com.br>, consultado em 14/05/2010.

¹⁶⁷ Id., Ibid.

¹⁶⁸ Ibidem, p. 10.

No entanto, existem algumas particularidades na forma como a igreja formula o seu conceito de cidadania. A princípio, a IEQ entende o exercício da cidadania como a busca pela conscientização da população, que passaria a se mobilizar contra os projetos contrários à fé cristã. O “Cidadão Quadrangular” seria aquele que procurasse “tomar conhecimento dos trabalhos dos parlamentares e dos projetos que apresentam, como votam, como tratam da vida e da família, quais os interesses que defendem, etc.”¹⁶⁹

Em relação ao tema da liberdade sexual a IEQ, por ter “o dever de se posicionar a favor da moral e dos bons costumes”,¹⁷⁰ é contrária as práticas homossexuais e à união de pessoas do mesmo sexo, rejeitando, por isso, qualquer projeto que vise o reconhecimento da união civil entre pessoas do mesmo sexo. Para os grupos pentecostais, em geral, os preceitos morais tem como base fundamental os textos bíblicos e, por isso, não podem ser alvo de negociação ou flexibilização, cabendo aos fiéis apenas acatá-los:

A família é constituída da união indissolúvel de um homem, uma mulher e filhos. A Igreja tem como dever se posicionar a favor da moral e dos bons costumes. Valores morais não são frutos do consenso, pois são normas intocáveis até para os legisladores civis.¹⁷¹

Existem no meio social diferentes formas de entendimento do que seria o exercício da “cidadania plena” e as igrejas pentecostais tem se esforçado no sentido de formular e impor o seu conceito de cidadania à sociedade. São detectadas tensões entre o discurso pentecostal acerca da cidadania e a sua prática religiosa principalmente no que se refere às liberdades individuais. No discurso político, os grupos pentecostais procuram alinhar-se a uma postura de respeito aos direitos civis, dentre eles a liberdade religiosa, aos direitos políticos e sociais, mas em sua prática e discursos religiosos apresentam o mundo como um “campo de batalha”, onde as forças do bem, representados pelos fiéis pentecostais, devem combater o avanço das “forças malignas” comumente associadas, no Brasil, ao

¹⁶⁹ Ibidem, p. 10.

¹⁷⁰ *DOCTRINA sócio-política da Igreja do Evangelho Quadrangular*, p. 4. Disponível em <http://www.cidadaniaquadrangular.com.br>, consultado em 14/05/2010.

¹⁷¹ Id., ibid., p. 4.

catolicismo e às religiões de matriz africana. No que tange à temática da liberdade sexual, as igrejas adotam o modelo familiar tradicional, formado da união entre homem e mulher, como sendo a única aceitável. Para a IEQ, o exercício da cidadania deve estar condicionado à observância dos preceitos bíblicos.

3 – Religião e Política: A Igreja do Evangelho Quadrangular em Assis-SP

3.1 - Os campos político e religioso assisenses

A presença e expansão protestantes, sobretudo pentecostal, que se acelerou a partir da segunda metade do século XX contribuiu para que se esboçassem novas tendências na configuração do cenário religioso brasileiro. Ao passo que o catolicismo se projetava na vida social e política seus fieis “sentindo-se abandonados à própria sorte, [...] se bandearam para o lado do protestantismo então em plena expansão e das religiões afro-brasileiras.”¹⁷² Esse avanço do protestantismo, que nas décadas seguintes se mostrou cada vez mais agressivo, obrigou a Igreja Católica a levar em consideração as aspirações populares e a repensar seu modo de atuação.

No afã de tentar manter o controle sobre o campo religioso brasileiro, o catolicismo lançou mão de todas as estratégias possíveis para impedir que seus fieis fossem atraídos para o protestantismo, não importando qual ramificação ou tipologia a ele pertencente.¹⁷³

Em Assis, foram muitos os fatores que aproximaram elites locais e clero católico, ambos visando à manutenção de suas posições de dominância em seus respectivos campos de atuação. Fundada a partir de um pequeno povoado surgido nas terras doadas pelo Capitão da Guarda Nacional, Francisco de Assis Nogueira, para a construção de uma capela, a presença católica se fez presente desde o início, confundindo-se com o desenvolvimento do município.¹⁷⁴

Foi em torno dessa primeira capela, feita de pau-a-pique e coberta de sapé, que o povoado ganhou forma. A chegada da Estrada de Ferro Sorocabana no ano de 1914

¹⁷² MONTES, Op. Cit., p. 79.

¹⁷³ PROENÇA, *Sindicato de mágicos*, p. 137.

¹⁷⁴ Essa primeira capela foi consagrada à tríplice invocação do Sagrado Coração de Jesus, de seu padroeiro São Francisco de Assis e da Obra-Pia do Pão de Santo Antônio, perdurou até o ano de 1912 quando foi construída em seu lugar uma nova capela, de madeira. MAIO, Maria das Graças de. *Assis: cidade fraternal*, São Paulo: Editora Noovha America, 2004, p. 13.

representou um marco fundamental para o desenvolvimento local. Assis foi elevada à categoria de Distrito de Paz e a capela foi elevada à categoria de paróquia, passando a contar com um padre permanente, Francisco La Torre Lucena.

Poucos anos depois, em 1919, no rastro do desenvolvimento promovido pela chegada da ferrovia, Assis foi elevada à categoria de sede de comarca. A expansão e consolidação do catolicismo pelo Oeste Paulista também foi beneficiado com a chegada da ferrovia, mas para que possamos entender melhor a configuração e as particularidades do catolicismo instalado em Assis devemos retroceder um pouco a fim de apreender seus princípios norteadores. A instalação da Diocese de Assis foi uma atitude da Igreja Católica que se explica no contexto de criação e desenvolvimento da Arquidiocese de São Paulo sob o governo do seu primeiro Arcebispo, D. Duarte Leopoldo e Silva. A arquidiocese paulista adotava, desde meados de 1850, uma postura definida fundamentalmente por sua completa inserção na autocompreensão ultramontana da Igreja Católica.¹⁷⁵

Segundo Ivan Aparecido Manoel, por autocompreensão, pode se entender a definição e a visão que a Igreja tem de si mesma em um determinado momento da história e, em função dela, as tarefas que ela se auto-confere, tanto para o seu relacionamento com os fieis, quanto para o relacionamento com a realidade vivida naquele momento.¹⁷⁶ O conceito de “autocompreensão ultramontana” designa o auto-entendimento e as tarefas que a Igreja se impôs, do século XIX ao Concílio do Vaticano II e seus traços definidores foram: o afastamento e rejeição ao pensamento moderno, incluídos aí a filosofia burguesa e o marxismo; a retomada do tomismo-aristotélico enquanto filosofia oficial da Igreja e a orientação doutrinária contra-reformista e anti-moderna do Concílio de Trento, do século XVI; centralização institucional em Roma, com o poder decisório concentrado na pessoa do

¹⁷⁵ D'ÂNGELO, J. C. (Pe); MANOEL, I. A. *Diocese de Assis: notas históricas e pastorais*. Aparecida: Santuário, 1990.

¹⁷⁶ MANOEL, Ivan Aparecido. *O Pêndulo da História*. A Filosofia da História do Catolicismo Conservador (1800-1960). Franca: Unesp, Tese de Livre Docência, 1998. Apud. SALES, Igor Marlon. *A autocompreensão da Igreja e Renovação Carismática Católica*, Dissertação de Mestrado em História. Franca: Unesp, 2006.

Papa e da Cúria Romana; e o afastamento e ruptura de toda ingerência do poder do Estado nos assuntos eclesiásticos. Com essas linhas definidoras, a Igreja buscava no ultramontanismo, resgatar a estabilidade sócio-política da Idade Média.

O ultramontanismo chegou a São Paulo com a elevação de D. Antonio Joaquim de Melo a Sé paulista em 1851. O trabalho pastoral desse novo bispo de São Paulo foi pautado pela introdução da política ultramontana por meio da reforma do clero paulista, o que não foi uma tarefa fácil em face da realidade vivida pela Igreja Católica no Brasil, distante de Roma e submetida ao poder do Imperador por meio da instituição do Padroado Régio.

Para a completa inserção da prática católica nos marcos definidos pela visão de mundo ultramontana era necessário, no que tangia ao relacionamento com o Estado, romper o vínculo de dependência com o poder constituído. Em relação à mudança de mentalidade do clero, esta foi buscada por meio da organização de seminários conforme os preceitos ultramontanos. Em relação aos fiéis, era necessário, além de prover as paróquias existentes com padres romanizados, criar novas paróquias e dioceses. Nesse contexto, a criação de novas dioceses fazia parte de uma estratégia que visava garantir a penetração mais efetiva e eficaz da doutrina junto aos seus fiéis e criar um espaço mais amplo de trabalho em face das religiões protestantes ou de associações e institutos não religiosos ou mesmo anti-religiosos.

Apesar do esforço do ultramontanismo em distanciar a estrutura eclesiástica da influência das elites locais houve, na realidade, um resultado contrário e a postura ultramontana acabou por aproximar ainda mais as oligarquias locais ao catolicismo. A cosmovisão ultramontana entendia a vida humana enquanto um “vale de lágrimas” e as conquistas pessoais como um constante perigo à salvação do homem. Essa autocompreensão da Igreja desenvolveu uma teoria providencialista da história, entendendo-a como

movimentada apenas pela vontade divina, “recomendendo aos homens a aceitação passiva *da vida modesta e trabalhosa* em que se encontravam no momento à espera da *felicidade futura*.”¹⁷⁷ Dessa forma, ao preconizar o sofrimento no presente à espera da recompensa futura, o ultramontanismo se tornou uma teoria que foi recorrentemente apropriada pelas elites sociais e políticas. Estado e oligarquias locais apoiaram em muitos casos as realizações da Igreja Católica em São Paulo mais pela possibilidade de se apropriarem dos princípios morais e políticos, desenvolvidos a partir do ultramontanismo, do que por interesses propriamente religiosos. Isso explica porque boa parte dos políticos brasileiros aceitavam e apoiavam as realizações católicas na sua autocompreensão ultramontana, embora se identificassem mais com a doutrina liberal ou com o positivismo ateu e anticlerical.

A criação da Diocese de Assis não fugiu a essa tendência: “Os grupos de poder buscavam na doutrinação ultramontana *o apoio sem reservas de um clero que saberia dirigir as massas* à teoria que ensinava o respeito ao poder constituído porque ele era o representante do próprio Deus.”¹⁷⁸ [grifos do autor] Ao se analisar o comprometimento dos chefes políticos locais verifica-se que a expectativa desses grupos se voltava-se mais para o significado sócio-político da criação e instalação do bispado do que para seus resultados soteriológicos:

Assim, desde 1925 estavam postas as condições para o desmembramento da Diocese de Botucatu de modo a dar origem à Diocese de Assis. Tratava-se, para a Igreja de um ato pastoral e administrativo necessário ao seu próprio funcionamento. Para a oligarquia local, a vinda da sede do bispado poderia significar um reforço do seu domínio. A comprovação de que a cidade comandada por ela era uma cidade desenvolvida e civilizada.¹⁷⁹

O processo de criação das condições materiais para a instalação da sede do bispado em Assis revela não só o envolvimento direto e exaustivo da oligarquia local, mas a própria estratégia empregada por esses grupos. Em primeiro lugar, houve a necessidade de

¹⁷⁷ D’ÂNGELO, J. C. (Pe); MANOEL, Op. cit., p. 14.

¹⁷⁸ Ibidem, p. 15.

¹⁷⁹ Ibidem, p. 15.

reunir a população católica da região, congregando-a em um esforço coletivo para angariar fundos e realizar as construções necessárias à criação e instalação da diocese na cidade. Esse trabalho conduzido principalmente pelo padre Davi Corso, que com o apoio da mídia local, obteve êxito ao conseguir com que a população participasse ativamente, por meio dos sistemas de mutirão, na construção da sede do bispado, do Palácio Episcopal Santa Terezinha e da catedral diocesana.

No entanto, as exigências para a instalação da sede da nova diocese em Assis iam além da garantia de recursos financeiros e materiais. Uma segunda frente de trabalho se referia à necessidade de cumprir todos os requisitos necessários à criação da diocese, de modo a colocar Assis em vantagem em relação à Presidente Prudente, que também objetivava atrair a sede do bispado para aquela cidade. O engajamento de membros da elite local, que estavam ligados de forma mais efetiva ao campo político paulista, colocou Assis na dianteira, em relação ao grupo prudentino.

O grupo assisense foi liderado por duas forças políticas expressivas no cenário paulista: Dr. Vasco Joaquim Smith de Vasconcelos, Juiz da Comarca, e o Dr. Lycurgo de Castro Santos, médico, chefe político situacionista vinculado ao P.R.P. e prefeito municipal por duas gestões.¹⁸⁰ Ambos participaram ativamente no processo de arrecadação de recursos, no processo de negociação junto a Igreja Católica, bem como, na busca de apoio junto ao poder constituído, estadual e federal, o que fez com que o grupo assisense se colocasse na dianteira em relação ao grupo de Presidente Prudente. Assim, no dia 30 de novembro de 1928, por meio da Bula *Solicitude da Igreja Universal*, o Papa Pio XI determinou a criação e instalação da Diocese de Assis, administrada inicialmente por D.

¹⁸⁰ D'ÂNGELO, J. C. (Pe); MANOEL, Op. cit., p. 18.

Carlos Duarte da Costa, bispo de Botucatu, até a chegada, em março de 1930, de D. Antonio José dos Santos, primeiro bispo diocesano de Assis.¹⁸¹

Nos anos seguintes, os mecanismos que garantiam o predomínio da ação católica na região diocesana, tais como os seminários, os colégios masculinos e femininos, as ligas e associações de leigos engajados no auxílio a tarefas eclesiais, e os jornais diocesanos e paroquiais deram também embasamento institucional a elite. Ao mesmo tempo houve um esforço em integrar, ainda que de forma controlada, as camadas menos abastadas à nova sociedade que se formava:

Incrementar a infraestrutura da cidade com apoio das camadas menos abastadas da população, para passar a idéia de uma união comunitária em prol da modernidade era o grande trunfo das elites, que aplicavam verdadeiras políticas de recrutamento entre os moradores de Assis para o trabalho em obras que, segundo sua proposição, trariam status e elevariam o nome da cidade perante a região, como a construção de escolas e outros prédios do patrimônio municipal ou pertencentes a instituições, como associações de bairro e grupos religiosos.¹⁸²

A promoção de mutirões na cidade teve continuidade em grande parte pela iniciativa da liderança católica. Foram convocados mutirões para as obras de término da Igreja Matriz e para a criação dos jardins da Praça da Igreja. Posteriormente, com a mesma iniciativa foi erguido um teatro de madeira no terreno da paróquia, com a finalidade de servir como casa de espetáculos, salão paroquial, escola primária, local de “desafios” de violeiros, entre outras festas.¹⁸³ Nas décadas seguintes a proximidade entre a elite local e a Igreja Católica foi uma constante, embora nem sempre estes grupos estivessem afinados em suas aspirações.

¹⁸¹ A nova diocese jurisdicionária, além de Assis, mais doze paróquias: Campos Novos, Cândido Mota, Conceição do Monte Alegre, Maracaí, Palmital, Paraguaçu Paulista, Platina, Presidente Prudente, Quatá, Salto Grande, Santo Anastácio e São Pedro do Turvo. Contava com uma área de aproximadamente 26.000 m² e uma população estimada em 150.000 habitantes. ¹⁸¹ D'ÂNGELO, J. C. (Pe); MANOEL, I. A. *Diocese de Assis: notas históricas e pastorais*. Aparecida: Santuário, 1990, p. 24.

¹⁸² BERNO, Monise Cristina. *Entre a Cruz e a TV: “Um dia sem TV” em prol do “bom senso”*. Dissertação de Mestrado em História, Unesp/Assis: SP, 2010, p. 32.

¹⁸³ *Ibidem*, p. 25.

As primeiras igrejas protestantes se instalaram em Assis, ainda nas primeiras décadas de fundação do município. Os presbiterianos, em 1921, seguidos pelos batistas que embora já realizassem reuniões na cidade desde 1914, vieram a inaugurar seu primeiro templo apenas no ano de 1928. Os metodistas, por sua vez, inauguram seu primeiro templo em 1936. Com a chegada desses novos grupos religiosos o campo religioso assisense foi aos poucos marcado pelo conflito e a concorrência interna entre os diversos sistemas de práticas e crenças religiosas que passaram a disputar a hegemonia do campo religioso local.

Os desafios impostos ao catolicismo assisense pela chegada dessas novas expressões religiosas, são destacados na biografia de seu primeiro Bispo:

Foi na direção dessa diocese que Dom Antonio José dos Santos revelou toda sua capacidade de organizador e realizador de obras. [...] No entanto, considera-se que a sua mais importante obra em Assis seja aquela realizada em um plano invisível: a preservação e revigoração da Fé Católica, principalmente nos anos quarenta. Por essa época, Assis e Diocese como um todo enfrentavam o surgimento de idéias contrárias ao ideário e doutrinas católicas, representados pelos diversos ramos de protestantismo e pelas idéias comunistas.¹⁸⁴

Já na década de 1960, o campo religioso assisense, à semelhança do que ocorria no restante do país, tornou-se alvo da ação de um novo tipo de pentecostalismo, detentor de um proselitismo mais agressivo e mais adaptado ao emprego dos meios modernos de comunicação. Ao dar ênfase à “manifestação da cura divina” esse novo pentecostalismo se aproximou do estoque religioso brasileiro, o que lhe garantiria maior aceitação entre as camadas populares. Para uma parcela considerável da população brasileira acostumada a recorrer ao sagrado para a resolução de seus problemas cotidianos, a mensagem da cura divina, não se apresentava como estranha. No dia 26 de março de 1966 a IEQ deu início aos seus trabalhos na cidade de Assis.

¹⁸⁴ D'ÂNGELO, J. C. (Pe); MANOEL, Op. cit., p. 29.

3.2 - A Igreja do Evangelho Quadrangular na cidade de Assis-SP

Com a estruturação da IEQ e a fixação de sua sede nacional na cidade de São Paulo, no ano de 1954, a Cruzada Nacional de Evangelização deixou de ser um movimento proselitista para se tornar o departamento evangelístico da Igreja do Evangelho Quadrangular. A pregação itinerante, com uso de tendas de lona, passou então a seguir um planejamento oficial, devendo se estender por todo o interior paulista. Cândido Procópio Ferreira de Camargo afirma que “entre os ramos pentecostais, foi este o único a adotar preferencialmente o proselitismo junto à áreas pioneiras”¹⁸⁵

A abertura de novas igrejas fora entregue a jovens missionários, que rumaram para as principais cidades do interior paulista. Sua estratégia proselitista, assim como acontecia nos Estados Unidos, baseava-se na realização de cultos e sessões de cura divina em locais públicos – praças, ginásios, estádios –, aliados ao uso do rádio como meio de divulgação das campanhas. Ao final da década de 1960 a IEQ já se fazia presente nas principais cidades do Estado de São Paulo, alcançando também os estados das regiões Sul e os demais estados da região Sudeste.

A chegada da IEQ à cidade de Assis ocorreu no ano de 1966 por meio do jovem missionário, proveniente da cidade de Ourinhos-SP, Mário de Oliveira. Vejamos como foi relatada a primeira reunião dirigida por Mario de Oliveira na cidade de Assis:

Isto aconteceu na noite de 26 de março de 1966 [...]. Perto de 500 pessoas estavam reunidas na Praça Arlindo Luz, nas proximidades da estação ferroviária. Todos aguardavam em grande expectativa o aparecimento do missionário muito anunciado pela rádio da cidade. [...]. Em dado momento um rapazinho magrelo, moreno, ainda imberbe e com uma pastinha debaixo do braço, chegava apressado. Acotovelando aqui, acotovelando dali, pedia licença e se esforçava para romper o que para ele parecia uma imensa massa humana. Conseguindo, após muito esforço, o seu intento, subiu ao coreto da praça, donde contemplou vitorioso e emocionado a multidão. O público observava todos os seus movimentos, mas parecia pouco impressionado com

¹⁸⁵ CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de (org). *Católicos, protestantes e espíritas*. Petrópolis: Vozes, 1973. p. 105.

a sua figura. O rapaz deu início à reunião, cantando o corinho “Meu coração é só de Jesus”, com o povo. A seguir, pregou sem inibição alguma, [...], fez uma oração por todos os presentes, desceu impôs as mãos sobre algumas pessoas. O rapaz possuía, sem dúvida, alguma tarimba e desembaraço. Mesmo assim, a multidão não parecia convencida. Após o término daquela reunião, alguém aproximou-se do rapaz e simploriamente perguntou-lhe: “Escuta, e o missionário não vai vir?” Era evidente que a maioria pensava que o rapazinho era apenas ajudante do missionário. Mário de Oliveira, que estreava naquela noite como missionário, respondeu meio sem jeito: “Mas eu sou o missionário.” “Ué, mas você é que é o missionário?! Mas você é muito menino ainda! Está todo mundo aqui esperando que o missionário venha. Então você que é o missionário?” “Sou eu mesmo, e amanhã vou estar aqui”, respondia o Mário com certo temor de que a multidão decepcionada não voltasse na noite seguinte.¹⁸⁶

O relato acima, além de ser um tanto cômico, ao demonstrar as desventuras de um jovem missionário, é elucidativo em relação aos métodos empregados pelos missionários da IEQ, com o uso proselitista do rádio e a realização de cultos e campanhas em locais públicos. Antes de dar início à campanha em uma nova cidade, era prática comum entre os missionários a veiculação de programas nas rádios locais. Em Assis, esse expediente também foi empregado:

O município de Assis no dia 11 de março de 1966 amanhecera diferente. Toda cidade sintonizada na Rádio Cultura às 11:30 hs, era invadida por uma música jamais ouvida antes, e a partir daquele momento Assis se transformava-se num verdadeiro palco de bênçãos de Deus. A música mudaria a rotina da cidade, o prefixo musical do programa “Visita ao seu lar”, que marcava o início da obra da Igreja do Evangelho Quadrangular em Assis. O nome da música? “Alma ferida”. Quinze dias depois quando toda cidade estava envolvida pelo som daquela música e desejando saber de quem era aquela voz potente, o missionário convidou o povo para comparecer à Praça Arlindo Luz, para participar de uma noite especial, onde Deus agiria de forma poderosa e jamais vista na vida de todos os que lá comparecessem; acontecia o início de uma obra que transformaria para sempre a história da cidade de Assis.¹⁸⁷

Dando continuidade aos trabalhos na cidade de Assis, Mario de Oliveira realizou reuniões diárias na Praça Arlindo Luz, transferindo-se em seguida para o “Campo da Benção”, um terreno localizado às proximidades da Avenida Nove de Julho. Quando Oliveira deixou a cidade, em dezembro de 1996, a igreja local já contava com 249 membros,

¹⁸⁶ ROSA, Júlio. *O Evangelho Quadrangular no Brasil*. p. 145.

¹⁸⁷ NASCIMENTO, Neide. “A história da Igreja do Evangelho Quadrangular na cidade Assis”. *Informação: Boletim Quadrangular – Quadrangular Assis: 40 anos frutificando*. Assis: IEQ/Assis, Março de 2006, p. 3.

“batizados nas águas”, e um terreno localizado à Rua Senhorinha de Souza, n.º 290, na Vila Xavier, já quitado.¹⁸⁸

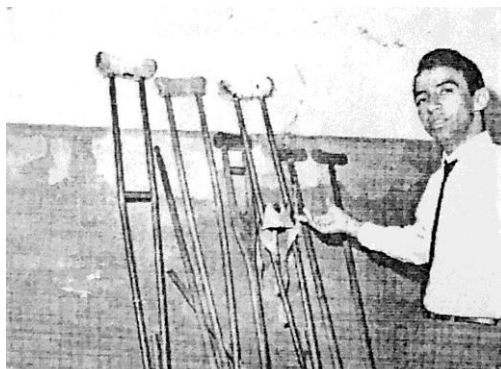


Imagem 1: Mario de Oliveira apresenta evidências dos milagres ocorridos em seus cultos.
Fonte: *Informação*: Boletim Quadrangular. Assis: IEQ/Assis, Março de 2006.

No dia 17 de dezembro de 1966 os trabalhos da IEQ na cidade foram assumidos pelo pastor Reverendo Guilherme Rodrigues Pereira, proveniente da cidade de Tupã. Pereira foi responsável pela organização administrativa e ministerial da igreja bem como da construção do templo, que foi inaugurado no dia 03 de novembro de 1977, “com uma inédita passeata pela Avenida Rui Barbosa, com bandeiras, faixas e a participação da Banda Musical da Igreja Assembléia de Deus.”¹⁸⁹



Imagem 2: Um dos primeiros batismos realizados por Mario de Oliveira em Assis.
Fonte: *Informação*: Boletim Quadrangular. Assis: IEQ/Assis, Março de 2006.

¹⁸⁸ Livro de atas das reuniões do Conselho Diretor Local da Igreja do Evangelho Quadrangular em Assis, 02 abr. 1967, p. 01.

¹⁸⁹ NASCIMENTO, Neide. Op. cit., p. 3.

Fizeram parte do primeiro Conselho Diretor Local da IEQ em Assis: Presidente: Pastor Guilherme Rodrigues Pereira; vice-presidente: Valdomiro Nogueira Gomes; 1º secretário: José Olinto da Silva; 2º secretário: Mario Henrique; 1º tesoureiro: Flávio Sampaio; 2º tesoureiro: Manoel Severino da Silva; e chefe dos diáconos: José Santana. Durante os 6 anos em que Rodrigues esteve a frente da IEQ em Assis, foi dada continuidade aos programas de rádio, sendo comum a presença de pastores itinerante, da IEQ, em Assis. Entre os anos de 1967 e 1970 foram batizadas 273 pessoas, sendo que, conforme consta em ata, em 1970 a igreja contava com 512 membros ativos.¹⁹⁰

O sucesso alcançado pelos pregadores da IEQ em Assis se deu em grande parte devido ao fato de a cidade já contar, nos anos 1960, com um desenvolvimento urbano considerável. Segundo Priscila David, na década de 1950 a cidade de Assis já contava com uma estrutura suficiente para receber as influências da modernidade.¹⁹¹ Era abastecida pela empresa de Energia do Vale do Paranapanema, comportando também rede de fornecimento de água, escolas, hospitais, empresas públicas e privadas, jornais, rádio, cinemas, igrejas e diversos locais de trabalho e lazer, sendo que desde os anos 1930 a cidade já contava com Fórum, delegacia e cadeia pública.¹⁹²

Ao longo das décadas de 1960 e 1980 o processo de urbanização da cidade de Assis se acelerou. No início dos anos de 1960 a cidade contava com 30.488 habitantes na zona urbana ao passo que em apenas duas décadas esse número se alteraria substancialmente (ver Quadro 1). O processo de crescimento urbano foi acompanhado pela intensificação do êxodo rural, gerado em grande parte pela política do Plano Nacional de Desenvolvimento

¹⁹⁰ *Livro de atas das reuniões do Conselho Diretor Local da Igreja do Evangelho Quadrangular em Assis*, 30 ago. 1970, p. 19.

¹⁹¹ DAVID, Priscila. *Crimes de estupro, sedução e rapto em Assis (1950-1970)*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista, Assis, 2009.

¹⁹² PRADO, Antônio Lázaro de Almeida; MORELI, Maria Sílvia Moraes Nória. *Assis: passado, presente e futuro*. Assis: Conosco, 2003.

Urbano, implantado pelo governo militar, “que propiciou a transferência de um ambiente agrícola e pecuário para os modelos de vida urbana.”¹⁹³

Segundo dados do IBGE, entre os anos de 1950 e 1980, houve um acréscimo considerável da população urbana assisense em detrimento da população rural, que diminuíra drasticamente. No ano de 1950, por exemplo, em uma população de 32.959 habitantes, 14.832 moravam no campo, cerca de 45% da população local. Em 1980, em uma população de 68.605 habitantes, apenas 6.288 moravam no campo, cerca de 9% da população total.

Tabela 6 – População do Município de Assis (1950-1980)

Década	População urbana da cidade de Assis	População Rural da cidade de Assis	Total Geral da População
1950	18.127	14.832	32.959
1960	30.488	12.710	43.198
1970	48.578	9.700	58.278
1980	62.377	6.288	68.605

Fonte: *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, Rio de Janeiro: IBGE.¹⁹⁴

É importante notar que neste contexto de modernização dos meios de produção houve uma diminuição da necessidade de mão-de-obra nas atividades agrícolas, este fator também contribuiu para que houvesse uma aceleração no processo migratório campo/cidade. Segundo Priscila David:

após os anos de 1950 houve uma maior intensificação da urbanização local, gerada principalmente pelo processo de modernização do país e pelo avanço capitalista. Os costumes sociais também sofreram modificações após a segunda metade do século XX, o que foi sentido pela população assisense, já que na década de 50 a cidade possuía todos os meios de comunicação necessários para se interligar às demais regiões do país.¹⁹⁵

Ainda em relação às transformações urbanas que perpassavam a cidade de Assis no período, a autora destaca o papel ocupado pelo rádio enquanto meio de divulgação

¹⁹³ DAVID, Priscila. Op. cit., p. 31.

¹⁹⁴ Apud. DAVID, Priscila. *Crimes de estupro, sedução e rapto em Assis (1950-1970)*, p. 32.

¹⁹⁵ Ibidem, p. 34.

de novos valores e modelos sociais impostos pela expansão capitalista e pela modernidade. O rádio, ao contrário dos jornais e revistas que excluía a população analfabeta, trazia a possibilidade de comunicação com todo o público, alcançando a todos os grupos sociais que tinham acesso a esse meio de comunicação, reforçando a divulgação de representações e valores. Foi justamente essa maior penetração alcançada pela produção radiofônica, que possibilitou a IEQ propagar sua “mensagem de cura divina” entre as classes menos favorecidas.

Ao mesmo tempo é importante ressaltar que o processo de urbanização com o deslocamento populacional do campo para a cidade, contribuiu para a propagação dos “movimentos de cura divina”. Conforme ressalta Montes:

a emergência dessas igrejas viria ao encontro dos valores tradicionais da cultura desses migrantes (provenientes do êxodo rural), em especial aqueles ligados a uma terapêutica mágica de benzimentos e simpatias ou à medicina tradicional de ervas e plantas curativas sobejamente conhecidas no meio rural de onde provinham. Para estes, a promessa da cura divina não seria algo estranho.¹⁹⁶

3.3 - Mudanças no campo religioso local: as décadas de 1970 a 1990

Entre as décadas de 1960 e 1970 a Diocese de Assis começou a passar por mudanças, as práticas pastorais fundamentadas no ultramontanismo, foram aos poucos substituídas por uma nova autocompreensão católica, surgida a partir do Concílio Vaticano II. Esse processo se acelerou, sobretudo a partir do ano de 1976, com a chegada do terceiro Bispo Diocesano de Assis, Dom Antonio de Sousa,¹⁹⁷ que se dedicou a adequar a diocese a esse novo momento:

¹⁹⁶ MONTES, Maria Lúcia. Op. cit., p. 84.

¹⁹⁷ Com a morte de D. Antonio José dos Santos, primeiro bispo diocesano de Assis, assumiu a diocese, seu bispo coadjutor, D. José Lázaro Neves que, por sua vez, foi substituído, em junho de 1977, por D. Antonio Antônio de Sousa. Dom Antônio, como ficou conhecido, permaneceu a frente da diocese até o ano de 2004 e, durante as décadas de 1990 e 2000, publicou, sobretudo nos anos eleitorais, textos relativos à importância do voto cristão, no jornal local “Voz da Terra”.

Como toda a Igreja que procura, a partir, sobretudo do Vaticano II, uma renovação constante para ser mais fiel à sua missão, assim também nos últimos anos a Diocese de Assis tem encarado o desafio de encarar o Evangelho nas mais variadas situações concretas dos dias atuais. A revisão de seus métodos pastorais e a busca por novas iniciativas, revelam uma ação pastoral que vai em busca de um novo modelo de Igreja. Não se nega o mérito do que se fez no passado, mas se reconhece que hoje o sistema tradicional de uma Igreja que espera que o povo a procure está superada, pois dificulta uma participação mais ativa e de maior corresponsabilidade.¹⁹⁸

Essa nova postura tinha como objetivo principal “dar condições para que a Igreja doméstica realize sua missão de formadora de pessoas, educadora da fé e construtora da sociedade.” O anseio por uma nova igreja e, depreende-se do contexto local, a perda de fieis para as igrejas pentecostais fez com que catolicismo assisense buscasse novas formas de se relacionar com a sociedade, “rumo à atualização”.¹⁹⁹

A valorização da família apareceu à Igreja como uma linha prioritária a ser seguida, ao mesmo tempo, em que se começou a discutir o caráter e a necessidade da implantação das Comunidades Eclesiais de Base – CEBs, na diocese. Essas mudanças levavam em consideração a necessidade de renovação pastoral pregada na terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, realizada na cidade mexicana de Puebla, em 1979. A busca pela unidade se tornou uma prioridade. Unidade entre os bispos diocesanos, sacerdotes, religiosos e, principalmente, unidade com a população.

Como já afirmado anteriormente, a implantação e expansão do catolicismo em Assis se deu sobretudo a partir da aliança entre Igreja e oligarquia local. Ao longo do desenvolvimento local a Igreja Católica acumulou e exerceu grande influência política e social no município, se envolvendo, de forma crítica, em diversas questões que considerou de sua responsabilidade. Durante muito tempo, por exemplo, a maior parte das manifestações teatrais exibidas na cidade foram pensadas e oferecidas pela Igreja ou por leigos católicos. Ela

¹⁹⁸ D'ÂNGELO, J. C. (Pe); MANOEL, I. A. *Diocese de Assis: notas históricas e pastorais*. Aparecida: Santuário, 1990, p. 118.

¹⁹⁹ *Ibidem*, p. 119.

também atuou na administração dos cinemas locais e procurou exercer influência sobre a programação televisiva a que seus fiéis tinham acesso.²⁰⁰

No campo político, a igreja católica sempre esteve ao lado das elites locais, embora nem sempre de forma harmônica, exercendo influência no desenvolvimento do município e nos momentos em que se viu de alguma forma pressionada por posicionamentos políticos contrários aos seus princípios doutrinários não se esquivou de mobilizar seus fiéis de modo a pressionar o campo político. Em 1978, por exemplo, um artigo publicado no jornal *Voz da Terra*, intitulado “O Poder da Igreja Local”,²⁰¹ abordou a atuação política da Igreja Católica, enfatizando a força política da igreja na diocese, que estimulou seus fiéis a não votarem em candidatos que se declarassem favoráveis a aprovação da lei que legalizava o divórcio.²⁰²

Nos anos seguintes a presença católica junto ao campo político se mostrou contínua, seja pela proximidade entre as elites locais e a hierarquia católica, seja pela atuação direta junto aos fiéis no sentido de conscientizá-los para o exercício da cidadania, segundo os preceitos católicos. Dom Antonio de Sousa, por exemplo, publicou nos jornais locais, nos anos de 1996, 2000 e 2004, textos sobre a importância da participação ativa dos fiéis católicos nas eleições municipais.

A Campanha da Fraternidade de 1996 foi realizada sob o tema “Fraternidade e política: Justiça e Paz se abraçarão”, tendo como texto-base a passagem bíblica registrada no Salmo 85:

Misericórdia e a verdade se encontraram: a Justiça e a paz se beijaram: a verdade brotará da terra, e a justiça olhará dos céus. Também o Senhor dará

²⁰⁰ Entre os anos de 1978 e 1983 a Diocese de Assis promoveu a campanha “Um Dia Sem TV”, criada prioritariamente em repúdio à programação televisiva. Manifestando suas opiniões acerca da produção televisiva oferecida – novelas, filmes, tele-seriados -, a igreja procurou por meio de suas doutrinas e práticas modificar o modo como seus fiéis recebiam as mensagens dos programas televisivos. (Cf. BERNÓ, Monise Cristina. *Entre a Cruz e a Antena de TV: “Um Dia Sem TV” em prol do “bom senso”* (Assis: 1978-1983). Dissertação (Mestrado em História). UNESP – Faculdade de Ciências e Letras de Assis: Assis, 2010.

²⁰¹ *Voz da Terra*, 18 nov. 1978, p. 08. Apud. BERNÓ, Monise Cristina. *Entre a Cruz e a TV: “Um dia sem TV” em prol do “bom senso”*. Dissertação de Mestrado em História, Unesp/Assis: SP, 2010.

²⁰² O texto faz referência à aprovação da Lei Federal 6.515/77.

o bem, e a nossa terra dará o seu fruto. A Justiça irá adiante dele, ele nos fará andar no caminho aberto pelos seus passos. (Salmo 85)

Segundo Cláudio Rachanelli, responsável pela coordenação da campanha da fraternidade em Assis, a intenção do trabalho foi a promoção de “uma séria reflexão junto aos eleitores com o objetivo de que se escolha o melhor candidato para governar a cidade nos próximos quatro anos.”²⁰³ Dom Antonio, em um artigo em que anunciou o início dos trabalhos da Campanha da Fraternidade, afirmou:

Sim, nós, religiosos, católicos e evangélicos, temos muito a ver com a política. Graves responsabilidades pesam sobre nós no tocante à instituição dum sistema de governo justo e igualitário, que ofereça melhores condições de vida para o nosso sofrido povo. Devemos desempenhar um trabalho concreto e eficiente para que haja bons candidatos e ensinar o povo a escolher o melhor. De nosso voto depende a presença de gente honesta ou de malandros à frente dos cargos públicos; e desses tais depende o nosso bem-estar social. Pois são os políticos que vão administrar o dinheiro público, fazer leis que libertam ou escravizam. Deles depende a aprovação do aborto e do casamento entre homossexuais. Interessar-se pela boa política é interessar-se pela felicidade pessoal e do bem-estar da sociedade.²⁰⁴

Fica claro nas palavras do bispo diocesano, que a instituição católica se auto-atribui uma função pedagógica de conscientizar a população católica acerca de como proceder no exercício do voto. Em Assis, foram realizados encontros nas diversas paróquias da cidade para a discussão de temas relativos à participação política dos cristãos e fixados *outdoors* nas principais vias da cidade. A participação do bispo diocesano em programas eleitorais dos candidatos a prefeito também é algo que chama a atenção.²⁰⁵

²⁰³ *Voz da Terra*, 30 de ago. 1996, p. 07.

²⁰⁴ *Voz da Terra*, 27 jan. 1996, p. 2.

²⁰⁵ Em 08/08/1996, Dom Antonio de Sousa participou do programa eleitoral, em rádio, do candidato a prefeito, Romeu Bolfarini (PTB). *Voz da Terra*, 09 ago. 1996, p. 07.



Imagem 3: Outdoor produzido pela Pastoral da Igreja Católica com base na Campanha da Fraternidade de 1996.

Fonte: *Voz da Terra*, 30 de ago. 1996, p. 07.

Nas eleições municipais seguintes, realizadas no ano de 2000, foi dada continuidade à promoção de encontros paroquiais, para discussão de temas ligados a política e a distribuição de cartilhas aos fiéis durante as missas, “orientando o povo a votar bem, mostrando o perfil dum candidato competente e idôneo”.²⁰⁶ Aludindo ao texto bíblico registrado no livro de Provérbios,²⁰⁷ em um texto intitulado “O cristão e a política”, Dom Antonio reafirmou o papel “conscientizador” ocupado pela Igreja Católica:

A omissão dos bons favorece o avanço dos maus. [...] A omissão dos bons é muito maior na área da militância política. Não vale a costumeira desculpa: ‘Não quero saber de política, ela é corrupta e suja. Não quero me sujar. A igreja procura não ser omissa; vem sempre atuando no seu campo específico da formação humana e cristã de seus filhos; formação integral que também inclui a política’. [...] a Igreja presta um serviço especial, dando claras orientações sobre o dever do voto e ensinando a votar bem.²⁰⁸

Ainda segundo Dom Antônio, em outro texto, intitulado “Responsabilidade política do cristão”, seria obrigação dos cristãos se preparem para o exercício do voto:

Eis algumas atitudes concretas: valorizar sua cidadania, conhecendo os seus direitos e os deveres. Querer participar e agir. Não ser apenas um espectador; [...] conhecer os valores éticos e cristãos que deverão orientar a escolha dos candidatos; [...] informar-se, com a necessária antecedência, sobre os candidatos e seus partidos, programas e projetos, verificando se eles não são contra os princípios e os valores cristãos.²⁰⁹

²⁰⁶ Id., Ibid.

²⁰⁷ “Quando os justos se engrandecem, o povo se alegra, mas quando o justo domina, o povo suspira”. *Provérbios* 29,2.

²⁰⁸ *Voz da Terra*, 17 de jun. 2000, p. 02.

²⁰⁹ *Voz da Terra*, 01 de jul. 2000, p. 02.

Já nas eleições realizadas em 2004, além das práticas já elencadas o catolicismo assisense promoveu os encontros “Fé e Política”, com a finalidade de discutir com as lideranças e pré-candidatos locais a postura política dos cristãos e a posição adotada pela Igreja Católica nesse contexto. No primeiro encontro, estiveram presentes cerca de 70 pessoas, entre pré-candidatos, lideranças comunitárias e autoridades regionais.²¹⁰ Os encontros tiveram como texto-base para discussão as “Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2003-2006)”, produzido pela CNBB. Este documento apresenta os princípios norteadores da ação católica junto ao campo político:

*Levados pela caridade, os cristãos são também impulsionados pelo Espírito a participar da vida política, para que a própria organização da sociedade seja cada vez mais impregnada de valores evangélicos. Esta participação política, motivada pela fé, pode assumir diferentes formas, desde o interesse pelos problemas sociais, que é compromisso de todo cidadão, até a filiação a partidos e a aceitação de cargos eletivos. Os cristãos poderão, assim, dar sua contribuição para o aprimoramento da cidadania. [grifos do autor]*²¹¹

Como se pode perceber dos exemplos acima apresentados, quando se trata de abordar as relações entre religião e política no Brasil, é essencial que se procure delimitar a posição ocupada pela Igreja Católica no campo religioso e as formas como ela tem se relacionado com o político. Embora não indique “candidatos oficiais”, a Igreja Católica procura agir de forma a influenciar seus fiéis a votarem no bom candidato, que segundo a Igreja seria aquele que é “coerente com a religião que professa”. Que “demonstra que a sua opção política é parte de um compromisso com a vida a partir da sua fé”, e que, por fim, “assume os princípios da ética social cristã, a Doutrina Social da Igreja.”²¹² Tem havido também um estímulo para que leigos concorram aos pleitos eleitorais. Em Assis, por exemplo,

²¹⁰ *Voz da Terra*, 08 abr. 2004, p. 06.

²¹¹ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil* (2003-2006), 2003, p. 8. Disponível em: http://www.cnbb.org.br/diretrizes/documentos/doc_download/8-doc-71-diretrizes-gerais-da-acao-evangelizadora-da-igreja-no-brasil-2003-2006.html, consultado em 10/04/2012.

²¹² SOUZA, Dom Antonio de. A quem dar o meu voto, *Voz da Terra*, 04 de set. 2004, p. 02.

na legislatura 2005-2008, os vereadores, Célio Francisco Diniz²¹³ e Cláudio Augusto Bertolucci,²¹⁴ se posicionaram abertamente como representantes da comunidade católica na Câmara Municipal.²¹⁵

3.3.1 - Um contexto de magia no campo local

Um último elemento a ser destacado em relação ao campo religioso assisense, nos 1990, se refere à forte presença de um dos principais elementos constituintes do campo religioso brasileiro, a magia. Podemos entender a magia como o esforço pela dominação dos poderes supra-sensíveis, os quais são convocados e controlados autoritariamente em função do objetivo visado pelos seus adeptos. “Desde os tempos mais antigos, a magia tem prometido às pessoas que a ela recorrem a solução imediata de determinados problemas muito concretos.”²¹⁶ Em Assis, apesar de todos os esforços empregados pelo catolicismo no sentido de obter o controle sobre o campo religioso local, este não conseguiu manter a religiosidade popular dentro dos padrões considerados corretos pelo clero. O protestantismo, por sua vez, apesar de todo seu esforço no sentido de se afastar de todos os elementos que pudessem fazer referência ao catolicismo ou a religiosidade popular, também não trouxe grandes mudanças a esse panorama e a expansão pentecostal, principalmente a partir da segunda metade do século XX, acabou se beneficiando ao incorporar, mesmo que às vezes de forma negativa, muitos elementos presentes no campo

²¹³ Célio Francisco Diniz, advogado, atualmente cumpre seu terceiro mandato como vereador (PTB) na cidade de Assis. Foi eleito nas legislaturas 2001-2004 (526 votos), 2005-2008 (1367 votos) e 2009-2012 (1844). CÂMARA DE VEREADORES DE ASSIS, *Parlamentares*. Disponível em: http://sapl.camaraassis.sp.gov.br/consultas/parlamentar/mandato/mandato_index_html?cod_parlamentar=165, consultado em 04/04/2012.

²¹⁴ Cláudio Augusto Bertolucci, engenheiro florestal, foi eleito nas legislaturas 2001-2004 (1312 votos), 2005-2008 (794 votos). CÂMARA DE VEREADORES DE ASSIS, *Parlamentares*. Disponível em: http://sapl.camaraassis.sp.gov.br/consultas/parlamentar/mandato/mandato_index_html?cod_parlamentar=162, consultado em 04/04/2012.

²¹⁵ Cristiano Manfio, pastor da Igreja do Evangelho Quadrangular, em Sorocaba-SP. Depoimento concedido em abr. 2012. Gravação em formato Mp3, transcrita para uso como fonte.

²¹⁶ PROENÇA, *Sindicato de mágicos*, p. 140.

religioso brasileiro. É dessa forma, que podemos entender a emergência de eventos sobrenaturais, às margens do século XXI.

Ao longo do ano de 1997, os jornais assisenses deram destaque a uma série de acontecimentos que causaram grande alvoroço no campo religioso local. Foram diversos relatos de aparições de Nossa Senhora, bem como de imagens da santa que vertiam sangue e óleos perfumados. O primeiro caso se refere a uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, na cidade de Paraguaçu Paulista, que “verte o óleo da cura”.²¹⁷ O segundo caso, ocorrido na cidade de Palmital, se refere ao relato de um aposentado que afirmou ter recebido uma pequena imagem de Nossa de Senhora de Fátima das mãos de uma criança, que em seguida desapareceu misteriosamente.²¹⁸ O terceiro caso ocorrido na cidade de Platina se refere à uma imagem de Nossa Senhora que após ser entregue pela própria santa a um pedreiro passou a verter um óleo avermelhado e perfumado.²¹⁹

O jornal *Voz da Terra*, de 23 de maio de 1997, trouxe em sua capa a manchete: “Misticismo no Vale: Imagem em Paraguaçu Paulista verte óleo da cura”. Segundo o jornal, os fenômenos teriam se iniciado após a dona de casa, Joana Aparecida Pizelli, ter comprado, em cumprimento a uma promessa, uma imagem de Nossa Senhora: “Joana conta que assim que colocou a imagem dentro de casa, um óleo cheiroso começou a verter, e a sala toda da casa foi tomada por uma fragrância muito agradável.”²²⁰

Segundo Joana, seu marido Carlos Barbosa Calixto, seguindo orientações do pastor da igreja que freqüentava, a desafiou: “Jogue a santa no chão: se quebrar será porque é só gesso; caso contrário ela demonstrará que é poderosa”. Joana, que afirmou já ter a intenção de se livrar da imagem, jogou-a no chão com força, mas, para o seu espanto, apenas o suporte, o pé da santa, se quebrou. Naquela noite, ela teve uma visão. Aos pés da cama, Joana afirmou

²¹⁷ *Voz da Terra*, Assis, 15 nov. 1997, p. 05

²¹⁸ *Voz da Terra*, Assis, 03 jul. 1997, p. 01.

²¹⁹ *Voz da Terra*, Assis, 23 mai.1997, p. 01.

²²⁰ *Voz da Terra*, Assis, 23 mai.1997, p. 04.

ter visto, envolta em uma nuvem branca, uma luz esverdeada iluminando o rosto de uma mulher que, com voz doce e com calma, citou uma passagem bíblica, de Jó, versículo 41, que ela leu no dia seguinte – “Ninguém é bastante ousado para provocá-lo, quem lhe resistirá face-a-face?”²²¹ Diante desses fatos Joana começou a participar de um grupo de oração que combinou de rezar o terço todos os dias em sua casa.

Nos dias seguintes, Joana afirmou ter recebido outra mensagem de Nossa Senhora, destinada ao marido incrédulo: “Diga ao seu esposo que peça perdão ao meu filho Jesus. Diga também que nunca mais eu quero ficar fora dos locais de oração e de sua família.”²²² Segundo a fiel, a incredulidade do marido fez com que este adoecesse, sentindo fortes dores nas pernas, que só foram curadas quando, “ainda a contra gosto, Carlos, [...] ajoelhou-se diante da imagem, passou o óleo onde se concentrava a dor e pediu perdão.”²²³ Joana afirmou acreditar que a cura alcançada por seu marido “estava condicionada ao pedido feito para que a família toda voltasse a frequentar a Igreja Católica, que louva a Deus, a Jesus e a sua Mãe, Nossa Senhora.”²²⁴

Nos meses seguintes os eventos miraculosos tiveram continuidade e o óleo que vertia da imagem se confirmou como portador de propriedades miraculosas na cura de enfermidades. Assim o relatou outra fiel, Maria da Paixão dos Santos:

Ela conta que ficou sabendo da imagem milagrosa, e na ocasião estava com a visão prejudicada por causa do rompimento de um vaso sanguíneo. O médico lhe havia receitado um colírio o qual ela pingava sem resultado. Assim como todos que oram à santa, Maria molhou um algodão no óleo e passou sobre os olhos e rezou. Diz ela que no dia seguinte a “vermelhidão havia sumido”.²²⁵

Nesse primeiro caso, não foram encontrados relatos a respeito do posicionamento do clero católico em relação aos acontecimentos narrados, todavia, alguns itens dever ser destacados. As mensagens recebidas por Joana podem ser interpretadas,

²²¹ Id., *ibid.*

²²² Id., *ibid.*

²²³ Id., *ibid.*

²²⁴ *Voz da Terra*, Assis, 23 mai.1997, p. 04.

²²⁵ *Voz da Terra*, Assis, 23 mai.1997, p. 04.

simbolicamente, como reflexo de um contexto de disputas pelo controle do campo religioso, em que as classes populares, alvo principal do proselitismo pentecostal, têm comumente de lidar com situações em que seus símbolos religiosos são negados e/ou atacados.²²⁶



Imagem 4: Fotografia mostrando fieis que acorrem à casa de Joana Pizelli, em pé ao centro, para rezar aos pés da imagem de Nossa Senhora. **Fonte:** *Voz da Terra*, Assis, 23 mai.1997, p. 04.

Outro caso semelhante ocorreu na cidade de Palmital, onde o aposentado Marcílio José da Cunha afirmou ter recebido uma imagem das mãos de uma criança, que em seguida teria desaparecido. Segundo Marcílio, desde o final do mês de maio daquele ano de 1997, uma sombra o seguia por todos os lugares até que no dia 12 de junho houve a manifestação:

Na quinta feira, 12 de junho, quando estava sentado, por volta das 18h30, em um dos cômodos de seu antigo estabelecimento comercial, ouvindo a oração da rádio “Integração do Vale”, como faz todos os dias, uma criança apareceu à sua frente, entregando-lhe uma pequena imagem de Nossa Senhora de Fátima, dizendo seguinte frase: “Custou, mas chegou! Estava num lugar duro, mas agora chegou para deixar o senhor contente, sua família e mais gente.” [...] após entregar a imagem, a criança desapareceu.²²⁷

Neste caso a reação do clero local não tardou, já na edição seguinte o jornal *Voz da Terra* declarou: “Igreja diz que santa de Palmital é farsa e oportunismo”.²²⁸ Em

²²⁶ Nos círculos pentecostais e neopentecostais é comum, assim como acontece em relação aos elementos religiosos afro-brasileiros, a associação dos milagres atribuídos aos santos à ação de demônios, que realizariam esses milagres com a expectativa de enganar os que a eles recorrem.

²²⁷ *Voz da Terra*, Assis, 03 jul. 1997, p. 01.

²²⁸ *Voz da Terra*, Assis, 04 jul. 1997, p. 05

entrevista o então diácono Edvaldo Pereira dos Santos afirmou que o relato contado por Marcílio não passava de uma atitude oportunista diante da grande popularidade alcançada pelas imagens encontradas em Paraguaçu Paulista e Platina.

Marcílio por sua vez não poupou críticas à Igreja Católica:

Marcílio fez severas críticas à Igreja, principalmente ao padre Angelo, a quem considerou indigno de sustentar a batina. Isso porque quando da “aparicação” da Santa, padre Angelo foi até sua residência e desestimulou a população que estava querendo visitar a imagem. Segundo Marcílio, padre Angelo “enxotou” a todos do local, proibindo que as pessoas entrassem em sua casa. “O padre disse que a imagem tratava-se de uma pelota de barro”, disse Marcílio.²²⁹

O terceiro caso é o mais emblemático para analisarmos as tensões que marcam o campo religioso local nos anos 1990. O jornal *Voz da Terra*, do dia 15 de novembro de 1977, trouxe como manchete a notícia: “Mistério em Platina: Pétala de rosa se transforma em hóstia e verte sangue”.²³⁰

O que a princípio parecia ser mais uma semana de **ocorrências normais, com a imagem de Nossa Senhora do Sagrado Coração de Jesus vertendo um líquido avermelhado na região dos olhos e o sol sendo sobreposto por imagens e cores misteriosas**, acabou-se transformando num dos episódios mais impressionantes desde que Chiquinho diz ter recebido, em abril deste ano, a imagem das mãos de Maria.²³¹ (grifo nosso)

Francisco Ovídio da Silva, o Chiquinho, nascera na cidade de Assis em 1957, órfão, foi criado por seus avós maternos. Frequentou pouco a escola “e a pouca leitura que tem aprendeu esforçando-se para ler a Bíblia”.²³² Ainda criança, foi iniciado nas doutrinas do Racionalismo Cristão, do qual seu avô materno era um dos diretores, permanecendo nela até os 14 anos. Sua conversão ao pentecostalismo ocorreu aos 16 anos de idade, quando passou a frequentar a Igreja do Evangelho Quadrangular, onde permaneceu por aproximadamente 24 anos, chegando a atuar como auxiliar de pastor. Mas tudo isso mudou a partir da primeira visão que teve da santa. Vejamos como este acontecimento foi narrado:

²²⁹ Id., *ibid.*

²³⁰ *Voz da Terra*, Assis, 15 nov. 1997, p. 05.

²³¹ Id., *ibid.*

²³² *Como tudo começou: Parte 1*, Disponível em http://nossasenhoradaplatina.zip.net/arch2006-05-21_2006-05-27.html, consultado em 26/03/2012.

Habitualmente ele dirigia-se ao cair da tarde, por volta da 15hs, as margens do rio Pari Veado, aproximadamente 600m do centro de Platina, para fazer suas orações. E, neste horário e local na tarde da sexta-feira do 11 de Abril de 1997, ele estava orando, quando, inesperadamente, irradiou-se uma luz muito forte, no centro de sua luminosidade apareceu uma figura de mulher flutuando sobre a mata. Ficou pasmo porque ela estava em pé na sua frente, mas os seus pés não tocavam o chão, distavam uns 70 cm de altura do solo. Ele quis sair do local; tentou correr, mas ficou paralisado. A figura passou em sua frente, e colocou-se diante dele. Então ele desejou que ela fosse embora, e declarou a ela:- Que não gostava dela. Mas, com uma voz muito suave, Ela falou: - “Eu sou o bem... e não o mal. Estou triste porque muitos me desprezam e abandonam... Eu não existo para muita gente... Desejo que todos saibam que Eu sou uma realidade... E aproximou-se dele, trazendo nas mãos, e entregou a ele, uma imagem, um busto que representa o Sagrado Coração de Maria. Explicou a ele que aquela imagem havia sido jogada fora, e que Ela fora buscar.²³³

Chiquinho relatou que apesar de ser evangélico, diante do evento sobrenatural, aceitou a imagem e a levou para sua casa. Nesse dia ocorreu o primeiro milagre, “correu a primeira lágrima de sangue do olho direito da imagem”. Nos dias seguintes as “lágrimas de sangue” continuaram a escorrer da imagem, fato este presenciado por três senhoras da comunidade católica que haviam sido chamadas para verificar o fato. A partir de então as manifestações ganharam fama na pequena cidade.

Em meio a conflitos com grupos evangélicos locais, que afirmavam que tudo não passava de uma grande farsa, Chiquinho passou a relatar novas visões da Santa, que lhe aparecia para trazer mensagens. Essas novas visões aconteciam normalmente em público, durante as reuniões de oração realizadas aos pés da imagem milagrosa, o que contribuiu em muito para que a história se espalhasse por toda a região, chamando inclusive a atenção da imprensa regional. Em pouco tempo se construiu em Platina, com o consentimento do Bispo Diocesano de Assis, Dom Antonio de Sousa, uma capela para abrigar a imagem de Nossa Senhora.

²³³ Ibidem.



Imagem 5: Fotografia da imagem de Nossa Senhora encontrada por Francisco Ovídio da Silva. Fonte: *COMO tudo começou: Parte 1*, Disponível em http://nossasenhoraadaplatina.zip.net/arch2006-05-21_2006-05-27.html, consultado em 26/03/2012.

Durante as visões da santa, Francisco Ovídio da Silva entra, aparentemente, em transe: “Os olhos dele ficaram maiores e de cor e forma idênticas ao da imagem exposta na capela”, revelou a católica Ana Rosa de Oliveira, de 64 anos, ao jornal *Voz da Terra*. Em outra oportunidade fiéis relataram que “dezenas de pessoas testemunharam que dois sóis se postavam no céu [...]. Eram, com certeza, dois sóis, um longe do outro, sem motivos para se alegar ilusão de ótica”, garante S.L.T., uma católica não praticante.”²³⁴

Mas um evento ainda mais surpreendente ainda estava por ocorrer:

O mais espantoso episódio fechou a série de três dias de novena à Virgem Maria. No mesmo horário, sempre entre as 16h30 e 16h50, Chiquinho ergueu as mãos vazias, dizendo estar seguindo recomendações da Santa. Quando abaixou as mãos, ele mostrou às pessoas que o ladeavam uma pétala de rosa. De cor creme, a pétala transformou-se aos poucos numa hóstia. Em questões de segundo, o símbolo católico para o corpo de Cristo foi gradativamente rachando, até que um líquido avermelhado começou a verter do seu centro. Cada fase deste episódio foi registrado por um fotógrafo amador, que cedeu as fotos, mas preferiu não ser identificado, pelo menos por enquanto. Houve desmaios e princípio de pânico entre os fiéis que compareceram à novena.²³⁵

Em relação a esse episódio, Chiquinho, afirmou se lembrar apenas do momento em que a Virgem lhe pediu que erguesse as mãos aos céus: “não me lembro de

²³⁴ *Voz da Terra*, Assis, 15 nov. 1997, p. 05

²³⁵ Id., *ibid.*,

pétala de rosa, hóstia ou de sangue; muito menos de ter ingerido a hóstia; é como se o meu corpo estivesse ali, mas o meu espírito não”.²³⁶



Imagem 6: Fotografia do momento em que pétalas teriam se transformado em hóstia.²³⁷ Fonte: *COMO tudo começou: Parte 1*, Disponível em http://nossasenhoraadaplatina.zip.net/arch2006-05-21_2006-05-27.html, consultado em 26/03/2012.

Os eventos mariofânicos, acima apresentados, devem ser compreendidos na perspectiva da longa duração. A interpretação, por parte da população, do encontro de imagens de Nossa Senhora a partir da perspectiva hierofânica tem como base um rico imaginário católico ligado à mãe de Jesus:

O Catolicismo português era profundamente mariano. A figura de Maria esteve presente na formação da nação lusitana, contribuindo para o sentimento de unidade, e é significativo que D. Afonso Henrique, fundador da monarquia portuguesa (1139), tenha consagrado o Reino, seus sucessores e súditos à Mãe de Deus.²³⁸

Os colonizadores portugueses trouxeram para a América Portuguesa essa profunda devoção à Maria que aqui, em contato com outros sistemas culturais e símbolos

²³⁶ Ibidem.

²³⁷ A imagem apresentada também foi publicada no jornal Voz da Terra, de 15/11/1997, mas devido à baixa resolução da mesma optamos por utilizar a disponível em um blog da internet, dedicado a contar a história da santa e transmitir as mensagens recebidas por Francisco Ovídio da Silva. *COMO tudo começou: Parte 1*, Disponível em http://nossasenhoraadaplatina.zip.net/arch2006-05-21_2006-05-27.html, consultado em 26/03/2012.

²³⁸ AQUINO, Maurício de. *A vós suspiramos neste trem da vida: catolicismo, criação religiosa e identidade da devoção a Nossa Senhora do Vagão Queimado de Ourinhos-SP (1954-2006)*. Assis, 2007, p. 63.

sagrados provenientes principalmente da religiosidade indígena e africana, enriqueceram o sistema simbólico em torno da Mãe de Jesus.

Conforme citamos anteriormente, apesar dos esforços da hierarquia eclesiástica católica no sentido de impor ao campo religioso brasileiro o modelo ultramontano, este não conseguiu eliminar o “catolicismo tradicional”,²³⁹ antes estas duas formas passaram a conviver. Assim podemos entender melhor, como a área eclesiástica subordinada ao Bispado de Assis, nascido na conjuntura da expansão ultramontana pelo território paulista, foi palco de tais acontecimentos.

A respeito da necessidade de entender as dinâmicas e conflitos internos ao campo religioso local, o caso da santa de Platina nos aponta alguns pontos importantes. Em primeiro lugar, Chiquinho, no momento em que recebeu a visita de Nossa Senhora era auxiliar de pastor na Igreja do Evangelho Quadrangular. O protestantismo, em geral, é reconhecido pela negação de culto à Maria, sendo assim é emblemática a afirmação da Santa: “Estou triste porque muitos me desprezam e abandonam... Eu não existo para muita gente... Desejo que todos saibam que Eu sou uma realidade.”²⁴⁰ Em um contexto de rápida expansão pentecostal e perda de fieis por parte do catolicismo, as mensagens recebidas procuram resgatar e fortalecer a crença nos símbolos católicos. Isso demonstra que não são apenas as instituições religiosas que se desgastam e se mobilizam na luta pelo controle do campo religioso, o simples fiel também toma parte nessa disputa, em muitos casos de forma ativa.

A forte presença pentecostal e neopentecostal junto aos meios de comunicação aumentam o seu poder proselitista e tornam o seu discurso, principalmente a partir do advento do neopentecostalismo, “onipresente” nos meios de comunicação de massa. Mesmo pessoas que nunca adentraram em um templo pentecostal dificilmente encontram dificuldade em definir as características principais dessa vertente do protestantismo. Embora

²³⁹ MONTES, M. Op. cit., p.111.

²⁴⁰ *Como tudo começou: Parte 1*, Disponível em http://nossasenoradaplatina.zip.net/arch2006-05-21_2006-05-27.html, consultado em 26/03/2012.

muitas igrejas pentecostais tenham incorporado elementos da religiosidade popular, essa apropriação se deu de forma negativa. Ao mesmo tempo em que as igrejas pentecostais assimilaram crenças e práticas próprias da religiosidade popular, dando-lhes uma nova roupagem, elas classificaram o culto às imagens como idolatria e o uso de elementos materiais, no catolicismo, como superstição.

Ainda em relação ao ocorrido em Platina outro elemento a ser destacado se refere ao apoio dado pelo bispo diocesano de Assis, Dom Antonio de Sousa, que autorizou a construção de uma capela para o abrigo da imagem de Nossa Senhora, o que não ocorreu, por exemplo, nos outros casos. Isso se deu em grande parte devido ao fato de Chiquinho, que se autoproclamou porta-voz da santa, ter se colocado em uma posição de submissão frente a hierarquia católica local. Segundo ele:

Nossa Senhora pede que amemos uns aos outros, e a Deus primeiramente. Que nos amemos uns aos outros e que vejamos no rosto dos nossos irmãos a imagem e semelhança de Cristo. Um fato muito importante: Ela pede que nós respeitemos os nossos sacerdotes, os nossos Bispos. Diz que eles são os Seus filhos prediletos, e que, no altar, existe um anjo de Deus, acompanhado, ao lado deles, porque é Sagrado. Pede que nós também oremos para que haja união entre os irmãos. Ela pede que participemos da Santa Missa; para confessarmos e recebermos a comunhão da Eucaristia.²⁴¹

Os três casos acima apresentados são elucidativos para a compreensão do panorama religioso assisense de meados da década de 1990, um campo religioso marcado pela progressiva perda de hegemonia por parte do catolicismo e o avanço do protestantismo, representado principalmente pelas igrejas pentecostais e neopentecostais, bem como da propagação do espiritismo e da umbanda. Tudo isso ocorrendo sobre um substrato religioso marcado pela magia, que embora combatida por católicos e protestantes, se mantém como um dos principais elementos constituintes do campo religioso brasileiro.

Por fim, a expansão e a postura agressiva adotada pelos grupos pentecostais e neopentecostais têm contribuído para que as disputas pelo controle do “mercado de bens de

²⁴¹ *Como tudo começou: Parte 2*, Disponível em http://nossasenhoraflatina.zip.net/arch2006-05-21_2006-05-27.html, consultado em 26/03/2012.

salvação”²⁴² extrapolem os limites do campo religioso, com destaque para a ação de grupos religiosos, sobretudo nas últimas duas décadas, junto ao campo político. Sempre presente junto às esferas do poder, o catolicismo, tem enfrentado a concorrência das igrejas pentecostais, que em Assis, a partir dos anos 1990, tem logrado eleger representantes ao legislativo municipal.

3.4 - A presença pentecostal no campo político assisense

A presença religiosa no campo religioso assisense, como demonstramos anteriormente, não foi inaugurada pela eleição de pastores pentecostais ao legislativo local, na década de 1990. Ao longo do desenvolvimento histórico local, Igreja Católica e elites locais, desenvolveram uma relação de proximidade, sendo que até mesmo a instalação da sede diocesana em Assis esteve condicionada aos interesses das elites locais, que viam na instalação do bispado e do catolicismo ultramontano a possibilidade de darem maior legitimidade ao seu *status quo*. Já nas décadas de 1980 e 1990, o catolicismo local passou a promover, nos períodos eleitorais, campanhas de conscientização junto aos seus fieis, no sentido de que eles votassem em candidatos comprometidos com a “doutrina social da Igreja”.

Em nível nacional, a entrada de igrejas pentecostais no campo político, teve início no contexto das eleições para Assembleia Nacional Constituinte, em 1986. A participação política das igrejas pentecostais, que apoiaram candidatos próprios, fez com que a sociedade lançasse um novo olhar sobre as relações entre o campo religioso e o campo político. A “novidade” estava na presença de agentes religiosos no campo político. Igrejas se mobilizavam, abertamente, com o objetivo de ganhar espaço junto às esferas do poder. A repercussão e o estranhamento causado pela presença pentecostal no campo político, no

²⁴² MONTES, Op. cit., p. 69.

entanto, se deu em um país culturalmente marcado pelas relações entre o catolicismo e as esferas do poder:

Talvez o que espante, ou pareça novo, e mesmo chegue a chocar, é ver através do *outro* – uma religião minoritária – aquilo que nos envolve de tão perto e desde sempre que acabou por se tornar invisível. Talvez tudo resulte apenas de uma diferença de *estilo*, mais contido e evadido de meandros e mediações – maquiavelicamente dissimulado, como talvez alguém dissesse? -, num caso, mais agressivamente declarado, noutra. [...] Nosso espanto, mediado pela ação do *outro* que produz o estranhamento, seria então, a *contrário*, uma prova a mais do grau de impregnação da cultura brasileira pelo etos católico, se provas fossem ainda necessárias. Talvez nem tudo seja tão novo, afinal.²⁴³

Como afirma Montes, a presença do catolicismo junto às esferas de poder, no Brasil, de tão comum, acabou “naturalizada”, passando despercebida. Mas, por outro lado, talvez, a um povo acostumado a lidar e, em muitos casos, a estabelecer negociações com o sagrado, a influência do *divino* sobre a política não soe estranha. Para as elites políticas, por sua vez, a aproximação do religioso para com o político é importante na medida em que o primeiro tem, em diversos momentos da história, ajudado a conferir legitimidade às diferentes configurações sociais ao “assumir uma *função ideológica, função prática e política de absolutização do relativo e de legitimação do arbitrário.*”²⁴⁴ [grifos do autor]

No Brasil, o catolicismo conseguiu lograr êxito ao servir e conseguir mobilizar um capital simbólico que abrange tanto a classes populares quanto às elites políticas e econômicas. Em relação à diversidade de significações que um mesmo símbolo religioso pode adquirir em uma dada estrutura social, afirma Bourdieu:

As crenças e práticas comumente designadas cristãs (sendo este nome a única coisa que têm em comum) devem sua sobrevivência no curso do tempo à sua capacidade de transformação à medida que se modificam as funções que cumprem em favor dos grupos sucessivos que as adotam. Do mesmo modo, de um ponto de vista sincrônico, as representações e as condutas religiosas que invocam uma mensagem original única e permanente, devem sua difusão no espaço social ao fato de que recebem

²⁴³ MONTES, Op. cit., p. 90-91.

²⁴⁴ BOURDIEU, *A economia das trocas simbólicas*, 1974, p. 52.

significações e funções radicalmente distintas por parte dos diferentes grupos ou classes.²⁴⁵

Dessa forma podemos compreender a grande diversidade de práticas e doutrinas encontradas no catolicismo e no protestantismo, sobretudo pentecostal. O tema da participação política também é alvo de disputas e conflitos entre os diferentes grupos, sendo que muitas denominações ainda se declararam “apolíticas”, todavia, em todos os grupos, sejam eles favoráveis ou contrários ao envolvimento político, há uma apropriação de textos bíblicos para fundamentar seus posicionamentos sócio-políticos. A Bíblia é para católicos e protestantes, “um poderoso ‘recurso cultural’ para a compreensão do mundo e para ancorar escolhas religiosas com efeitos políticos.”²⁴⁶ Após nos determos sobre a configuração do campo religioso assisense em sua relação com o campo político, abordaremos agora o perfil dos políticos da IEQ na cidade de Assis.

3.4.1 - Perfil: Dirlei Gonçalves

Dirlei Gonçalves nasceu em Itararé-SP, tem 56 anos, é formado em Direito e pastoreou a 1ª IEQ de Assis entre os anos de 1993 e 2004. Casado e pai de duas filhas atualmente é pastor da IEQ na cidade de Jundiaí-SP. Filho de pastores da IEQ, desde criança esteve envolvido nas atividades da igreja, participando dos grupos missionários e, posteriormente, da equipe de louvor. Apesar do fato de ter nascido em um lar pentecostal e de ser filho de pastores, Dirlei Gonçalves afirma que quando jovem não nutria o desejo de se tornar pastor:

Isso aconteceu muito em função da própria vivência, da própria convivência, né, ser filho de pastor. E ao contrário do que imaginam muitas pessoas existe muito sofrimento, muito sofrimento para a família. O próprio ministério já tem intrínseco um “que” de sofrimento e isso me intrigava muito quando era

²⁴⁵ Ibidem, p. 52.

²⁴⁶ NOVAES, Op. cit., p. 95.

moleque. Você tem sonho de crescer, melhorar, de prosperar, então eu tinha no meu coração o seguinte: eu vou ser advogado e vou ser crente, mas pastor eu nunca vou ser.²⁴⁷

Durante a adolescência se afastou da igreja ficando, em suas palavras, “distante da casa de Deus”.²⁴⁸ No ano de 1978, já com 22 anos e morando na cidade de Tatuí-SP, passou pelo “batismo nas águas”. Segundo Gonçalves, o batismo marcou a sua verdadeira conversão ao evangelho e a partir de então esteve cada vez mais envolvido nas atividades da igreja. Ocupando cargos de liderança, foi presidente do Grupo Missionário de Jovens e no ano de 1979, elevado à categoria de Obreiro Credenciado:

logo eu estava inconscientemente trabalhando, “eu não quero ser pastor”, eu dizia, mas fui seguindo uma trilha que ia desembocar nessa carreira e eu não imaginava isso. Sempre que me falavam qualquer coisa a respeito de ser pastor, eu falava: ‘pastor eu não vou ser’. Mas já estava praticamente sendo, né. É uma coisa que eu não sei explicar realmente, é uma coisa de Deus, mesmo.²⁴⁹

Segundo ele, a entrada no ministério ocorreu sem que houvesse uma iniciativa deliberadamente sua:

Em 1981, o reverendo Osvaldo de Souza, me levou até a cidade de Boituva, onde havia alguns irmãos, uma família, que ia de Boituva a Tatuí na nossa igreja. Isso levou o nosso pastor que era um grande desbravador, um pioneiro, a querer iniciar o trabalho em Boituva. Na verdade, ele me levou lá uma tarde pra ver aquela situação e tocou o meu coração né, mexeu com o meu coração. Daí eu disse: “pastor eu não quero ser, mas eu venho aqui ajudar, eu vou ajudar no que eu puder, e eu entrei assim, quando eu vi eu já era pastor.”²⁵⁰

Ainda no ano de 1981 Gonçalves deu início aos trabalhos evangelísticos em Boituva-SP, tornando-se pastor da IEQ. O sucesso como pastor e o crescimento da IEQ na cidade de Boituva contribuíram para que houvesse uma aproximação entre Gonçalves e as lideranças políticas da cidade. Seu primeiro contato com o campo político ocorreu um ano após iniciar os trabalhos na cidade de Boituva:

²⁴⁷ Dirlei Gonçalves, pastor da Igreja do Evangelho Quadrangular, em Jundiá-SP. Depoimento concedido em abr. 2012. Gravação em formato Mp3, transcrita para uso como fonte.

²⁴⁸ Idem.

²⁴⁹ Idem.

²⁵⁰ Idem.

Em 1982, o trabalho [em Boituva] já era muito grande, muito grande mesmo, me lembro que fui visitado num ano eleitoral por um assessor do prefeito, se chamava Olímpio Andrade, o prefeito, na época. Um dos seus assessores esteve em casa, me entrevistando para o jornal, né, e pra ver qual era a minha tendência e se eu podia de alguma forma, ajudar aquela candidatura do prefeito. Nós de uma firma isenta, bem tranqüila, nos posicionamos da seguinte forma: “nós vamos orar por vocês e recebemos vocês na igreja e tal, mas a gente não pode [declarar apoio] de forma muito ostensiva, né”, foi a forma que nós nos posicionamos na época. E dessa maneira nós nos tornamos amigos, tanto do prefeito, muito mais ainda desse assessor, que nos ajudou no início da construção da igreja. Nós estávamos começando a construir²⁵¹

Conforme relatado acima o apoio dado à campanha de Olímpio Andrade gerou benefícios à igreja, que conseguiu apoio para a construção de seu templo. Isso nos é ilustrativo para entender o relacionamento entre igreja e poder público. Mesmo em uma época em que as igrejas pentecostais não estavam diretamente envolvidas na política partidária estas não deixavam de se relacionar com o poder público e, conseqüentemente, com o campo político. Essa aproximação ocorria, sobretudo nos períodos eleitorais, quando candidatos e partidos políticos buscavam negociar o apoio das denominações às suas candidaturas em troca de benefícios às igrejas e pastores.

Para Gonçalves essa ainda é uma prática comum em muitas denominações que adotam uma postura “apolítica”. Para o pastor, a não discussão de assuntos políticos dentro dos templos contribui para que muitos fiéis permaneçam alienados politicamente:

Ele é um servo de Deus, o ano inteiro ele é uma benção na sociedade, o ano inteiro, o ano todo, mas quando chega na época eleitoral ele é um alienado. [...]. Eu perguntaria a quem interessa a ignorância? A quem interessa? Existem pessoas para quem interessa. Existem líderes que falam: política é do diabo, aqui não se fala disso, púlpito não é palanque, e tal. São coisas bonitas para se ouvir, mas eles negociam por fora. Negociam a igreja por fora. Escondem dos irmãos e, de repente, os irmãos descobrem: ‘o nosso pastor está se dando bem, não é mesmo.’ E o que não presta é aquele que pôs a cara, ironicamente falando, o que não presta é aquele que pôs a cara, que foi para rua, que pediu voto abertamente. O que falou abertamente não presta. O bonzinho é aquele que faz o mesmo uso do poder público e, às vezes, faz a custa da ignorância, a custa da ignorância do seu povo, ‘né’, o que não passa de uma grande traição.

²⁵¹ Dirlei Gonçalves, pastor da Igreja do Evangelho Quadrangular, em Jundiaí-SP. Depoimento concedido em abr. 2012. Gravação em formato Mp3, transcrita para uso como fonte.

Quando pensamos, portanto, no envolvimento político das igrejas pentecostais com o campo político devemos ampliar nosso campo de percepção para além daquelas ações que se ligam diretamente à atuação político-partidária. O apoio concedido a candidaturas, mesmo que de forma velada, e a defesa do discurso de “não envolvimento com o político” devem ser entendidos como participação política, ainda que negada.

Ainda no que se refere à entrada de Gonçalves na política partidária, seu apoio a candidatura de Olímpio de Andrade lhe rendeu a amizade do prefeito e de seu assessor, Edson Marcusso. O pastor relata que:

Em 1988, e acho que é a primeira vez que eu vou falar detalhadamente sobre isso, porque eu acho interessante, esse assessor, que se chamava Edson Marcusso, Dr. Edson Marcusso, advogado, me inscreveu. Devido a essa amizade ele me chamou numa segunda-feira no gabinete e me mostrou uma ficha partidária. Me lembro que a época era o PL, o Partido Liberal. Ele me falou: “Olha, pelo amor de Deus, você não fica bravo comigo, mas como era o último prazo, sexta-feira, pra inscrever candidato, devido à amizade que nós temos, eu inscrevi você”. “Você é doido de fazer uma coisa dessas, você não podia fazer isso”. Ele disse não, você não precisa ficar bravo comigo, a ficha tá aqui é só rasgar a ficha que você não tá filiado a partido nenhum não tem obrigação nenhuma.²⁵²

Após pensar sobre a possibilidade de se tornar candidato, Gonçalves aceitou a proposta e com o apoio dos membros da IEQ, em Boituva, foi eleito vereador pela primeira vez, no ano de 1989, sendo reeleito no ano de 1992. Mas este seu segundo mandato foi interrompido com a sua transferência para a cidade de Assis, em 1993. Analisando o contexto local e nacional, podemos elencar alguns fatores que podem ter sido relevantes para a entrada de Gonçalves na política. Em primeiro lugar, devemos nos lembrar que ao final dos 1980 a IEQ estava entre as igrejas pentecostais que apresentaram “candidatos oficiais” nas eleições para a Assembléia Constituinte de 1986, sendo assim, havia no plano institucional um contexto favorável à participação política. Em segundo lugar, embora não tenhamos dados a respeito, não é difícil imaginar que a IEQ, em Boituva, contasse, à época, com um número de

²⁵² Idem.

membros suficientes para garantir, ainda que em caráter potencial, a eleição de Dirlei Gonçalves ao legislativo local.

Tabela 7: Distribuição Populacional por Vínculo Religioso em Assis-SP Números percentuais e absolutos – CENSO 2000²⁵³		
Religiões	Porcentagem	Números absolutos
Católica	69,76	60.866
Evangélica	21,23	18.523
Espírita	0,99	864
Umbandista	0,06	52
Judaica	0,01	9
Oriental	0,21	183
Outras	2,13	1.858
Sem religião	4,52	3.944
Indeterminada	1,09	951
População Total	100	87.251

Fonte: <http://www.mai.org.br/>, consultado em 01/04/2011.

Em Assis, Gonçalves assumiu conjuntamente a titularidade da 1ª Igreja do Evangelho Quadrangular²⁵⁴ e a superintendência da região eclesiástica de Assis.²⁵⁵ Buscando dar continuidade a sua carreira política passou a discutir com as lideranças da IEQ na cidade a implantação de um projeto político, no que recebeu apoio: “A igreja se comprometeu né, a liderança da igreja. ‘Venha pra cá, vamos procurar essa eleição aqui também, se for Deus.’”²⁵⁶ Assim foi iniciado o trabalho de conscientização junto aos pastores e membros da IEQ na cidade de Assis.

Dados divulgados pelo IBGE nos dão uma idéia da configuração religiosa assisense na década de 1990 e do espaço ocupado pela IEQ nesse contexto. Em uma população total de 87.251 habitantes, aproximadamente 60.866 pessoas se declararam católicas, seguidos pelos evangélicos que somavam 18.523 habitantes, aproximadamente 21% da população. [ver Tabela 7]

²⁵³ IBGE, *Censo demográfico 2000*, disponível em: <http://www.mai.org.br/tabelas/municipios/municipioslista.php?a=search&value=1&SearchField=AnyField&SearchOption=Contains&SearchFor=assis>, consultado em 01/04/2011.

²⁵⁴ A 1ª Igreja do Evangelho do Quadrangular, de Assis, é comumente denominada de “Igreja-Sede”, por abrigar a sede da Região Eclesiástica de Assis.

²⁵⁵ Ao se transferir para a cidade de Assis, Gonçalves renunciou ao seu cargo de vereador na cidade de Boituva.

²⁵⁶ Dirlei Gonçalves, Op. cit.

Entre os cristãos não-católicos assisenses, presbiterianos, assembleianos, congregacionistas e quadrangulares formavam as quatro maiores comunidades evangélicas da cidade. No entanto, é importante ressaltar que por trás do rótulo das igrejas Presbiteriana e Assembléia de Deus, existe uma grande diversidade institucional. Em Assis, por exemplo, existem as igrejas Presbiteriana Independente, Presbiteriana Renovada (pentecostal) e Presbiteriana do Brasil. Na Assembléia de Deus, o quadro se repete, entre as principais estão a Assembléia de Deus de Assis e a Assembléia de Deus – Ministério Madureira. Isto significa que, no quadro denominacional local, as maiores denominações evangélicas seriam a Congregação Cristã, com 2.181 fiéis, seguida pela IEQ, com 2.094 fiéis, na época, distribuídos em quatro templos, além de congregações e pontos de pregação.²⁵⁷

Tabela 8: Distribuição Denominacional da População Evangélica de Assis-SP - Números percentuais e absolutos – CENSO 2000		
Religiões	Porcentagem	Números absolutos
Presbiteriana	5,7	4.973
Assembléia de Deus	2,6	2.269
Congregação Cristã	2,5	2.181
Quadrangular	2,4	2.094
Batista	1	873
Luterana	0,3	262
Adventista	0,8	698
Universal	1,2	1.047
Outras pentecostais	3,5	3.054
Outras de missão	0,5	436
Outras evangélicas	0,9	785
População total – 87.251	21,23	18.523

Fonte: <http://www.mai.org.br>, consultado em 01/04/2011.

²⁵⁷ Atualmente a IEQ conta com nove templos na cidade de Assis.

3.4.1.1 - Campanha eleitoral

Em Assis, conforme já citamos, Gonçalves acumulou as funções de pastor da 1ª IEQ e de superintendente da região eclesiástica de Assis o que o ajudou na mobilização da IEQ de Assis em relação ao seu projeto político que graças a um contexto institucional de participação política acabou por se tornar um projeto político da denominação religiosa. Na IEQ, a superintendência regional ocupa uma posição na estrutura eclesiástica semelhante à ocupada pelo bispado na estrutura eclesiástica católico-romana, mas este fator isolado não seria suficiente para explicar o engajamento político da IEQ, é necessário levar em conta que neste período a disseminação de novas correntes teológicas como a “teologia do domínio” e a “teologia da prosperidade”, ambas já abordadas, possibilitavam uma maior correspondência entre o anseio por participação política e a cosmovisão cristã pentecostal.

A posição ocupada pelo líder religioso frente aos fieis deve ser entendida a partir das características próprias e ao mesmo tempo relacionais que se desenvolvem no campo religioso, na relação deste com a instituição religiosa e os fieis. O pastor da IEQ, enquanto “sacerdote”, dispõe de uma “*autoridade de função*”,²⁵⁸ que lhe é delegada pela instituição religiosa. Ao entrar na política, o pastor procura mobilizar seu capital religioso de modo a convertê-lo para o campo político. No caso da existência de “candidaturas oficiais”, como ocorre na IEQ, é a própria instituição religiosa que busca mobilizar sua estrutura e o seu “capital simbólico” de modo a maximizar as chances de sucesso do candidato escolhido.

²⁵⁸ BOURDIEU, *A economia das trocas simbólicas*, p. 90.



Imagem 7: Prédio da Igreja do Evangelho Quadrangular – Sede – Assis – 2012.
 Fonte: <http://www.facebook.com/pages/Igreja-Quadrangular-Sede-Assis/296128403794679>

Na divulgação do projeto político aos membros há uma minimização das motivações pessoais do candidato frente às necessidades “da Igreja e do povo de Deus”. A participação política é apresentada como uma extensão “natural” do trabalho “na obra de Deus” havendo, portanto, legitimidade na atuação política dos pastores. Isso colabora também para que uma vez eleito o “pastor-político” venha a se comportar, ou pelo menos é o que a instituição espera, como um representante dos evangélicos: “o pastor eleito representa a igreja e o que ele puder fazer para ajudar na expansão da igreja, do evangelho, ele têm que fazer.”²⁵⁹ A cadeira legislativa pertence à Igreja e não ao político.²⁶⁰

Internamente, todos os pastores são envolvidos no projeto político da igreja, é cedido espaço nos cultos para que o candidato possa pregar e apresentar suas propostas. Todavia, mais do que um “bom candidato” o que se procura demonstrar aos fiéis é que se trata de “um homem de Deus”. Os pastores candidatos são normalmente apresentados como “homens de poder”, “instrumentos”, utilizados por Deus para a realização de curas, milagres e “libertações”. Há uma mobilização de símbolos e representações comuns ao campo religioso de modo a conferir legitimidade à candidatura política. Enquanto que para a sociedade, em

²⁵⁹ Edson de Souza, pastor e coordenador de ação política da IEQ em Assis. Depoimento concedido em jan. 2011, transcrito para uso como fonte.

²⁶⁰ Luiz Ramos, pastor e superintendente regional da IEQ em Assis. Depoimento concedido em jan. 2011, transcrito para uso como fonte.

geral, a igreja justifica sua atuação política como uma consequência natural da expansão da cidadania entre seus membros, frente ao povo evangélico, muitas vezes, o que se busca é exaltar as qualidades ministeriais do candidato. O pastor eleito não será um “político comum”, antes deverá atuar com um “José do Egito”.²⁶¹ Aparentemente o sucesso enquanto pregador qualificaria o candidato a ser um bom representante no campo político o que é melhor compreendido se considerarmos o fato de que tem sido comum no meio pentecostal interpretar o engajamento político como uma “atividade missionária”.

Gonçalves confirma que sua posição de líder religioso foi destacada nas duas campanhas eleitorais em que concorreu, por meio de sua participação nos comícios ou pela distribuição de material de campanha impresso, os tão conhecidos “santinhos, que no meio pentecostal foram apelidados de “profetinhas”:

Em Assis, aconteceu uma coisa que mexeu muito comigo em termos de campanha eleitoral. O nosso grupo político permitia que no meio daquele comício, daquela multidão, de milhares e milhares de pessoas, de todas as religiões, que eu me posicionasse como pastor. Muitas vezes, fazendo uma oração em cima de um caminhão, em cima de um palco, orando pela cidade. Me lembro que em uma das campanhas eu distribuí a nossa foto com uma oração atrás dela chamada “oração do nunca mais”: nunca mais eu vou dizer que não posso, nunca mais é muito tempo, né.²⁶²

Também a filiação de Gonçalves ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), em Assis, é descrita por ele como consequência de uma intervenção divina:

Nós tínhamos o pensamento de ser candidato, mas nós não fomos procurar, nós começamos a orar e pedir para Deus: ‘Se for de Deus, da vontade do Senhor, o senhor manda pra gente um partido decente, pessoas decentes’. E eu recebi, dessa maneira eu recebi uma visita de um dos líderes do PSDB, convidando e ‘tal’. Ainda oramos mais alguns dias, nos filiamos ao PSDB e fomos eleitos.²⁶³

Percebe-se na fala do pastor que não eram apenas as igrejas evangélicas assisenses que estavam se conscientizando de seu potencial eleitoral, também os partidos políticos passaram a se aproximar das denominações, não mais com o objetivo de buscar seu

²⁶¹ Dirlei Gonçalves, pastor da Igreja do Evangelho Quadrangular, em Jundiá-SP. Depoimento concedido em abr. 2012. Gravação em formato Mp3, transcrita para uso como fonte.

²⁶² Idem.

²⁶³ Idem.

apoio, mas procurando a filiação de seus representantes aos seus quadros. Nos últimos anos, o sucesso alcançado por pastores no campo político nacional tem promovido acirradas disputas, por parte dos partidos políticos, pela filiação dos candidatos representantes de igrejas evangélicas. As igrejas, por sua vez, conscientes de sua posição tem procurado negociar diretamente com os partidos políticos a filiação de seus representantes em troca de benefícios.

Por fim, apesar do pouco tempo na cidade de Assis, no ano de 1996, Gonçalves foi eleito vereador com 668 votos sendo considerado pela mídia local uma das “surpresas” daquele pleito eleitoral.²⁶⁴ Na eleição seguinte, realizada em 2000, foi reeleito com 732 votos, o oitavo candidato mais votado entre os 268 que concorreram a uma cadeira no legislativo assisense.²⁶⁵ Mobilização da estrutura eclesiástica, participação em cultos e comícios eleitorais além da distribuição de “profetinhas” com mensagens evangélicas foram as principais estratégias adotadas por Gonçalves para conseguir sucesso eleitoral.

3.4.1.2 - Atuação legislativa

Embora não tenha sido o primeiro pastor da IEQ a concorrer há um cargo político em Assis, Gonçalves foi o primeiro a obter sucesso.²⁶⁶ Outras igrejas pentecostais de Assis também se mobilizaram com o objetivo de conquistar representatividade no legislativo municipal. Ao divulgar os resultados do pleito eleitoral realizado no ano de 1996, a imprensa local noticiou: “Câmara terá bancada evangélica”:

²⁶⁴ *Voz da Terra*, 05 out. 1996, p. 03.

²⁶⁵ *Voz da Terra*, 28 ago. 2000, p. 03. TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. *Resultado da eleição 2000*. Disponível em: <http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-2000/resultado-da-eleicao-2000>, consultado em 04/04/2012.

²⁶⁶ Antonio Carlos Miranda, pastor da 1ª IEQ de Assis nos anos de 1980 a 1991, concorreu ao cargo de vice-prefeito, sem sucesso, nas eleições municipais de 1988. Nos últimos anos, retornou para Assis onde fundou uma nova denominação religiosa a “Missão Cristã de Difusão Bíblica”, esse fato dificultou a aquisição de informações a respeito do seu pastoreio na IEQ de Assis, que parece ser um assunto incômodo para os pastores da igreja. Em relação ao seu insucesso político, dois elementos foram fundamentais: em primeiro, Miranda não conseguiu contar com um engajamento efetivo da IEQ de Assis em prol da sua candidatura e, em segundo, as características próprias do cargo pretendido, o poder executivo municipal, que demanda um número expressivo de votos.

A exemplo do que acontece no terreno da religiosidade, os evangélicos também demonstram força na Câmara Municipal de Assis e terão sua bancada, mesmo que os vereadores estejam espalhados por diversos partidos. Nestas eleições municipais, os evangélicos se organizaram em todo país no sentido de eleger o maior número possível de representantes. Em Assis, por exemplo, conseguiram este objetivo. Em uma bancada de 17 vereadores, terão seis representantes.²⁶⁷

Os vereadores evangélicos eleitos foram Dirlei Gonçalves (PSDB), Paraíba Serezani (PMDB), José Luiz Pavanetti (PTB), José Alves Ferreira (PTB), Joel José dos Santos (PT) e Antonio Rebelo Ferreira Neto (PPB). Entre os eleitos contaram com o apoio declarado de suas denominações Dirlei Gonçalves, pastor da IEQ, e José Alves Ferreira, fiel da Assembléia de Deus.²⁶⁸

Em relação ao termo “bancada evangélica”, empregado pelo jornal, cabe alguns esclarecimentos. Tecnicamente, bancada, é um termo utilizado em relação a partidos e coligações, pressupõe unidade em torno de um programa ou projeto e exige a constituição formal de uma liderança que represente todos os parlamentares em algumas ocasiões, fale e vote em nome deles, como um conjunto coeso.²⁶⁹ O uso da expressão “bancada” pelo jornal “Voz da Terra”, se deu mais pela ligação dos vereadores com suas respectivas igrejas do que pela existência de um grupo coeso em torno de projetos e programas comuns. Não houve, de fato, em Assis uma “bancada evangélica” que se posicionasse de modo a defender os interesses dos evangélicos. Antes, foi comum, como pudemos observar nas proposições apresentadas, que vereadores ligados ou não as igrejas evangélicas apresentassem proposituras voltadas às denominações evangélicas da cidade.²⁷⁰

²⁶⁷ *Voz da Terra*, 05 out. 1996, p. 03.

²⁶⁸ Entre os vereadores evangélicos, eleitos em 1996, três já poderiam ser considerados políticos tradicionais em Assis. Em 1996, Paraíba Serezani, deu início ao seu quarto mandato consecutivo como vereador, José Luiz Pavanetti, iniciou seu terceiro mandato e Antonio Rebelo Ferreira Neto seu segundo mandato. É comum entre estes o fato de suas bases eleitorais serem mistas, diferentemente de Gonçalves e Ferreira que dependeram, sobretudo do apoio institucional das igrejas que representavam. Disponível em: <http://www.camaraassis.sp.gov.br/vereadores>, consultado em 04/03/2012.

²⁶⁹ BAPTISTA, Saulo de Tarso Cerqueira. *Cultura política brasileira, práticas pentecostais e neopentecostais: a presença da Assembleia de Deus e da Igreja Universal do Reino de Deus no Congresso Nacional (1990-2006)*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007, p.19.

²⁷⁰ Na eleição seguinte, realizada em 2000, conseguiram se reeleger vereadores apenas Dirlei Gonçalves (PSDB) e Joel José dos Santos (PT).

Ao longo do ano de 1996, conforme já abordamos, a ação política dos fieis também esteve no centro das atenções da Igreja Católica, que naquele ano teve como tema da Campanha da Fraternidade: “Fé e política”. Segundo o bispo diocesano local a campanha tinha como objetivo principal conscientizar os fiéis da importância do voto cristão:

Sim, nós, religiosos, católicos e evangélicos, temos muito a ver com a política. Graves responsabilidades pesam sobre nós no tocante à instituição dum sistema de governo justo e igualitário, que ofereça melhores condições de vida para o nosso sofrido povo. Devemos desempenhar um trabalho concreto e eficiente para que haja bons candidatos e ensinar o povo a escolher o melhor. De nosso voto depende a presença de gente honesta ou de malandros à frente dos cargos públicos; e desses tais depende o nosso bem-estar social. Pois são os políticos que vão administrar o dinheiro público, fazer leis que libertam ou escravizam. Deles depende a aprovação do aborto e do casamento entre homossexuais. Interessar-se pela boa política é interessar-se pela felicidade pessoal e do bem-estar da sociedade.²⁷¹

Apesar das posições opostas que ocupam no campo religioso brasileiro, católicos e evangélicos tem normalmente adotado posturas comuns em relação a temas que consideram nocivos à constituição de uma sociedade cristã no Brasil, como a legalização da união civil entre pessoas do mesmo sexo e a legalização do aborto. Assim se entende melhor a referência feita pelo bispo de que católicos e evangélicos devem estar envolvidos na política. Já em relação a outros temas o relacionamento entre políticos evangélicos e representantes de outras confissões religiosas tem sido marcado mais por atritos do que por afinidades.²⁷²

No caso da “bancada evangélica” assisense, eleita para a legislatura 1997-2000, um episódio é ilustrativo dessas tensões. Em abril de 1997, um discurso proferido pelo vereador José Alves Ferreira²⁷³, em relação à imagem de São Francisco de Assis, localizada em uma das principais entradas da cidade de Assis, foi recebido com desgosto por parte das

²⁷¹ Voz da Terra, 22 fev. 1996, p. 02.

²⁷² Adriana Santos, por exemplo, em sua dissertação de mestrado demonstra como disputas religiosas entre evangélicos e representantes das religiões afro-brasileiras acabaram por se desdobrar em disputas pela visibilidade no espaço público soteropolitano. SANTOS, Adriana Martins dos. *A construção do Reino: a Igreja Universal e as instituições políticas soteropolitanas (1980-2002)*. Salvador: UFBA, 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia.

²⁷³ José Alves Ferreira, popularmente conhecido como “Marcelo Bico”, foi eleito com o apoio da igreja Assembléia de Deus.

famílias tradicionais locais. Segundo relatado, durante um debate acerca do excesso de propagandas publicitárias nas vias públicas da cidade, Ferreira se referiu pejorativamente à imagem de São Francisco de Assis, um dos principais símbolos religiosos do catolicismo assisense, o que teria desagradado a muitas famílias da cidade, inclusive à família Assis Nogueira, ligada aos fundadores da cidade:

[eles] referiram-se à estátua de São Francisco de Assis de forma desrespeitosa, através do termo “Mausoléu” e de comentários infundados como: “tenho até medo que aquilo caia na cabeça de uma criança”. A família alegou que manifestações como aquelas, em relação às práticas religiosas existentes em Assis, em particular à estátua que simboliza o patrono da cidade, consiste em desrespeito. Pede, portanto, que os vereadores respeitem as demais religiões, já que nossa cidade surgiu em meio aos ideais católicos e que esta religião jamais marginalizou nenhuma outra crença. Alegou ainda que o papel dos vereadores não é este, mas sim legislar para o benefício da cidade.²⁷⁴

Nas sessões seguintes a polêmica, amplamente explorada pela imprensa local, teve continuidade com os discursos dos vereadores Dirlei Gonçalves e Reinaldo Antunes, que criticaram a forma como o jornal *Voz da Terra* abordou o tema. Em seu discurso Dirlei Gonçalves criticou ainda a ampla cobertura que o jornal estava realizando em relação a “Santa que chora”, de Platina,²⁷⁵ questionando o fato do jornal não ter ouvido a opinião dos evangélicos em relação ao fato.²⁷⁶

Outra polêmica em que estiveram envolvidos vereadores evangélicos e o poder católico local se deu com a apresentação do requerimento 140/1997, de autoria do vereador José Batista Serezanni, que requeria informações do poder executivo quanto à possibilidade de se construir um velório municipal para os evangélicos. Segundo o autor do requerimento, o uso do velório localizado na catedral diocesana causava constrangimento às famílias evangélicas da cidade já que os ritos católicos, em relação ao tratamento aos mortos, se diferenciam da orientação evangélica.

²⁷⁴ *Voz da Terra*, 17 abr. 1997, p. 05.

²⁷⁵ O caso da “Santa que chora”, de Platina, foi abordado no segundo capítulo.

²⁷⁶ *Voz da Terra*, 24 abr. 1997, p. 08.

A apresentação do requerimento foi destacada no jornal *Voz da Terra*, que classificou a atitude como inconstitucional, segundo o jornal por atender apenas aos interesses dos evangélicos, e de legitimidade duvidosa uma vez que a cidade já contava com dois velórios, um municipal e o outro localizado nas dependências da catedral diocesana. O texto jornalístico sobre o requerimento deu destaque para o posicionamento do clero católico em relação ao tema. Segundo monsenhor José Carlos D'Angelo, o “requerimento cheira a anti-ecumenismo, discriminação religiosa e denota um provincianismo muito grande. Sinto muito que ainda exista uma mentalidade tão pequena como esta em uma cidade que está crescendo, concluiu.”²⁷⁷

Atritos entre políticos evangélicos e grupos representantes de outras confissões religiosas não são uma particularidade do campo político assisense. Na medida em que os políticos evangélicos enxergam a participação política como uma ação “missionária”, um dos objetivos do político evangélico é se utilizar de seu cargo público no sentido de influenciar a sociedade por meio da ação política. Com isso, disputas e tensões próprias do campo religioso acabam sendo transferidas para o campo político, políticos evangélicos passam a disputar com representantes de outras confissões religiosas por espaço na sociedade civil. Pelo menos é isso que se espera de um político da IEQ, que enquanto representante da denominação, haja defendendo os interesses dos evangélicos e da instituição a que pertence.²⁷⁸

Entre as legislaturas de 1997-2000 e 2001-2004, Dirlei Gonçalves apresentou cinco projetos de lei na Câmara de Vereadores de Assis sendo que dentre estes dois eram projetos de decreto legislativo.²⁷⁹ Dois projetos foram apresentados em sua primeira

²⁷⁷ *Voz da Terra*, 26 jun. 1997, p. 04.

²⁷⁸ Luiz Ramos, pastor e superintendente regional da IEQ em Assis. Depoimento concedido em jan. 2011, transcrito para uso como fonte.

²⁷⁹ O Projeto de Decreto Legislativo (PDL) é a proposição de competência privativa da Câmara, que excede os limites de sua economia interna, não sujeita à sanção do Prefeito e cuja promulgação compete ao Presidente da Câmara. Por meio do PDL se pode deliberar sobre: a concessão de licença ao prefeito; a cassação de mandato do

legislatura, 1997-2000, e os três seguintes em sua segunda legislatura, 2001-2004. O primeiro projeto apresentado foi o PL 115/1997 que solicitava uma alteração no texto da Lei 3.548, de 26 de dezembro de 1996, que instituiu a “Marcha para Jesus” no município. Segundo a propositura, aprovada, a organização da “Marcha para Jesus” deixou de ser responsabilidade da “Fundação Renascer”²⁸⁰ e passou às mãos da Ordem dos Ministros Evangélicos de Assis (OMEA).

O segundo projeto apresentado, no ano de 1998, o PL 96/1998, solicitou a isenção de taxa de sepultamento às famílias carentes do município que recebessem até um salário mínimo de renda. Gonçalves destaca a importância desse projeto pela dificuldade em aprová-lo. Embora aprovado pela Câmara, o projeto foi vetado pelo poder executivo, retornando à Câmara de Vereadores, onde o veto foi derrubado e o projeto aprovado. Segundo o pastor, sua atuação legislativa foi limitada, em seu primeiro mandato, em certa medida pelo fato de ter se posicionado em oposição ao governo do prefeito Romeu José Bolfarini (PTB), o que segundo ele dificultou a aprovação de seus projetos.

Em sua segunda legislatura, 2001-2004, Gonçalves fez parte da base de sustentação do prefeito Carlos Ângelo Nóbile (PSDB) e apresentou três projetos de lei, todos aprovados. O PDL 3/2002, propôs a outorga do título honorífico de “Cidadão Assisense” a Michael Paul Zeitlin, então secretário de estado dos transportes de São Paulo. O PDL 28/2003, outorgou o título honorífico de “Cidadão Assisense” ao pastor e presidente nacional da IEQ, no Brasil, Mario de Oliveira e, por último, em co-autoria com o vereador Joel José dos Santos (PT), o PL 171/2003, que propôs a construção de um monumento de boas vindas nas principais vias de acesso à cidade de Assis com os dizeres bíblicos: “O Senhor abençoará

prefeito e vice-prefeito; a concessão de título honorífico; e apreciação dos pareceres prévios do Tribunal de Contas do Estado a respeito das contas municipais do Executivo ou Legislativo. CÂMARA MUNICIPAL DE ASSIS, *Regimento Interno*, Seção IV, Artigo 184, 2009.

²⁸⁰ Fundação ligada à Igreja Renascer em Cristo.

a tua entrada e a tua saída, desde agora e para sempre”.²⁸¹ Este último projeto, embora aprovado pelos vereadores, foi vetado pelo Poder Executivo que alegou a inconstitucionalidade da matéria por utilizar “fragmento de liturgia de religião específica em monumentos públicos”.²⁸² Em resposta, os vereadores Gonçalves e Santos defenderam que a inserção do versículo bíblico não feria nenhum princípio legal já que “a citação é abrangente, não cultua Deus, mas um ser superior”.²⁸³ Novamente apresentado à Câmara de Vereadores o veto foi derrubado e o projeto aprovado.²⁸⁴

Gonçalves destaca em sua atuação legislativa o seu trabalho de oposição à chamada “Lei do Silêncio”:

A luta maior que eu tive lá foi contra a chamada “Lei do Silêncio”. Ao mesmo tempo em que nós trabalhamos nesse sentido dentro da Câmara, nós tivemos que ir orientando os pastores, ‘né’. Então, foi um trabalho duplo, já que não basta, simplesmente, você ir contra uma coisa que em tese é boa. Então o grande desafio da lei é esse né, é aprovar algo que não ofenda o vizinho, mas também não cerceie a gente aqui, de cultivar.²⁸⁵

O pastor faz referência ao projeto de lei 94/2003, de autoria do poder executivo, que visava regulamentar a emissão de ruídos e sons provenientes de apresentações culturais, atividades comerciais e cultos religiosos. Na medida em que poucas igrejas evangélicas contam com o tratamento e isolamento acústico de seus templos, a aprovação do projeto poderia impor sérias dificuldades às denominações evangélicas assisenses. Diante do trabalho do vereador Gonçalves e da mobilização das lideranças evangélicas da cidade o texto final aprovado excluiu de fiscalização os templos religiosos, ficando com a seguinte redação:

Art. 1º - Esta lei tem como objetivo estabelecer condições de sossego e bem-estar públicos no que tange à emissão de níveis de sons para as diferentes zonas de uso.

[...]

²⁸¹ Bíblia, Salmos 121, 8.

²⁸² *Voz da Terra*, 21 abr. 2004, p. 04.

²⁸³ *Idem*.

²⁸⁴ Lei n.º 4.436 de 26 de abril de 2004. Disponível em: http://sapl.camaraassis.sp.gov.br/sapl_documentos/norma_juridica/4720_texto_integral, consultado em 03/03/2012.

²⁸⁵ Dirlei Gonçalves, pastor da Igreja do Evangelho Quadrangular, em Jundiaí-SP. Depoimento concedido em abr. 2012. Gravação em formato Mp3, transcrita para uso como fonte.

Art. 3º - É proibida a emissão de sons em decorrência de quaisquer atividades industriais, comerciais, sociais ou recreativas, e outras, inclusive as de propaganda, que perturbem o sossego e o bem-estar públicos, ultrapassando os níveis previstos nesta lei, para diferentes Zonas de Uso e horários.

[...]

Art. 7 – Não estarão sujeitos às proibições desta lei os sons produzidos pelas seguintes fontes:

[...]

IV. manifestações em cultos e festividades religiosas, comemorações oficiais, reuniões desportivas, festejos carnavalescos e juninos, passeatas, desfiles, fanfarras, bandas de música, desde que realizem um horário e local previamente autorizados pelo órgão competente, ou nas circunstâncias consagradas pela tradição;²⁸⁶

Por fim, em relação ao convívio com os demais vereadores na Câmara de Vereadores de Assis, Gonçalves afirma ter enfrentado, inicialmente, dificuldades para se adequar às “regras” do jogo político:

Ele não é uma tarefa fácil. Hoje, um pouco mais por que com todo esse avanço que teve, essa evolução que já houve, as pessoas já olham com outros olhos para os evangélicos, debocham um pouco como se você fosse um aproveitador até que ti conheçam, até que ele conheça você. Se realmente você viver lá dentro como um cristão, como um servo de Deus, vai haver respeito sim.²⁸⁷

O que se refletiu também no processo de busca de apoio às suas proposituras:

O pior problema no parlamento é esse aí. “Eu falei, mas eu já mudei, né. É muito dinâmica a política, as coisas mudam muito, então eu já mudei também.” [...] Esse é o negócio mais difícil. Porque, o parlamento propõe a negociação, é um lugar de negociação no bom sentido da palavra. No sentido explícito da palavra. As proposituras normalmente acontecem dessa forma. É, por isso, que os bons projetos muitas vezes não saem do papel. Porque depende de uma negociação. Ai vem um grupo e fala pra você: “nós vamos ajudar você, mas você tem que ajudar nós nesse.” E outro não é bom, o outro é ruim entendeu.²⁸⁸

Essas dificuldades enfrentadas pelo pastor, na Câmara, com certeza contribuíram para o número reduzido de proposições apresentadas. Se como afirmou

²⁸⁶ Lei Municipal n.º 4.399 de 30 de dezembro de 2003. Disponível em: http://sapl.camaraassis.sp.gov.br/sapl_documentos/norma_juridica/4676_texto_integral, consultado em 04/03/2012.

²⁸⁷ Dirlei Gonçalves, pastor da Igreja do Evangelho Quadrangular, em Jundiá-SP. Depoimento concedido em abr. 2012. Gravação em formato Mp3, transcrita para uso como fonte.

²⁸⁸ Idem.

Bourdieu, “como o *habitus* religioso, artístico ou científico, o *habitus* do político supõe uma preparação especial” [grifos do autor],²⁸⁹ a forma como o capital político do “pastor-vereador” é constituído impõe a este uma esforço maior na tentativa de se tornar e ser reconhecido enquanto apto a participar do campo político. Se houve sucesso na reconversão de capital do campo religioso para o político, o que ficou comprovado com a eleição, por outro lado, há dificuldade no processo de adaptação ao novo campo, que com regras e lógicas próprias, requer a aquisição de um novo *habitus*, processo lento e gradual, possível somente por meio da convivência e vivência no campo, o que torna possível o processo de aprendizagem pelo qual o agente adquire o “*domínio prático* da lógica imanente do campo político.”²⁹⁰

Ademais, é comum que os agentes políticos construam seu *habitus* político em um emaranhado de relações que os tornam aptos à participação legítima no campo. Esse processo que, em muitos casos, se inicia no espaço familiar tem continuidade em outras esferas de convivência como as comunidades de bairro, os sindicatos, igrejas, etc. Também são muitos os casos em que os agentes são iniciados no campo político em situações que lhe possibilitam um aprendizado mais “ameno” em relação “as regras do jogo”, como é o caso, por exemplo, dos assessores parlamentares e agentes de gabinete. Se, por um lado, o pastor evangélico tem em sua prática profissional uma habilidade importantíssima para o campo político, o domínio profissional da eloquência, ainda assim, são grandes as dificuldades enfrentadas na atuação política frente a seus pares, com maior “tradição” e “peso” no campo, ao que se torna necessário buscar alternativas. Gonçalves, por exemplo, se utilizou de um expediente interessante para pressionar a aprovação de projetos de interesse da população evangélica assisense:

Olha, lá a gente enfrentava muitas dificuldades, [...]. Uma das coisas que a gente fez lá e não me lembro se alguém tenha feito antes, nós levamos o povo pra lá em quatro ou cinco oportunidades, nós levamos os evangélicos

²⁸⁹ BOURDIEU, P. “A representação política: elementos para uma teoria do campo político”. In: _____, *O poder simbólico*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p. 169.

²⁹⁰ BOURDIEU, P. “A representação política: elementos para uma teoria do campo político”, p. 169.

na Câmara. Como já fizemos aqui também [na cidade de Jundiaí-sp]. Levamos eles lá, pra que eles olhem no rosto dos seus representantes e ver se o seu representante está fazendo o que falou que ia fazer. Então, se a gente tinha tantas dificuldades, como realmente tem no interior, havia sim um temor maior. O pastor está propondo um “negócio” que é bom pra sociedade, vai abençoar os evangélicos, vai abençoar o povo evangélico, ai todo mundo faz uma “mediazinha” e tal, mas aprova, ajuda.²⁹¹

Atualmente na cidade Jundiaí-SP, Gonçalves, utilizou do mesmo expediente para pressionar à Câmara Municipal a retirar da pauta de discussões do Plano Diretor Municipal artigos que seriam prejudiciais às igrejas evangélicas da cidade.²⁹²

3.4.2 - Perfil: Cristiano Manfio

Cristiano Manfio é natural de Candido Mota-SP, possui 38 anos e foi pastor da IEQ na cidade de Assis entre os anos de 2001 e 2009. Casado e pai de dois filhos, atualmente é pastor na cidade de Sorocaba-SP. Em Assis, foi o segundo pastor da IEQ a conseguir uma cadeira no legislativo local, tendo sido escolhido representante da IEQ nas disputas eleitorais de 2004 e 2008. Em sua primeira eleição, em 2004, foi eleito vereador, pelo PSDB, recebendo apesar de sua inexperiência no campo político 885 votos, a quarta maior votação entre os dez vereadores eleitos. Na eleição seguinte, realizada em 2008, foi candidato à reeleição, mas apesar dos 1.002 votos recebidos não foi eleito, ficando como suplente.²⁹³ No ano de 2009, Manfio deixou a cidade de Assis para assumir a 1ª IEQ em Sorocaba-SP.

Nascido em uma família católica se converteu à mensagem pentecostal no ano de 1994, acompanhando seu irmão, Adriano Manfio, que hoje também é pastor da IEQ. Manfio relata que sempre foi muito ativo na igreja católica e que logo após se converter e ser

²⁹¹ Dirlei Gonçalves, pastor da Igreja do Evangelho Quadrangular, em Jundiaí-SP. Depoimento concedido em abr. 2012. Gravação em formato Mp3, transcrita para uso como fonte.

²⁹² EVANGÉLICOS lotam Câmara e pressionam por mudança, *Jornal de Jundiaí*, 24 mar. 2011. Disponível em www.portaljj.com.br, consultado em: 24/01/2012.

²⁹³ Em números gerais, Cristiano Manfio foi o décimo primeiro candidato mais votado, entre os cento e cinquenta e um candidatos que concorreram a uma carreira no legislativo assisense. TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. *Resultado da eleição 2004*. Disponível em: <http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-antiores/eleicoes-2004/resultado-da-eleicao-2004>, consultado em 03/04/2012.

“batizado nas águas” na IEQ de Candido Mota passou a trabalhar na igreja. Ainda na cidade de Candido Mota foi presidente do Grupo Missionário de Jovens, cargo que ocupou até o ano de 1999, nesse período também ocupou os cargos de diácono, fez parte do Conselho Diretor Local como secretário e, por fim, tornou-se pastor auxiliar. No ano de 1999 foi transferido para a cidade de Rancharia-SP, onde acumulou os cargos de pastor auxiliar, em tempo integral, e a Coordenadoria Regional do Grupo Missionário de Jovens. Em 2001, se transferiu para a cidade de Assis para pastorear a 5ª IEQ de Assis, na época ainda uma congregação ligada a IEQ-Sede, onde permaneceu até o ano de 2009.

3.4.2.1 - Ingresso na política e campanha eleitoral

Com a transferência do pastor e superintendente regional, Dirlei Gonçalves,²⁹⁴ para a cidade de Jundiaí, no ano de 2004, a IEQ de Assis se viu diante da necessidade de escolher um novo candidato oficial a representar a igreja nas eleições municipais daquele ano.²⁹⁵ Segundo Manfio, foi nesse contexto em que se deu seu ingresso na vida política:

Nessa especulação para escolher os nomes que iriam concorrer às prévias, surgiu o meu. Eu nem sabia, né. Um dia o superintendente, o pastor Josué, me chamou e me perguntou o que eu achava. Fiquei sabendo que as pessoas tinham indicado o meu nome. Ainda tinham mais duas pessoas [concorrendo] nas prévias, mas no dia das prévias, da votação, eles se

²⁹⁴ Entre os anos de 2003 e 2004 a IEQ na cidade de Jundiaí passou por sérios problemas que ameaçaram a unidade da denominação na cidade. Dirlei Gonçalves foi indicado como um pastor com habilidade para por fim à crise, o que o levou a ser transferido da cidade de Assis no início de 2004. Embora ainda cumprindo seu segundo mandato de vereador em Assis, prevaleceram as necessidades institucionais sobre o projeto político, contudo Gonçalves, não renunciou a seu cargo em Assis, viajando semanalmente para participar das sessões na Câmara de Vereadores. *Dirlei Gonçalves*, pastor da Igreja do Evangelho Quadrangular, em Jundiaí-SP. Depoimento concedido em abr. 2012. Gravação em formato Mp3, transcrita para uso como fonte. *Voz da Terra*, 09 jan. 2004, p. 03; *Voz da Terra*, 30 jan. 2004, p. 3.

²⁹⁵ Após a transferência de Dirlei Gonçalves para a cidade de Jundiaí-SP assumiu a direção da IEQ na cidade Assis o Reverendo Josué Augusto da Silva. Embora paulista, Silva era pastor da IEQ em Jequié-BA, tendo concorrido, sem sucesso, ao cargo de deputado estadual em 2002 recebendo 18.543 votos. NASCIMENTO, Neide. A história da Igreja do Evangelho Quadrangular na cidade Assis. In: *Informação: Boletim Quadrangular – Quadrangular Assis: 40 anos frutificando*. Assis: IEQ/Assis, Março de 2006, p. 3. TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. *Resultado da eleição 2004*. Disponível em: http://www.tse.gov.br/internet/eleicoes/2002/result_blank.htm, consultado em 04/04/2012.

retiraram e eu fui eleito por unanimidade. Concorri e graças a Deus fui eleito.²⁹⁶

Segundo o pastor, à semelhança do que afirmou Dirlei Gonçalves, sua entrada na política se deu por uma necessidade da igreja: “Tudo dentro de uma necessidade da igreja, na verdade. Falar que eu tinha um desejo, que pensava em ser um vereador, que eu tinha sonhado em um dia ser político, não tinha. Foi tudo por uma necessidade da igreja.”²⁹⁷ A participação política é por ele apresentada como uma resposta às necessidades do “povo de Deus”.

Esse elemento de renúncia dos interesses pessoais, a que estariam sujeitos os pastores envolvidos com a política é reafirmado discursivamente pelo uso de figuras bíblicas. Passagens bíblicas que relatam situações em que indivíduos permaneceram fieis, cumprindo um propósito divino, mesmo diante do perigo e do sofrimento, são ressaltadas:

[O bom político evangélico] é uma pessoa que você sabe que chegar lá e vai se manter firme. Vai ser um Daniel na Babilônia, vai ser um José no Egito, vai ser um Sadraque, Mesaque e Abednego, ele não vai se prostrar. E isso é o principal, porque na política tem muita vaidade.²⁹⁸

O fato de ter sido escolhido representante da igreja por meio de prévias internas conferiu maior legitimidade à candidatura de Cristiano Manfio.²⁹⁹ Se comparada à posição ocupada por Dirlei Gonçalves na estrutura eclesiástica da IEQ, a candidatura de Manfio representou um desafio maior. Gonçalves, por ser o principal líder da IEQ em Assis, gozava de maior visibilidade e prestígio junto aos membros e demais pastores, além do fato de já ter sido vereador anteriormente na cidade de Boituva. Manfio, por sua vez, não possuía experiência política e não ocupava uma posição de destaque dentro da igreja, para sua eleição à Câmara de Vereadores seria necessário um bom funcionamento do “Projeto de Cidadania Quadrangular”.

²⁹⁶ Cristiano Manfio, pastor da Igreja do Evangelho Quadrangular, em Sorocaba-SP. Depoimento concedido em abr. 2012. Gravação em formato Mp3, transcrita para uso como fonte.

²⁹⁷ Idem.

²⁹⁸ Idem.

²⁹⁹ Desde o ano de 2000, com a aprovação da última reforma estatutária, que a IEQ oficializou a realização de prévias internas para a escolha de seus representantes políticos.

Nesse ponto, o fato de a IEQ possuir um programa de “candidaturas oficiais”, que distribui a responsabilidade pelo sucesso eleitoral entre todos os pastores da denominação facilita, em parte, o trabalho do candidato. Assim à semelhança do que ocorreu nas candidaturas de Dirlei Gonçalves, procurou-se o empenho de todos os membros do ministério, pastores e obreiros, na campanha eleitoral, apoiando e buscando a adesão dos membros de suas respectivas igrejas.

Embora tenha contado com o apoio de outras denominações evangélicas de Assis, a campanha eleitoral de Manfio foi voltada para os fiéis da IEQ.³⁰⁰ Além da já utilizada, presença nos cultos, foram enviadas cartas e realizadas reuniões nas casas de membros da igreja. Houve preferência pelo contato “corpo a corpo”: “a gente procurava conversar mais pessoalmente para pedir voto, explicar as propostas e a importância da igreja ter representantes.”³⁰¹

Para o candidato que é ao mesmo tempo representante de uma denominação religiosa, ser pastor é positivo porque lhe garante uma boa circulação entre os fiéis mas, ao mesmo tempo, essa qualificação pode ser um fator de perda de votos, pois embora as igrejas busquem convencer seus fiéis sobre a necessidade da participação política, muitos fiéis permaneceram contrários ao envolvimento político de pastores. Anteriormente citamos o fato, relatado por Dirlei Gonçalves, de muitos fiéis “terem medo de perder o pastor para a política”, Manfio relata ter enfrentado a mesma dificuldade:

Eu, na minha igreja, não falava diretamente de política, quando eu falava, eu falava de consciência, da importância do voto, de valorizar o voto. No entanto, muitas pessoas, e eu digo muitas, sem exagero, não votavam em mim. E as pessoas declararam isso. Chegavam em mim, até mesmo antes da eleição, e falavam: Pastor, não vai dar pra votar porque o senhor é pastor e eu não quero dividir com a Câmara e com política e tal.³⁰²

³⁰⁰ Ainda que de forma isolada pastores das denominações Igreja Presbiteriana Renovada, Igreja Presbiteriana Independente, Casa da Bênção e Metodista, apoiaram a candidatura de Manfio. Cristiano Manfio, entrevista.

³⁰¹ Cristiano Manfio, *Entrevista*.

³⁰² Idem.

Esse ponto é importante por nos mostrar a necessidade de um maior cuidado na análise das relações entre pastores políticos e fiéis. Embora haja um claro esforço por parte das denominações no sentido de conseguir o apoio de seus membros aos seus candidatos oficiais, não há nada que garanta a fidelidade dos fiéis ao “candidato da igreja”. Se para a instituição religiosa é importante o sucesso de seu candidato, mais importante ainda é a manutenção da fidelidade religiosa de seus fiéis, o que dificulta a possibilidade de uma cobrança mais acentuada em relação ao apoio dos fiéis às “candidaturas oficiais”.

Esse é um dos motivos que levaram Cristiano Manfio a ampliar seu campo de ação na sua tentativa de reeleição em 2008. Além das reuniões nas casas de fiéis e da participação nos cultos e atividades da igreja foram promovidos encontros com lideranças comunitárias e de bairro, o que ajuda a explicar o aumento no número de votos recebidos. Internamente, a IEQ de Assis passava por sérios problemas no ano de 2008 que, com certeza, dificultaram a execução do projeto político da instituição. O afastamento do superintendente regional, Josué Augusto, acusado de adultério, acabou por afetar toda a estrutura da IEQ na cidade de Assis, com grande repercussão entre os fiéis. A Igreja-sede, maior IEQ de Assis e, portanto, principal reduto eleitoral, sofreu com a perda de membros, o que representou um sério obstáculo ao desenvolvimento do projeto político da igreja. Ao final, embora tenha recebido um número maior de votos em relação à eleição de 2004, Manfio não conseguiu se reeleger, ficando apenas como suplente.

Tabela 9 - Votos recebidos pelos candidatos da IEQ em Assis (1996-2008)				
Candidato	Eleições 1996	Eleições 2000	Eleições 2004	Eleições 2008
Dirlei Gonçalves	668	732	-	-
Cristiano Manfio	-	-	885	1002

Fonte: www.camaraassis.sp.gov.br

3.4.2.2 - Atuação legislativa

Na legislatura 2005-2008, Manfio foi o único “representante dos evangélicos” a ser eleito e não participou da base de apoio do prefeito eleito Ézio Spera, filiado ao então PFL.³⁰³ Em sua atuação legislativa apresentou à Câmara de Vereadores de Assis vinte e oito projetos de lei e seis projetos de decreto legislativo. Dentre os projetos de lei apresentados, nove se dedicaram a áreas normalmente entendidas como de interesse dos evangélicos.

No ano de 2006 apresentou três projetos, o PL 92/2006 que solicitava a cassação do alvará de funcionamento de casas de diversões, casas de shows, hotéis, motéis, bares e restaurantes que permitissem a prática ou o favorecimento da prostituição infantil, aprovado. Nesta mesma temática, foi aprovado o PL 100/2006 que autorizava a criação do “Programa de Ajuda ao Combate à Prostituição Infantil no município de Assis-SP”.³⁰⁴ Ainda em 2006, aprovou o PL 124/2006, que solicitava a exibição, na rede municipal de ensino, de desenhos animados com mensagens bíblicas. Assim o vereador justificou a legitimidade da referida proposta:

Ensinar a criança no caminho que deve andar é uma das grandes dádivas deixadas por Jesus Cristo quando ensinava seus discípulos aqui na terra. Baseado nestas questões e diante de uma enxurrada de mensagens alusivas ao sexo, drogas: como cigarros, bebidas e muitas outras, apresentamos alternativas para nossas crianças possam conhecer historias e textos maravilhosos contidos nas Escrituras Sagradas.³⁰⁵

A justificativa apresentada pelo vereador nos leva a outra questão, que é a forma como o parlamentar enxerga o papel ocupado pelo poder público, que deve ser o de defensor de uma sociedade baseada em valores cristãos:

³⁰³ Ézio Spera, médico pediatra, nasceu em 19/11/1952, cidade de Assis-SP. Foi eleito prefeito pela primeira vez no ano de 2004, pelo PFL, com 18.046 votos. Em 2008 foi reeleito recebendo um total de 40.348 votos, aproximadamente 83% dos votos válidos. Disponível em: http://www.seade.gov.br/produtos/eleicoes/candidatos/index.php?page=pol_det&cand=12117, consultado em 03/04/2012.

³⁰⁴ Projeto de lei 100/2006, disponível para consulta em: www.camaraassis.sp.gov.br, consultado em 03/04/2012.

³⁰⁵ Projeto de lei 124/2006, disponível para consulta em: www.camaraassis.sp.gov.br, consultado em 03/04/2012.

O papel preponderante do Poder Público é adotar medidas que venham suprir as necessidades da sociedade e proporcionar condições de uma melhor qualidade de vida. A presente proposição tem como finalidade passar para as crianças, através dos desenhos animados bíblicos, mensagens de paz, amor, carinho, esperança, independentemente de qual seja a religião, ensinando a criança que a estrutura da família está na Lei de Deus.³⁰⁶

Manfio voltou a legislar em favor dos evangélicos em seu último ano de mandato, 2008, apresentando seis projetos. Entre estes tem destaque o PL 5/2008, que requereu a isenção de pagamento do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) aos imóveis locados por entidades religiosas ou assistenciais. No Brasil, os prédios de propriedade de entidades religiosas tem normalmente obtido isenção de impostos como o IPTU, o projeto do vereador teve como objetivo estender esse benefício aos imóveis alugados pelas denominações religiosas. Embora aprovado pela Câmara Municipal o projeto foi vetado pelo Poder Executivo Municipal.

O PL 55/2008 teve como objetivo permitir as entidades religiosas de Assis receber gratuitamente, por parte do poder público municipal, solo urbano (terra), para ser utilizado na construção, reforma ou ampliação de seus templos. Buscou-se, assim, ampliar às igrejas evangélicas um benefício já oferecido as entidades assistenciais do município desde o ano de 1995.³⁰⁷ Foram também aprovados dois projetos relacionados à temática da moralidade, o PL 63/2008 que regulamentava a disposição de tempo para a veiculação de campanhas educativas contra o uso de drogas em eventos culturais realizados na cidade e o PL 71/2008 que dispunha sobre a proibição de colocação de anúncios de cigarros, bebidas alcoólicas e de propagandas que contenham apelos sexuais em estabelecimentos a menos de quinhentos metros de instituições de ensino.

Por fim, foram aprovados dois projetos de decreto legislativo, o primeiro, o PDL 24/2008, outorgando o título de cidadã assisense à pastora da Igreja Metodista, Railda

³⁰⁶ Id. *ibid.*

³⁰⁷ Lei Municipal n.º 4.586, de 16 de maio de 2005. Disponível em: www.camaraassis.sp.gov.br, consultado em 04/03/2012.

Marinho de Brito, e o PDL 22/2008, que outorgou o título de Cidadão Benemérito de Assis ao pastor da IEQ, José Carlos dos Reis. Entre as 434 moções apresentadas, 104 foram destinadas a igrejas ou lideranças evangélicas da cidade de Assis, sendo apenas 13 destinadas a lideranças da IEQ.³⁰⁸

Podemos extrair algumas considerações acerca da atuação de Cristiano Manfio na Câmara de Vereadores de Assis. Em primeiro lugar, sua atuação foi voltada, mas não somente, para a defesa de temas comumente associados aos interesses dos grupos evangélicos com destaque para os temas ligados à educação e o combate à prostituição infantil. Os demais projetos apresentados se voltaram principalmente para as áreas de educação e trânsito. É importante perceber que entre os projetos que procuraram atender aos interesses dos evangélicos, não houve uma busca direta de benefícios para a IEQ, denominação a qual fazia parte.

3.5 - Bíblia e política

Por fim, é necessário realizarmos alguns apontamentos acerca de um elemento essencial para o sucesso alcançado pelos grupos evangélicos no campo político, que é a politização de textos e personagens bíblicas. O já citado biblicismo é um dos traços característicos dos grupos pentecostais brasileiros e a IEQ, por sua vez, não se encontra excluída desse quadro. Isso é demonstrado, por exemplo, na ênfase dada à preparação de quadros ministeriais, que tem como pré-requisito a formação no Instituto Teológico Quadrangular e o desejo ostensivo de que seus membros participem das atividades oferecidas pela Escola Bíblica Quadrangular. Para o fiel da IEQ, o estudo da Bíblia aproxima o fiel do verdadeiro conhecimento acerca da “vontade de Deus para com o homem.”

³⁰⁸ Moções apresentadas por Cristiano, disponível no Arquivo da Câmara Municipal de Vereadores de Assis, e pela internet em www.camaraassis.sp.gov.br.

A entrada dos grupos pentecostais na política está inserida em um duplo contexto, internamente a chegada de novas linhas teológicas contribuíram para uma mudança de postura frente ao social e ao político. No contexto externo, o processo de redemocratização na década de 1980, estimulou a entrada de diversos grupos sociais na cena pública. Todavia, esses dois pontos não são suficientes para explicar a entrada e o sucesso alcançado pelos grupos evangélicos no campo político.

Acima, demonstramos as estratégias utilizadas por pastores da IEQ no sentido de garantir o apoio de seus fiéis a seus projetos políticos, como a participação nos cultos, a distribuição de “profetinhas” e realização de cultos familiares, no entanto, há um ponto importante ainda não explicitado que é o papel ocupado pela Bíblia enquanto elemento gerador de participação política. No Brasil, a Bíblia representa uma fonte de saber religioso socialmente reconhecida por católicos e protestantes, o que contribui para que haja um uso político da interpretação bíblica. A Bíblia é explorada como geradora de “uma nova consciência política”.³⁰⁹

De modo geral, quando um fiel lê a Bíblia, seja em seu dia-a-dia, ou no espaço dos templos, ele espera ouvir a voz de Deus. Não há uma preocupação prévia com questões históricas e hermenêuticas e, embora seja fato que as várias tradições cristãs dão aos fiéis certa herança teológica que serve de diretriz para a leitura da Bíblia, isso não é reconhecido prontamente, pois os fiéis, de modo geral, ao lerem a Bíblia entendem que estão “ouvindo Deus falar”, e não a teologia da qual são herdeiros.³¹⁰

Nesse contexto, a interpretação de textos bíblicos como motivadores de uma participação política é, pelo menos em Assis, comum a pentecostais e católicos. Dom Antonio de Sousa, bispo diocesano, por exemplo, nos artigos publicados na imprensa local se utilizou constantemente de passagens bíblicas para legitimar a participação política de cristãos.

³⁰⁹ NOVAES, R. Op. cit., p. 95.

³¹⁰ MACHADO, Jonas. “Bíblia e cotidiano: o uso da Bíblia no dia a dia nas comunidades de fé”. *Revista Caminhando*, v. 16, n. 1, p. 59-70, jan./jun. 2011.

Expressões como “sal da terra e luz do mundo” ganharam uma interpretação política: “que os cristãos assumam com responsabilidade sua missão na vida pública, ‘iluminar a política com a luz do Evangelho, dando-lhe o sabor da justiça administrativa em favor do bem comum.’”³¹¹ Da mesma forma, entre os evangélicos o uso de imagens bíblicas é uma constante. Imagens bíblicas como as de “José do Egito”, de “Daniel na cova dos leões” e de “Moisés, que libertou o povo de Israel da escravidão”,³¹² são utilizados figurativamente para representar o papel ocupado pelos pastores evangélicos no campo político.

A interpretação de textos bíblicos a partir de um viés político, ou se preferir a politização de imagens bíblicas é uma constante nos grupos evangélicos envolvidos com a política partidária. De outra forma, sem o uso da Bíblia, com seus símbolos e imagens motoras tão familiares aos fiéis, dificilmente as igrejas pentecostais conseguiriam sucesso em seus projetos políticos.

³¹¹ *Voz da Terra*, 16 jun. 2000, p. 2.

³¹² Dirlei Gonçalves, pastor da Igreja do Evangelho Quadrangular, em Jundiaí-SP. Depoimento concedido em abr. 2012. Gravação em formato Mp3, transcrita para uso como fonte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi motivado pelo desejo de entender o contexto histórico de entrada da Igreja do Evangelho Quadrangular no campo político brasileiro especificamente na cidade de Assis-SP. O que se procurou demonstrar é que a entrada desses novos atores no cenário político não foi fruto unicamente das ambições pessoais de pastores que manipulariam seus fieis com o objetivo de atender a seus anseios pessoais, antes o quadro se mostra marcado por uma grande complexidade.

Embora tenha-se registros de igrejas pentecostais indicando “candidatos oficiais” entre as décadas de 1960 e 1980, essas atitudes devem ser encaradas isoladamente. Foi majoritariamente no contexto do processo de redemocratização pós-1985 que estas igrejas se posicionaram de modo a conseguir eleger seus representantes nas disputas eleitorais. Atualmente, é impossível realizar uma análise do campo religioso brasileiro sem levar em consideração os posicionamentos adotados pelas igrejas pentecostais.

A década de 1980 foi marcada pela emergência de novos atores que passaram a exigir participação nas esferas de decisão política. É nesse contexto que a participação política das denominações pentecostais deve ser inserida. Internamente, o movimento pentecostal brasileiro vinha recebendo influencia de novas linhas teológicas que convidavam os fieis pentecostais a adotarem uma nova postura frente ao mundo social. As chamadas “Teologia do Domínio” e “Teologia da Prosperidade” foram, ainda que com intensidade diversificada, pouco a pouco, deitando raízes em boa parte das denominações pentecostais brasileiras. Segundo essas linhas teológicas, cabia ao fiel pentecostal não mais deslocar suas esperanças para um porvir, o “Reino de Deus” deveria ser estabelecido aqui mesmo, neste mundo. Enquanto “filhos de Deus” os fieis deveriam se engajar em uma “batalha espiritual” contra as influências satânicas que estariam alojadas em diversos setores da sociedade brasileira, inclusive na política, daí a necessidade de se eleger políticos

evangélicos. Para que possamos entender a entrada das denominações pentecostais na política não podemos ignorar essas mudanças que aos olhares mais desatentos podem passar despercebidas.

A Igreja do Evangelho Quadrangular figurou entre as primeiras igrejas pentecostais brasileiras a apoiar a participação de pastores no campo político. Desde o final da década de 1980, a Quadrangular tem buscado se organizar institucionalmente de modo a maximizar o sucesso eleitoral de seus “candidatos oficiais”. A criação da Secretaria Geral de Cidadania se deu nesse contexto, aliás, a palavra “cidadania” recebe um valor peculiar quando empregada no meio evangélico. De fato, a IEQ defende que a mobilização política dos cristãos só traria benefícios ao campo político brasileiro, já que esta seria precedida por uma tomada de consciência cidadã por parte dos fieis. Todavia, a “cidadania quadrangular” só se realiza totalmente na medida em que os fieis aliam crenças religiosas e participação política. O voto torna-se, simbolicamente, parte da missão cristã de expandir o “Reino de Deus” neste mundo.

Embora o tema da participação política entre os pentecostais receba grande atenção por parte da mídia, não foram estes que iniciaram as relações entre religião e política no Brasil. O catolicismo aqui presente desde os tempos coloniais sempre esteve alinhado às esferas de poder político. Mesmo com o advento da república e a separação entre Estado e Igreja estes continuaram próximos, desenvolvendo, em muitos casos, uma relação simbiótica. Este foi o caso, por exemplo, do catolicismo na cidade de Assis, onde a instalação do bispado só tornou-se possível graças ao engajamento da elite local nesse projeto. Nas décadas seguintes, o catolicismo assisense não se esquivou de usar sua influência sobre o campo político local. Atualmente, essa influência se dá pela conscientização dos fieis católicos a votarem em candidatos que se encaixem nos princípios contidos na “Doutrina Social da Igreja”. Promoção de encontros entre pré-candidatos e lideranças católicas, confecção de

cartilhas, publicação de textos nos jornais locais e o estímulo à candidatura de leigos foram algumas das estratégias utilizadas pelo clero católico assisense.

Entre as igrejas pentecostais assisenses a IEQ tem se destacado no apoio de “candidatos oficiais”, conseguindo eleger dois representantes ao legislativo local. Segundo a própria instituição, o político da IEQ tem como principal responsabilidade adotar uma postura coerente com a Igreja que o elegeu. O político eleito não é “dono” de seu próprio mandato, antes esse deve ser de propriedade da Igreja. Daí a preferência pela escolha de pastores para concorrerem nas eleições, que pelo próprio vínculo estariam mais sujeitos ao controle institucional. A estratégia eleitoral adotada pela IEQ, com a realização de prévias para a escolha dos representantes da igreja e a mobilização de toda a sua estrutura eclesiástica, pró-candidato tem alcançado resultados positivos.

O sucesso alcançado pelos pastores da IEQ na política é diretamente proporcional as habilidades destes em converter seu capital religioso para o campo político e nesse objetivo, são várias as estratégias adotadas. Há uma exaltação, perante aos fieis, das virtudes cristãs do candidato, que é um “homem de Deus”, assim como o emprego de categorias próprias do campo religioso para o campo político. Personagens bíblicos como Moisés, Daniel e Davi são utilizados para representar a posição ocupada pelo pastor no campo político. Ainda assim, muitos membros continuam contrários ao envolvimento político de seus líderes. Não há mecanismos que possam garantir às igrejas o engajamento total de seus fieis. Não se faz política na igreja do mesmo modo que se faz no partido.

Assim, devemos relativizar a idéia de que as igrejas se constituem em “currais eleitorais”, onde os fieis votam cegamente nos candidatos indicados por seus pastores. No caso da IEQ, houve uma mobilização da igreja, pró-candidatura, e se buscou abertamente influenciar o voto dos membros, mas em um contexto de ampla concorrência e grande oferta de possibilidades de pertencimento no “mercado de bens religiosos”, a igreja se

esforçou por “ganhar votos sem perder fieis”. A influência que a instituição religiosa exerce na escolha política do fiel deve ser conjugada a uma série de outros fatores, “nada garante que outros tipos de pertencimento, lealdades e adesões familiares e/ou locais não influenciem os votos dos membros da Igreja.”³¹³

³¹³ NOVAES, Regina Reyes. Op. cit., p. 86.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES

Fontes impressas: jornais

Folha de São Paulo, São Paulo, 31 dez. 1974.

Informação: Boletim Quadrangular. Assis: IEQ/Assis, Março de 2006.

Informação: Boletim Quadrangular. Assis: IEQ/Assis, Abril de 2006.

Informação: Boletim Quadrangular. Assis: IEQ/Assis, Maio de 2006.

Informação: Boletim Quadrangular. Assis: IEQ/Assis, Junho de 2006.

Voz Quadrangular: Jornal Ministerial de Informação e estratégia da Igreja do Evangelho Quadrangular. Ano 11, nº 60, 1999.

Voz Quadrangular: Jornal Ministerial de Informação e estratégia da Igreja do Evangelho Quadrangular. Ano 11, nº 61, 1999.

Voz Quadrangular: Jornal Ministerial de Informação e estratégia da Igreja do Evangelho Quadrangular. Ano 11, nº 62, 1999.

Voz Quadrangular: Jornal Ministerial de Informação e estratégia da Igreja do Evangelho Quadrangular. Ano 11, nº 63, 1999.

Voz da Terra, Assis, 27 jan. 1996.

Voz da Terra, Assis, 22 fev. 1996.

Voz da Terra, Assis, 09 ago. 1996.

Voz da Terra, Assis, 30 ago. 1996.

Voz da Terra, Assis, 30 ago. 1996.

Voz da Terra, Assis, 05 out. 1996.

Voz da Terra, Assis, 05 out. 1996.

Voz da Terra, Assis, 05 out. 1996.

Voz da Terra, Assis, 05 out. 1996.

Voz da Terra, Assis, 17 abr. 1997.

Voz da Terra, Assis, 24 abr. 1997.

Voz da Terra, Assis, 23 mai. 1997.

Voz da Terra, Assis, 26 jun. 1997.

Voz da Terra, Assis, 03 jul. 1997.

Voz da Terra, Assis, 03 jul. 1997.

Voz da Terra, Assis, 04 jul. 1997.

Voz da Terra, Assis, 15 nov. 1997.

Voz da Terra, Assis, 15 nov. 1997.

Voz da Terra, Assis, 17 jun. 2000.

Voz da Terra, Assis, 01 jul. 2000.

Voz da Terra, Assis, 28 ago. 2000.

Voz da Terra, Assis, 28 ago. 2000.

Voz da Terra, Assis, 09 jan. 2004.

Voz da Terra, Assis, 30 jan. 2004.

Voz da Terra, Assis, 08 abr. 2004.

Voz da Terra, Assis, 21 abr. 2004.

Voz da Terra, Assis, 04 set. 2004.

Fontes impressas: Livros

IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR, *O Evangelho Quadrangular*. São Paulo: Editora Quadrangular, 1999.

IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR, *Estatuto da Igreja do Evangelho Quadrangular*. São Paulo: Editora Quadrangular, 2000.

IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR, *Regimento Interno*. São Paulo: Editora Quadrangular, 2000.

MARQUES, Cairo. & PRESTES, Nelson O. *Doutrinas Bíblicas*. São Paulo: Editora Quadrangular, 1999.

MARQUES, Cairo. *Administração Eclesiástica*, São Paulo: Editora Quadrangular, 1999.

ROMEIRO, Paulo. *Supercrentes: o evangelho segundo Kenneth Hagin*, Valnice

Milhomens e os profetas da prosperidade. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1993.

ROSA, Júlio O. *O Evangelho Quadrangular no Brasil: fundação e expansão da Cruzada Nacional de Evangelização*. Belo Horizonte: Editora Betânia, 1977.

SCOTTI, Ignez Terezinha. *Evangelho Quadrangular: Teologia confessional*. Curitiba: Secretaria Geral de Educação e Cultura da Igreja do Evangelho Quadrangular - IEQ, 2010.

SILVEIRA, Jerônimo Onofre da. *Produzindo por mil homens*. Belo Horizonte: Jerônimo Onofre Silveira, s/ data.

SOARES, R. R. *Como tomar posse da bênção*. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 1997.

Fontes impressas: Leis

Lei Estadual nº 1.581 de 20 de dezembro de 1917.

Lei Municipal nº 2.144 de 16 de abril de 1982.

Lei Municipal nº 2.933, de 30 de setembro de 1991.

Fontes impressas: Projetos de lei

- Projetos apresentados pelo vereador Dirlei Gonçalves (1997-2004)
- Projetos apresentados pelo vereador Cristiano Manfio (2005-2008)

Fontes impressas: Livro de Atas

IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR DE ASSIS, *Livro de Atas das reuniões do Conselho Diretor Local* (1967-1981).

Fontes Oraís:

Edson Souza. Pastor e Coordenador Regional de Ação Política da Igreja do Evangelho Quadrangular de Assis. Depoimento concedido em jan. 2010, Gravação em MP3, transcrito para uso como fonte. Arquivo pessoal.

Luiz Ramos, pastor e superintendente regional da IEQ em Assis. Depoimento concedido em jan. 2011, transcrito para uso como fonte.

Neide Nascimento. Pastora da Igreja do Evangelho Quadrangular, em Assis-SP. Depoimento concedido em jan. 2010. Transcrita para uso como fonte.

Dirlei Gonçalves, pastor da Igreja do Evangelho Quadrangular, em Jundiaí-SP. Depoimento concedido em abr. 2012. Gravação em formato Mp3, transcrita para uso como fonte.

Cristiano Manfio, pastor da Igreja do Evangelho Quadrangular, em Sorocaba-SP. Depoimento concedido em abr. 2012. Gravação em formato Mp3, transcrita para uso como fonte.

Fontes produzidas pela pesquisa de campo: observações participantes

Foram realizadas pesquisa de campo – observação participante -, nas igrejas do Evangelho Quadrangular, na cidade de Assis, no período de junho de 2009 a dezembro de 2010, com registro em diário de campo, catalogação e análise.

Fontes eletrônicas:

Como tudo começou: Parte 1, Disponível em http://nossasenhoadaplatina.zip.net/arch2006-05-21_2006-05-27.html, consultado em 26/03/2012.

Como tudo começou: Parte 2, Disponível em http://nossasenhoadaplatina.zip.net/arch2006-05-21_2006-05-27.html, consultado em 26/03/2012.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil* (2003-2006), 2003, p. 8. Disponível em: http://www.cnbb.org.br/diretrizes/documentos/doc_download/8-doc-71-diretrizes-gerais-da-acao-evangelizadora-da-igreja-no-brasil-2003-2006.html, consultado em 10/04/2012.

DOCTRINA sócio-política da Igreja do Evangelho Quadrangular, disponível em <http://www.cidadaniaquadrangular.com.br>, consultado em 14/05/2010.

EVANGÉLICOS lotam Câmara e pressionam por mudança, *Jornal de Jundiaí*, 24 mar. 2011. Disponível em www.portaljj.com.br, consultado em: 24/01/2012

IBGE - *Censo Demográfico 2000*. Disponível em http://www.mai.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=75&Itemid=69,

consultado em 19/11/2011.

JESUS, Marli de. *O Evangelho Quadrangular: o que é e como surgiu*. Disponível em: <http://www.quadrangularbrasil.com>, consultado em 15/05/2009.

SECRETARIA ESTADUAL DE CIDADANIA. *Cidadania Quadrangular*, disponível em <http://www.ieqcedsp.com.br/portal/novidades/cidadania.asp> em 26/07/2010.

<http://www.camaraassis.sp.gov.br>

<http://www.cidadaniaquadrangular.com.br>

<http://www.ibge.gov.br>

<http://www.ieqcedsp.com.br>

<http://www.mai.org.br>

<http://www.quadrangularbrasil.com.br>

<http://www.tse.jus.br>

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. “Distinções no campo de estudos da religião e da história”. In: GUERRIERO, Silas (org.) *O estudos da religião: desafios contemporâneos*. São Paulo: Paulinas, 2003. P. 57-68.

ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. “Da História Religiosa à História Cultural do sagrado”. *Ciências da Religião – História e Sociedade*. Vol. 5, n. 5, 2007.

ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. “Historiografia e religião”. São Paulo: *Revista Eletrônica NURES – Núcleo de Estudos Religião e Sociedade*, São Paulo, ano 3, n. 3, p. 1-10, jan./abr. 2007.

ALVES, Rubem A. “A volta do sagrado: os caminhos da Sociologia da Religião no Brasil”. *Religião e sociedade*, n. 3, out-nov, 1978.

ANTONIAZZI, Alberto (org.). *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis, Vozes, 1994.

AQUINO, Maurício de. *A vós suspiramos neste trem da vida: catolicismo, criação religiosa e identidade da devoção a Nossa Senhora do Vagão Queimado de Ourinhos-SP (1954-2006)*. Dissertação de Mestrado em História, Assis: Unesp, 2007.

AVELAR, Lúcia. “Participação política”. In: CINTRA, Antonio Octávio (org.) *Sistema político brasileiro: uma introdução*. Rio de Janeiro: Konrad-Adenauer-Stiftung, São Paulo: Unesp, 2004.

- BAPTISTA, Saulo de Tarso Cerqueira. *Cultura política brasileira, práticas pentecostais e neopentecostais: a presença da Assembleia de Deus e da Igreja Universal do Reino de Deus no Congresso Nacional (1990-2006)*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007.
- BECKER, J. “O handicap do a posteriori”. In: AMADO, J. e FERREIRA, M. (orgs.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.
- BERNO, Monise Cristina. *Entre a Cruz e a TV: “Um dia sem TV” em prol do “bom senso”*. Dissertação de Mestrado em História, Assis: Unesp, 2010.
- BONNEWITZ, Patrice. *Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de (org). *Católicos, protestantes e espíritas*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- CAMPOS JUNIOR, Luís de Castro. *Pentecostalismo: Sentidos da palavra divina*. São Paulo, Ática, 1995.
- CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- CARVALHO, José Murilo. “Fundamentos da política e da sociedade brasileiras”. In: CINTRA, Antonio Octávio (org). *Sistema político brasileiro: uma introdução*. RJ: Konrad-Adenauer-Stiftung, SP: Unesp, 2004.
- CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- COUTROUT, A. “Religião e política”. In: REMOND, Rene (org.). *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.
- D’ÂNGELO, J. C. (Pe); MANOEL, I. A. *Diocese de Assis: notas históricas e pastorais*. Aparecida: Santuário, 1990.
- D’EPINAY, Christian L. *Refúgio das Massas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- DAVID, Priscila. *Crimes de estupro, sedução e rapto em Assis (1950-1970)*. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Estadual Paulista, Assis, 2009.
- FRESTON, P. “Protestantismo e democracia no Brasil”, *Lusotopie 1999*, pp.329-340.
- FRESTON, P. *Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment*. (Tese de Doutorado) Campinas: Unicamp, 1993.
- HUFF JÚNIOR, Arnaldo Érico. “Campo religioso brasileiro e história do tempo presente”. In: ANAIS DO II ENCONTRO NACIONAL DO GT HISTÓRIA DAS

RELIGIÕES E DAS RELIGIOSIDADES, *Revista Brasileira de História das Religiões* – ANPUH, Maringá (PR) v. 1, n. 3, 2009.

JULIA, Dominique. “História religiosa”. In: LE GOFF, J; NORA, P. (Org.) *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 106-131.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*, Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

MACHADO, Jonas. “Bíblia e cotidiano: o uso da Bíblia no dia a dia nas comunidades de fé”. *Revista Caminhando*, v. 16, n. 1, p. 59-70, jan./jun. 2011.

MAIO, Maria das Graças de. *Assis: cidade fraternal*, São Paulo: Editora Noovha America, 2004.

MARIANO, R. “Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal”. *Revista Estudos Avançados*. São Paulo, 18, n.º 52, 2004.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

MAY, Tim. *Pesquisa social. Questões, métodos e processos*. Porto Alegre: Artmed, 2001. p.177.

MONTES, Maria Lucia. “As figuras do sagrado: entre o público e o privado”, In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, vol. 4, 1994.

MOTT, Luiz. “Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu”. In: SOUZA, Laura de Mello e (Org.) *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa*, São Paulo: Companhia das Letras, vol. 1, 1997.

NAVES, Rubens. “Novas possibilidades para o exercício da cidadania”. In: PINSKY, Jaime & PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.) *História da cidadania*. São Paulo: Contexto, 2003.

NOVAES, Regina Reyes. “Crenças religiosas e convicções políticas: fronteiras e passagens”. In: FRIDMAN, Luis Carlos (org.). *Política e cultura: século XXI*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: ALERJ, 2002.

OLIVA, Alfredo dos S. *O discurso sobre o mal na Igreja Universal do Reino de Deus: uma história cultural do Diabo no Brasil contemporâneo (1977-2005)*. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis. Universidade Estadual Paulista, 2008.

ORO, Ari Pedro. “A política da Igreja Universal e seus reflexos nos campos religioso e político brasileiros”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 18. N. 53, outubro/2003

PRADO, Antônio Lázaro de Almeida; MORELI, Maria Sílvia Moraes Nórcia. *Assis: passado, presente e futuro*. Assis: Conosco, 2003.

PROENÇA, Wander de Lara. “Contribuições do Método da Observação Participante

para pesquisas no campo religioso brasileiro”. *Revista Antropos* – v. 2, Ano I, Maio de 2008. p. 8-33.

PROENÇA, Wander de Lara. *Sindicato de mágicos: uma história cultural da Igreja Universal do Reino de Deus (1977-2006)*. Tese de doutorado em História. FCL/Assis, 2006.

QUADROS, Eduardo Gusmão. “A vivência religiosa como objeto da História das Religiões: uma leitura de Michel de Certeau”. *Impulso*, Piracicaba, 15 (73): 101-109, 2004.

ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostalismo: gênese, estrutura e funções*. São Paulo, USP, 1976. (Tese de Doutorado)

SALES, Igor Marlon. *A autocompreensão da Igreja e Renovação Carismática Católica*, Dissertação de Mestrado em História. Franca: Unesp, 2006.

SANTOS, Adriana Martins dos. *A construção do Reino: a Igreja Universal e as instituições políticas soteropolitanas (1980-2002)*. Salvador: UFBA, Dissertação de Mestrado em História – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, 2009.

SANTOS, Cátia. *Línguas de Fogo: acomodação, rebelião e cidadania entre os pentecostais de São Paulo (1960-1994)*. Faculdade de Ciências e Letras, Câmpus de Assis. Universidade Estadual Paulista, 1995. (Dissertação de Mestrado)

SIEPIERSKI, Paulo D. “Contribuições para uma tipologia do pentecostalismo brasileiro”. In: GUERRIERO, Silas (org.) *O estudos da religião: desafios contemporâneos*. São Paulo: Paulinas, 2003.

SILVA, Claudia Neves. *As ações assistenciais promovidas pelas Igrejas Pentecostais no Município de Londrina (1970 – 1990)*. Faculdade de Ciências e Letras, Câmpus de Assis. Universidade Estadual Paulista, 2008. (Tese de Doutorado)

SOUZA, B. M. e MARTINO, L. S. (org.), *Sociologia da Religião e Mudança Social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil*, São Paulo, Paulus, 2004.